

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS- PUC GOIÁS  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO EM LETRAS- LITERATURA E CRÍTICA LITERÁRIA**

**COSME JUARES MOREIRA STRÉGLIO**

**A LÍRICA DE LEODEGÁRIA DE JESUS: DEVANEIO POÉTICO E IMAGEM**

**GOIÂNIA, 2015**

**COSME JUARES MOREIRA STRÉGLIO**

**A LÍRICA DE LEODEGÁRIA DE JESUS: DEVANEIO POÉTICO E IMAGEM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação *Strictu Sensu* em Letras, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito para obtenção do título de Mestre em Literatura e Crítica Literária.

Orientadora: Professora Dra. Maria de Fátima Gonçalves Lima.

**GOIÂNIA, 2015**

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)  
(Sistema de Bibliotecas PUC Goiás)

Stréglcio, Cosme Juares Moreira.  
S9151 A lírica de Leodegária de Jesus [manuscrito] : Devaneio  
Poético e imagem / Cosme Juares Moreira Stréglcio – Goiânia,  
2015.  
95 f. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de  
Goiás, Programa de Mestrado em Letras e Crítica Literária, 2015.  
“Orientadora: Profa. Dra. Maria de Fátima Gonçalves Lima”.  
Bibliografia.

1. Eu Lírico. 2. Devaneio. 3. Imaginário. I. Título.

CDU 821.134.3(817.3)-14.09(043)

**Folha de Aprovação**

**COSME JUARES MOREIRA STRÉGLIO**

**A LÍRICA DE LEODEGÁRIA DE JESUS: DEVANEIO POÉTICO E IMAGEM**

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Literatura e Crítica Literária da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Mestre em Literatura e Crítica Literária.

Goiânia, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015

---

Profa. Dra. Maria de Fátima Gonçalves Lima(Orientadora)  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-GO

**Banca Examinadora da Defesa**

---

Dr. José Fernandes- UFG

---

Dr. Divino José Pinto - PUC-GO

---

Dr. Iedo de Oliveira Paes – UFRPE (Suplente)

GOIÂNIA  
2015

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta pesquisa a Abigail Henriqueta Nery Carneiro, esposa e amiga, que esteve presente em todos os momentos, inclusive naqueles em que apareciam desafios em relação à produção escrita. Com o seu apoio, pude chegar a esse momento de vitória.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pela graça da elaboração desta pesquisa, que me proporcionou conhecimento sobre a poesia goiana e que, em meio aos desafios que ocorreram na organização desta dissertação, fez com que eu chegasse ao momento importante desta realização.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria de Fátima Gonçalves Lima, pela constante motivação, confiança e orientação para que eu pudesse realizar uma pesquisa de qualidade sobre uma das melhores poetisas do Estado de Goiás.

Ao Prof. Dr. Iêdo de Oliveira Paes, pelo apoio e correção que me possibilitaram o aperfeiçoamento na produção textual.

Ao Prof. Dr. José Fernandes que me possibilitou o enriquecimento do saber à medida que me orientava no contato com a obra dos grandes teóricos da literatura.

A todos os professores e professoras do programa do Mestrado em Literatura e Crítica Literária que, durante as aulas, me provocaram mais entusiasmo pelo estudo e pela pesquisa literária.

A Luiz de Aquino, um dos grandes poetas goianos, pela brilhante sugestão do tema para a realização deste estudo sobre Leodegária de Jesus.

A Abigail Henriqueta Nery, esposa e amiga, pelo apoio e incentivo na realização desta Dissertação.

*Vi fugir de uma vez o bando azul das lentas fantasias que me acariciavam desde a infância, imprimindo em minha alma o selo eterno da melancolia e não deixando de esperança, senão uma mirrada plantinha, da qual brotaram alguns lírios pálidos os quais colhi e formei esta singela Coroa que examinais agora.*

Leodegária de Jesus

## RESUMO

A proposta desta pesquisa tem como base a compreensão da formação poética de Leodegária de Jesus, bem como sua tentativa de construção dos primeiros versos com o apoio da família e a publicação das duas obras: *Coroa de lírios* e *Orquídeas*. Esta pesquisa também analisa como o eu lírico, nestas duas obras, desenvolve os passos poéticos tendo a idealização referente ao amor, passando pelos caminhos do devaneio e, ao mesmo tempo, tendo a ideia da fuga do sofrimento amoroso por meio da criação poética. A autora, por sua vez, através do eu lírico demonstra a compreensão da dinâmica da dualidade que se dá entre os termos: vida e morte, sofrimento e felicidade chegando ao aspecto místico do amor e do sofrimento. Esses aspectos revelam o eu lírico numa coletânea de poemas conhecidos como “Semana Santa”. Para o alcance dos objetivos propostos para a realização deste estudo dissertativo, temos como suporte teórico o arquétipo de Northorp Frye e a teoria do imaginário.

**Palavras-Chave:** Eu lírico. Devaneio. Imaginário. Arquétipo.

## ABSTRACT

The proposal of this research is based on the understanding of the formation of poetic Leodegária of Jesus, as well as his attempt of construction of the first verse with the support of the family and the publication of two works: "Crown of lilies" and "Orchids". This research also analyzes how the lyrical I in these two works develops the poetic steps having the idealization for love through the paths of reverie and at the same time having the idea of escape from suffering sweet through the poetic creation comprising, in turn, the dynamics of duality that occurs between the terms: life and death, suffering and happiness coming to Mystic aspect of love and suffering that brings a collection of lyrical I poems known as "Semana Santa", and having as theoretical support for the present analysis of this survey the archetype of Northrop Frye and imaginary theory.

Keywords: I lyrical. Reverie. Imaginary. Archetype.

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>11</b>
<b>1. A POETISA LEODEGÁRIA DE JESUS E A FORMAÇÃO DA POESIA.....</b>	<b>16</b>
1.1. Breve traçado biográfico sobre Leodegária.....	17
1.2. Primeiros passos poéticos.....	18
1.3. Os primeiros versos e o sentimento romântico.....	30
<b>2. O DEVANEIO POÉTICO EM LEODEGÁRIA.....</b>	<b>38</b>
2.1. A poética do devaneio e o eu lírico.....	40
2.2. O devaneio como felicidade plena do eu lírico.....	47
<b>3. O IMAGINÁRIO NA LÍRICA DE LEODEGÁRIA.....</b>	<b>60</b>
3.1. A definição do imaginário em Gilbert Durand.....	62
3.2. A dimensão poética e a relação com o imaginário.....	65
3.3. O poético e regime diurno.....	69
3.4. A relação diurna e noturna do imaginário.....	73
3.5. A teoria do mito em <i>Coroa de lírios</i> .....	76
3.5.1. O mito e a diania.....	77
3.5.2. O arquétipo na poética de Leodegária.....	78
3.5.2.1 A imagem bíblica nos poemas de Leodegária.....	83
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>91</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>93</b>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente estudo tem como objetivo a análise da trajetória poética e da formação do eu-lírico em Leodegária de Jesus. Gilbert Durand (2001), com sua teoria sobre o imaginário; o filósofo Gaston Bachelard (1988) esclarecendo os aspectos sobre o devaneio e Northop Frye (1978) que reflete sobre o arquétipo apocalíptico e demoníaco servir-nos-ão como aporte teórico neste estudo dissertativo.

Estudar a poesia de Leodegária de Jesus equivale a ter um olhar voltado para a literatura goiana do início do século XX, pois a poetisa em estudo foi a primeira mulher a ter um livro de poesia publicado em Goiás. Sua obra *Coroa de lírios*, de 1906, foi um grande avanço para o mundo literário dos ermos goianos. A poesia de Leodegária abriu o caminho para um olhar poético feminino nesse Estado. Posteriormente, apareceu Cora Coralina, que se tornou grande amiga de Leodegária e, juntas, formaram o círculo literário denominado O Rosa<sup>1</sup>, na cidade de Goiás.

Darcy Denófrío (2001, p.15) explica que a primeira obra de Leodegária de Jesus, publicada pela editora Livro Azul, surpreendeu a crítica por ela ser muito jovem, contando com apenas 17 anos, porém a dificuldade editorial em Goiás era muito grande sendo as obras literárias editadas em São Paulo e no Rio de Janeiro. Gilberto Mendonça Teles (1982) demonstra as grandes publicações poéticas no início do século XX. Todavia, em Goiás, Leodegária era a única mulher entre muitos autores que tiveram suas obras publicadas.

Um dos objetivos do presente estudo é permitir um entendimento do que é criação poética, do olhar sobre o mundo, numa linguagem subjetiva, passando pelos caminhos do arquetípico sobre os objetos e ambientes como foco de reflexão poética. Sobre esse aspecto, Gilbert Durand (2001), em sua obra *As estruturas antropológicas do imaginário*, afirma que o arquétipo sendo intermediário entre esquemas subjetivos e imagens constituídas a partir do ambiente, coloca-se dentro de um estágio preliminar como mais uma etapa da estruturação do imaginário, justamente por estruturar uma zona matricial da ideia, pois esta se constitui como o comprometimento pragmático do arquétipo em um determinado contexto histórico e

---

<sup>1</sup>Primeiro Semanário da Literatura Goiana coordenado por quatro mulheres, entre elas Leodegária de Jesus e Cora Coralina. Naquela época as duas poetisas tornaram-se grandes amigas. (DENÓFRIO, Darcy França. Lavra de Goiazes: Leodegária de Jesus. 2001).

epistemológico. Durand, para confirmar suas ideias, apodera-se das palavras de Jung, citando-o: “as imagens que servem de base a teorias científicas mantêm-se nos mesmos limites... (que as que inspiram contos e lendas)” (DURAND, 1997, p.61).

A imagem poética em Leodegária é resultado de uma percepção da sensibilidade revelada nos seus poemas, envolvendo temáticas como: alegria, angústia, medo, solidão, sofrimento e morte. E ao escrever o livro *Coroa de lírios*, a poetisa cria uma produção poética em que fala de si mesma, dos seus pais, do amor perdido, da natureza e da sua crença religiosa. Constrói, assim, a imagem poética do eu lírico.

Fazendo uma relação com a produção poética e com a proposta teórica para esse estudo, observa-se que a imagem é uma forma de conhecimento que cada indivíduo, em particular, tem em relação às coisas. Essa imagem pode estar relacionada ao sonho, ao devaneio, ao inexplicável, ao misterioso com o qual o artista da poesia contemporânea depara-se.

Gilbert Durand (2001) investiga sobre o consciente poético que se exprime a partir das palavras e, ao mesmo tempo, deixa-se perceber na formação poética do eu lírico. Os elementos como fuga do mundo, criação e devaneio que perpassam as imagens conscientes possibilitam uma percepção criativa dos aspectos afetivos e sentimentais presentes nas obras *Coroa de lírios* e *Orquídeas*.

Gilbert Durand (2001) explica a Teoria do Imaginário e, por nossa vez, procuramos mostrar como esta teoria pode estar relacionada às obras *Coroa de lírios* e *Orquídeas*. Por isso, faz-se necessário perceber o imagético presente nos poemas de Leodegária, entre eles: “Mater” (1906, p. 17), “Supremo gozo” (1906, p.49), “Suprema dor” (1928, p.24), “Contraste” (1906, p.39), “Estancias” (1906, p.37) e “Símile” (1906, p.19). Neste mesmo caminho, será citado o filósofo Sartre em cuja obra se vê a importância do estudo sobre imagem e imaginário e como esses elementos podem ser percebidos na lírica de Leodegária.

Este estudo dissertativo busca o esclarecimento de determinados aspectos poéticos tais como criação poética, fuga do real e a forma como o eu lírico se expressa ao desvelar sentimentos de vida e felicidade/ morte e tristeza. Como se percebe a antítese é a expressão que marca a poética de *Coroa de lírios* e *Orquídeas*. Como aporte teórico, utilizamos as teorias formuladas por Friedrich (2001), pois nelas se percebe a importância da formação da poesia lírica moderna; Octávio Paz (1982), que faz relação da importância da poesia como caminho de inspiração para o eu lírico; e Benedito Nunes (1986), que revela os traços poéticos como expressão do eu lírico e da criação poética.

Para demonstrar a formação da poesia goiana no início do século XX, particularmente entre 1903 a 1930, os primeiros poetas e suas respectivas publicações, os possíveis desafios encontrados para serem reconhecidos pela literatura goiana e a formação dos primeiros círculos literários, é de fundamental importância citar o estudioso Gilberto Mendonça Teles(1982), que faz pesquisa aprofundada sobre o assunto. Particularmente, sobre a trajetória poética de Leodegária e a busca da formação do eu lírico, será citada a poetisa e pesquisadora Darcy França Denófrio(2001) que revela a importância da poetisa para a cultura goiana, os seus primeiros passos e a publicação das duas obras:*Orquídeas* em que revela suafeição mística e religiosa;*Coroa de lírios* em que Basileu França(1996)cita o porquê do título que nasce dos momentos de dor e de decepção amorosa vividos pela poetisa na juventude. Assim, será percorrido o caminho referente aos traços da formação poética de Leodegária.

No primeiro capítulo, serão tratados os aspectos biográficos de Leodegária como também a sua trajetória no mundo da poesia, as primeiras produções poéticas, o gosto pelo Romantismo, escola literária que vigorou nos meados do Século XIX, e valorizava o sentimentalismo, o amor idealizado, a dor, a morte, a evasão, o pessimismo. No Brasil, foi dividido em três fases. O eu poético presente na obra *Coroa de lírios* revela um estilo que coaduna com a segunda fase romântica, apresentando sentimentos como angústia, morte, medo, sofrimento, fuga da realidade.

Segundo Denófrio (2001, p.17), Leodegária apresenta uma poesia marcada pelo pessimismo e desejo de evasão, pela melancolia, carregada daquela atmosfera doentia do Mal de Século que marcou a segunda fase do nosso Romantismo. Nela são notados aqueles traços que levam a poetisa a posições regressivas no plano da relação com mundo. Basileu França (1996, p.53),ao explicar a trajetória poética de Leodegária relata que o eu lírico possui um estilo poético que faz lembrar a geração romântica marcada pelo Mal do Século.

A obra *Coroa de lírios* nasce da decepção e da tristeza quando devia trazer com ela flores que pela sua etimologia significam prazer, gozo (gaudium). Em verdade, é inaceitável o fato, a não ser pelo espírito exacerbadamente romântico da poetisa que volta a mesma ideia de sofrimento e amargura nas páginas 32, 34, 40, 46, 52,59 (FRANÇA, 1996, p.54).

Leodegária, no prefácio de *Coroa de lírios*, explica o título do seguinte forma:

Vi fugir de uma vez o bando azul das fantasias que me acariciavam desde a infância, imprimindo em minha alma o selo eterno da melancolia e não deixando de esperança, senão uma mirrada plantinha, da qual brotaram alguns lírios pálidos,os quais colhi e formei esta singela Coroa que examineis agora (DE JESUS, 1906,p. 13-14).

Ao escrever sua obra, a poetisa revela o dom de se expressar por meio da arte. Neste aspecto, o eu lírico presente em *Coroa de lírios* apresenta as marcas do sofrimento e da angústia que, segundo Basileu França (1996, p.54), esses sentimentos nascem da decepção e da tristeza quando deveria trazer com ela uma coroa de flores que pela etimologia significa prazer (*gaudium*).

De acordo com Basileu França (1996, p.55), os poemas: “Triste Viver” (1906, p.59) e “Símile”(1906, p.19) são as peças-chave para entender toda obra *Coroa de lírios*, tendo em sequência os poemas produzidos em 1906: “Setembro” (p.31), “Volúvel”(p.33), “Contraste”(p.39) e “Impossível”(p.51) os quais serão analisados no presente estudo. A expressão “coroa” como metáfora de sofrimento amoroso pode ser encontrada em sete poemas: “Paisagem” (p.15), “Contraste” (p.39), “Meus Amores” (p.41), “Divagando” (p.47), “Saudade” (p.55), “Quadro” (p.67) e “Scismando”(p.69).

No segundo capítulo, será revelada a relação do devaneio poético de Bachelard(1988) com os poemas de Leodegária. Para isso, realizar-se-á o estudo dos termos da *anima* e do *animus* que podem ser encontrados em alguns poemas como “Mater”(p.17), “Supremo gozo”(p.49)e “Estâncias”(p.37), da produção poética e da realização de ser poeta, do devaneio como felicidade. Outros suportes teóricos serão considerados como as ponderações de Octávio Paz(1982), construção dos caminhos da poesia, a linguagem como morada do ser defendida por Heidegger(2005), e os passos para poesia contemporânea que encaminha para o que está fora da realidade e da sua desconstrução certificados por Friedrich. E ainda, adotamos a concepção de que o mundo do poeta não é o real, mas aquele do imaginário, da criação, do enigmático, do misterioso que ultrapassa o nosso entendimento. Portanto, o verdadeiro poeta não é aquele que utiliza as palavras de qualquer forma para fazer poesia. É preciso transcender a palavra para se chegar a ser poeta, pois muitos podem fazer poemas, mas não chegarão ao ser poético, ao eu lírico.

No terceiro capítulo, será tratado o eu lírico de Leodegária de Jesus por meio da teoria do imaginário, tema que compõe a presente dissertação buscando uma relação com o arquétipo segundo Northrop Frye(1978 ). Para organização didática do presente capítulo, haverá a apresentação da definição do que é o imaginário bem como os seus aspectos básicos. Em sequência, veremos a relação da teoria do imaginário com poemas como “Ave Maria”(2001, p.289), “A’ Virgem Maria”(2001, p.287), ”Contraste”(1906, p.39), “Ninho Vasio”(1906, p. 21, ortografia original). O eu poético de Leodegária de Jesus, imbuído do caráter do imaginário, que será demonstrado no presente estudo, tem a dimensão de duas

realidades apresentadas por Durand (2011):o regime diurno e noturno. O diurno apresenta-se como movimento do contraste: do bem e do mal, da noite e do dia, da vida e da morte. Este regime é percebido como a parte da racionalidade da criação poética.

A relação do imaginário em Gilbert Durand(2001), com o arquétipo para explicar sobre o eu poético na obra *Coroa de lírios*, terá como metodologia o estudo da teoria do mito e da compreensão do que é dianoia, do arquétipo apocalíptico e demoníaco demonstrando o caminho místico, poético e dramático, segundo a teoria do imaginário.

Com isso, ao pesquisar sobre Leodegária de Jesus e seguir o método da Teoria do Imaginário, relacionando ao ato de criação poética e passando pelo devaneio e o arquétipo, é possível compreender como o eu lírico constrói toda poética da obra *Coroa de lírios* com os seguintes traços principais: fuga do real, o pessimismo diante do mundo, a antítese, a idealização da felicidade e o sentimento místico; mas, ao mesmo tempo, percebe-se o avanço cultural que houve em Goiás, de modo particular, para a poesia feminina, surgindo, com isso, outras poetisas goianas como: Regina Lacerda, Yeda Schmaltz, Cora Coralina, Augusta Faro, Darcy França Denófrio, Lêda Selma, Maria Helena Chein, Sônia Ferreira e Sônia Maria Santos.

## 1. A POETISA LEODEGÁRIA DE JESUS E A FORMAÇÃO DA POESIA

“Não sabes o quanto dói  
Uma lembrança que rói  
A fibra que adormeceu?  
Foi neste vale que amei  
Que a primavera sonhei  
Aqui minha alma viveu”

Álvares de Azevedo.

A poesia é o caminho que permite chegar ao encontro do intocável, da arte da palavra e da imaginação. Para percorrer os caminhos da poesia é necessário que o poeta faça um mergulho no ser da linguagem, pois como explica Heidegger (2005, p.27), a linguagem é a morada do ser. Para se tornar poeta, não basta compor versos poéticos em um papel em branco, é fundamental que o poeta transcenda a verbo e o tempo, para a ação que oscila entre o devaneio e o imaginário.

Estudar a poetisa Leodegária de Jesus é compreender o início de um período cultural voltado para o aspecto feminino da literatura em Goiás. Por isso, a carreira poética de Leodegária é um marco fundamental para a Literatura Goiana e a sua estréia, na poesia, abre caminhos para a produção literária feminina.

Segundo Teles (1982, p.95), entre 1903 a 1930, ocorreu no Estado de Goiás, pelos menos nos primeiros 10 anos, uma grande intensidade cultural, assinalando naquele período uma inquietação de espírito cujos aspectos fundamentais foram a produção literária e o jornalismo.

Leodegária iniciou sua produção poética exatamente na época em que predominava o coronelismo e, portanto, a produção literária feminina ainda era invisível. Todavia, a poetisa deu um salto fundamental na história da literatura ao escrever duas grandes obras poéticas: *Coroa de lírios* e *Orquídeas*. Ao mesmo tempo em que ela escrevia sua primeira obra poética, apareciam outras produções do mesmo gênero como: *Poetas Goianos* (1901), de Henrique

Silva; *Alvorada* (1902), de Joaquim Bonifácio; *Violetas*(1904), de Luiz do Couto; *Agapantos* (1904), de Gastão de Deus e *Lírios do Vale*(1906), de Arlindo da Costa.

De acordo com Denófrio (2001, p.35), a primeira obra lírica de Leodegária, *Coroa de lírios*, foi publicada em 1906, pela Editora Livro Azul, em Campinas (SP) e surpreendeu a todos pelo fato de contar a autora na época com apenas 17 anos de idade. Em Goiás, no início do século XX, as editorações eram difíceis e as obras eram editadas em São Paulo ou no Rio de Janeiro. Nesse sentido, entre todos os poetas que publicaram livros de poesia entre 1901 a 1910, Leodegária, por influência e pelo apoio do pai, José Antônio de Jesus, era a primeira mulher a publicar um livro de poesia.

### 1.1. Breve traço biográfico de Leodegária de Jesus

Leodegária Brazília de Jesus nasceu em Caldas Novas, no dia 8 de agosto de 1889, e faleceu em Belo Horizonte, no dia 12 de julho de 1978. Era filha dos professores José Antônio de Jesus e Ana Isolina Furtado Lima de Jesus. Em outubro de 1889, a poetisa foi morar em Jataí, levada pelos pais. Em 1895, Leodegária de Jesus aprendeu a ler e a escrever na escolinha desta cidade. A poetisa tinha duas irmãs: Zenoíba e Maria Aurora. As três receberam uma educação exemplar, em Jataí, sob a influência das religiosas dominicanas. Leodegária estudou, ainda, no Colégio Sant'Ana da, então, Goiás Velho.

De acordo com Basileu França (2000, p. 25), Leodegária aprendeu os primeiros rudimentos da leitura pelo método de pergunta e resposta com a ajuda da sua mãe através de uma história sagrada. Comenta que, por volta de 1912, a família de Leodegária de Jesus mudou-se para Catalão devido às dificuldades econômicas enfrentadas na antiga Vila Boa e, também, devido ao glaucoma sofrido pelo professor José Antônio de Jesus. Neste mesmo período, a poetisa rejeitou três pedidos de casamento. Quatro anos mais tarde, foram de mudança para Araguari, onde permaneceram cerca de dois anos devido à saúde fragilizada de José Antônio e às constantes dificuldades financeiras. Em 1918, a família transferiu-se para São Pedro de Uberabinha, onde, algum tempo depois, o pai de Leodegária faleceu após muito sofrimento, no dia 12 de dezembro de 1920.

Leodegária, juntamente com a mãe e as irmãs, fundaram o Colégio São José. Uma clara homenagem ao professor José Antônio de Jesus, prestando notável serviço na área da educação naquela cidade e na região do Triângulo Mineiro e no Estado de Goiás. Em 1928, publicou o livro *Orquídeas*, quando ainda vivia em Uberlândia; este, portanto, foi o último livro de versos que encerrou sua pequena produção cultural.

## 1.2. Passos poéticos

A poetisa Leodegária de Jesus já demonstrou interesse pelas palavras aos três anos de idade, aprendendo as primeiras lições em casa e assimilando as primeiras sílabas. Na infância, a poetisa já tinha um olhar para o mundo da Literatura.

Conforme França (1996, p. 28), um aspecto fundamental na obra de Leodegária foi sua formação poética. Seu pai foi o grande incentivador. Uma prova registrada desse apoio paterno encontra-se numa carta escrita pela poetisa, na qual estão registrados seus primeiros versos e sonetos, que foram publicados em Goiás por insistência de Augusto Rios. A poetisa sempre revelou gosto pelo soneto e essa forma foi utilizada na maioria dos poemas de *Coroa de lírios e Orquídeas*.

Os primeiros passos poéticos de Leodegária de Jesus iniciaram-se aos 14 anos de idade. O primeiro soneto que ela produziu chama-se “Luar de outubro”. Na época, ela estudava no Colégio Sant’Ana em Goiás Velho, hoje Cidade de Goiás.

Por volta de 1903, a poetisa escreveria uma carta ao professor José Antônio de Jesus que estava na cidade de Jaraguá, enviando-lhe um soneto; um dos melhores sonetos escritos por Leodegária. A partir desse mesmo ano, a poetisa não parou de escrever, especialmente os sonetos que dominavam toda a sua produção poética.

Segundo França (1996, p.35), Leodegária ainda não conhecia os segredos da linguagem poética e estudava bem menos as virtudes líricas. Todavia, a poetisa foi guiada pela intuição e pelo gosto adquirido em leitura de poetas como Casimiro de Abreu, Fagundes Varela, Álvares de Azevedo, Gonçalves Dias e Castro Alves.

*Coroa de lírios* reúne, ao todo, 30 poemas que podem ser subdivididos pelas seguintes temáticas: natureza, amor e o sofrimento, amor como felicidade, mãe família. Os poemas, a seguir, todos publicados em 1906, são classificados nesta ordem:

A) Poemas que trazem como tema a Natureza e as Paisagens: “Ninho Vasio”(p.21, ortografia original), “Chromo”(p.27), “Jatahy”(p.29), “Setembro”(p.31), “Inverno”(p.35), “Saudade”(p.55), “Enlevo”(73), “Divagando”(p.47), “Aspiração”(p.63).

B) Poemas que tratam da questão do amor e do sofrimento: “Símile”(p.19), “Volúvel”(p.33), “Contraste”(p.39), “Meus Amores”(p.41), “Suspiros”(p.45), “Triste Viver”(p.59), “Dor oculta”(p.61).

C) Poemas que tratam do amor como forma feliz e que ainda perdura: “Supremo goso”(p.49, ortografia original), “Mutação”(p.53) e “Estancias”(p.37).

Para entender o possível motivo da escolha do título *Coroa de  rios*, buscaremos suas pluralidades de sentidos.

*Coroa de  rios*, entre os vários sentidos do termo, deriva do latim *corona* e significa reunião, assembleia e grinalda de flores, nobreza, soberania, honra, triunfo, esplendor, vitória, enlace, conjuga o, adorno e enfeite. Na religião, pode significar os fios de contas que constam de sete pai-nossos e setenta ave-marias.

O universo semântico da palavra coroa, que é rica em significados, varia de acordo com os fatores que especificam o local do corpo onde é colocada; a forma (círculo) e a parte mais elevada do corpo que, sendo a cabeça, simboliza superioridade, racionalidade, valores elevados. No entanto, pode também simbolizar humildade, quando a cabeça   declinada. Nesse sentido, a coroa o é sempre um fator de honra e de transcendência.

A forma circular pode simular a perfei o e, na simbologia, tem liga o com o divino, é o ponto inicial, o princípio de tudo e reúne o plano terreno e celestial, o humano e o divino, o início e o fim, a pura transcendência.

Desde a antiguidade, a coroa tem o poder de purificar. Feita com flores, folhas, pedras preciosas, metais raros consagram os coroados. Uma coroa de  rios amplia essa consagra o, pois o  rio   uma das belas flores do campo e de todos os jardins, conhecida como “lis”. O  rio representa a pureza, flor branca perfumada, pessoa de meia idade/jovem. Simboliza também a flor do amor que pode ser realizado ou não. Pode ser símbolo da prosperidade, do poder e da glória.

A partir do significado das palavras Coroa e Lírio, pode ser cogitada a tentativa de unir os sentidos opostos que constituem a vida, dor *versus* prazer, alegria *versus* tristeza,

Segundo Chevaliere Gheerbrant(1990, p.89),existem alguns símbolos referentes à coroa. Primeiramente, refere-se ao poder. E, ao colocar uma coroa na cabeça, parte mais alta do corpo, simboliza a realeza e a glória, poder absoluto. Sua forma circular indica perfei o e participa o na natureza celeste. Também simboliza as forças exteriores e interiores que garantem o sacrifício de valor cósmico e  tico. A coroa representa a est nciados bem aventurados. Nos círculos da *Divina comédia*, de Dante Alighieri(1978), a coroa seria

oprimeiro estado espiritual que remete aos significados de aflição, morte, dor, angústia e medo, um poder que aflige a alma. O lírio significa felicidade, prazer, perfume, pureza, vida e alegria.

Nesse sentido, *Coroa de lírios* é uma unificação de opostos traduzindo a vida, marcada pela contradição que se compõe de momentos conflituosos que exprimem a intensidade lírica do constante desafio que é a vida, sempre assinalada por tensões que proporcionam o coroamento e os louros de cada conquista, de cada aquisição alcançada a duras penas. Depois da vitória, vem o prazer, os lírios e o delírio da alegria do momento, merecidamente.

A palavra lírio aparece em sete poemas da obra *Coroa de lírios*, publicada em 1906: “Paisagem”: “Ao desabrochar dos lírios no silvedo”(p.17); “Contraste”: “tu és o lírio ridente”(p.39); “Meus Amores”: “os lírios brancos, cândidas violetas” (p.41); “Divagando”: “Dormita o lírio nevado” (p.47); “Saudade”: “No brando volitar das borboletas nas pétalas do lírio alvinientes”(p.55); “Quadro”: “tendo na frente, a palidez do lírio” (p.67); “Scismando”: “e quando ao lírio o sol poente envia seu derradeiro e doloroso beijo”(p.69). O lírio nestes poemas simboliza a inocência e a pureza. Neste sentido, estabelece uma relação entre o número sete e o lírio. Pois o primeiro simboliza a perfeição e o segundo representa a pureza e a flor branca perfumada.

Por outro lado, há a ideia do sofrimento e da angústia, sentimentos que aparecem em seis poemas do livro *Coroa de lírios* (1906): “Setembro”(p.32), “Volúvel”(p.34), “Contraste”(p.40), “Suspiros” (p.45), “Impossível”(p.51), “Triste Viver” (p.59).

Dessa forma, o livro de poema em estudo revela os passos poéticos da jovem Leodegária que, desde cedo, sente em seu coração a primeira impressão de amor e que, ao mesmo tempo, vive um golpe que destrói seus sonhos.

Basileu França explica que há contrastes na vida da jovem poetisa que se apresenta com uma coroa de lírios provinda da decepção e da tristeza, quando deveria trazer com ela uma coroa de goivo<sup>2</sup>, flor, que pela etimologia, significa prazer, gozo (FRANÇA 1996,p.54).

Entre os vários significados de *Coroa de lírios*, em se tratando da poética de Leodegária, pode-se inferir a imagem de uma jovem na flor da idade, perfumada flor-menina, com sua grinalda de lírios nos cabelos, exalando beleza, juventude, poesia, sentimentos de amor e, ao mesmo tempo, menina-moça de coração aflito e em busca da felicidade. Estes contrastes podem ser verificados nas seguintes palavras: “imprimindo em minha alma o selo

---

<sup>2</sup>A palavra goivo tem origem no termo latim: *gaudium*, alegria e prazer interior. Mas o que a poetisa vive é um *taedium vitae*, o desgosto pela vida. E por isso expressa: “Oh! Vos omnes...videte si est dolorsimilis”, “Oh! Todos vós homens quem sentirá dor semelhante a minha.”(Fonte: Dicionário latino-português. p.503/1225).

eterno da melancolia e não deixando de esperança senão uma mirrada plantinha da qual brotaram alguns lírios pálidos que coli e formei esta singela Coroa”(DE JESUS, 1906, p.13-14).

No prefácio do livro, Leodegária explana sobre algumas das razões da escolha do título:

Coroa de Lírios- eis o singelo título, sob o qual eu vos apresento o meu modesto livrinho. Aos quinze anos, nessa idade encantadora e poética da existência da mulher em que a vida lhe apresenta risonha como as loiras madrugadas de maio, formosa como o céu de primavera e meiga como um sorriso de criança, foi então que senti arder em meu coração infantil, a primeira centelha do amor. Mas ai!... a fatalidade destruiu, de um só golpe, os belos ideias e os castelos que edifiquei. (DE JESUS, 1906, p.13).

LURKER (2003, p.60) explica que o lírio na cor branca é símbolo da luz, da pureza e da virgindade. A ideia do lírio é atribuída aos santos da igreja por se distinguirem pela castidade. Neste sentido, o lírio branco é sinal da pureza e inocência, juventude. O branco é a cor da luz e da pureza, do grego leukos (branco), etimologicamente ligado ao latim lux (luz). Seguindo este pensamento da noção de pureza e de luz, o eu lírico no verso do poema “Quadro” enfatiza esta ideia: “Dentro do berço, à frouxa luz do círio,/ Vê-se, envolvida, toda em seda fina,/ Tendo na fronte, a palidez do lírio,/ Uma criança loira e pequenina”(DE JESUS, 1906, p.67).

*Coroa de lírios* traz o aspecto da dicotomia, uma vez que está presente na lírica de Leodegária a ideia do devaneio como é visível em poemas como “Supremo gozo”(1906, p.49)e “Mater”(1906, p.17), bem como a ideia da dor e do sofrimento em “Suprema dor” (1928, p.24) e “Símile”(1906, p.19). Em “Suprema dor” o eu lírico expressa: “O que me oprime tanto e me entristece, /O que me arranca prantos tão amargos/ E me aniquila e mata e me enlouquece// É saber-te adorável criatura,/ Infeliz; e, trilhando,a passos largos,/O caminho da eterna desventura”(1928, p.24).

Neste sentido, o eu lírico se expressa: “trilhando a passos largos,/ O caminho da desventura”(1928, p.24)e, ao mesmo tempo, declara: “Só tu, minha alma, coitada vagas assim desvairada”.(p.30)Há nessas assertivas a ideia da melancolia que está simbolizada em “mirrada plantinha da qual brotaram alguns lírios pálidos”(1906, p.13-14).

Por outro lado, aparece o poema “Supremo gozo”com características como ventura, ternura e brandura que se encontram na região do gozo como aparece nestes versos: “Quando

em teus lábios frescos e mimosos,/ Paira um sorriso, cheio de brandura,/Então, minh'alma, às regiões dos gosos,/sinto evolar-se em plena ventura"<sup>3</sup>(1906, p.49).

Neste sentido, os dois poemas trazem aspectos muito fortes de dicotomia tais como sorriso e lágrima, gozo e sofrimento, ventura e desventura. Esse aspecto de dicotomia, que é muito forte na poética de Leodegária, pode também ser encontrado no poema "Símile"(1906, p.19)em que o eu lírico revela sentimentos ora voltados para a morte ora voltados para a vida.

Teles (1982, p.97) relata que a produção poética no início do século XX foi marcada pelo romantismo, buscando um reflexo dos aspectos parnasianos e simbolistas e, ao mesmo tempo, houve um novo caminho na produção poética em Goiás, e esse caminho que a literatura goiana vivenciou foi a abertura para o surgimento da literatura feminina goiana.

Leodegária está entre os poetas que se consagraram na literatura goiana no século XX. Com isso, a poetisa passou por um caminho de críticas que foram necessárias para o seu aperfeiçoamento. Entre as críticas apontadas citam-se: o uso excessivo das vírgulas e da melancolia exagerada de seus poemas. Por ser uma principiante, nada impedia que Leodegária se tornasse uma grande poetisa goiana.

Segundo Denófrío (2001,p.37), mesmo sendo uma principiante na literatura, alguns críticos revelaram que a jovem Leodegária possuía um futuro brilhante nas artes poéticas, sendo necessárias algumas adequações, fato natural a qualquer jovem principiante.

Em relação ao começo da produção poética de Leodegária, houve vários depoimentos em que alguns poetas consideraram a nova poetisa da época com um espírito inovador, enquanto outros a declararam,altamente, influenciada pelo sentimentalismo romântico do século XIX.

Segundo Denófrío (2001, p. 40) Gastão de Deus e Felício Duarte foram dois poetas que reconheceram em depoimento o talento que Leodegária tinha para a poesia, mesmo sendo uma principiante e contando com apenas 17 anos de idade.

Denófrío (2001, p. 43) explica que a poetisa Leodegária manifesta uma vocação poética através de cada uma das produções; não é uma dádiva completa, mas uma revelação das primícias de seus talentos ainda em pleno despontar de suas faculdades. Leodegária trouxe uma poética que fala do amor, da natureza e das angústias e dos sonhos e que, por isso, resulta numa lírica de amor, daí poder-se citar os dizeres do crítico José Fernandes:

---

<sup>3</sup>A poetisa utiliza a expressão: Sinto evolar-se, plena de ventura. A palavra "goso" corresponde à ortografia original.

A poesia lírica se apresenta sob aspectos diversos, em termos temáticos. Há o lírico que substitui o encantamento dos deuses pelo encantamento da amada, imprimindo um aspecto humano à poesia ditirâmbica. Há o lírico, que não deixa de louvar os encantos da amada, mas que se volta para aspectos vários da existência, como a necessidade de se procurar uma forma de bem viver, materializado na poesia bucólica (FERNANDES. 2012. p. 24-25).

Ao constatar que a poética contida nas obras *Coroa de lírios e Orquídeas* retratam os prazeres da vida, o amor idealizado, a fuga do real e o contato com a natureza, faz com que a lírica de Leodegária seja amorosa e bucólica<sup>4</sup>. A lírica amorosa pode ser encontrada em poemas como: “Ao partir”: “Ó! Vamos coração!...teu desalento/ Essa profunda, atroz ansiedade”(1928, p. 22); “Suprema dor”: “O que me faz viver neste gemido/ Trazendo sempre lágrimas nos olhos” (1928, p. 24); “Ao Coração”: “Meu coração, não queixes por piedade/ Não maldigas assim teu sofrimento”(1928, p. 26); “Volúvel”: “Amei-te muito, amei-te com loucura/ e feliz me sentia,”(1906, p. 33); “Estancias”: “Quando me fitas esse olhar tão grave/ Tão doce e cheio de melancolia,”(1906, p. 37); “Suspiros”: “Quando tu passas, espalhando encanto/ Meu triste olhar te segue apaixonado,”(1906, p. 45); “Supremo gozo”: “Quando os teus olhos languidos, formosos/ Nos meus se fitam, com ideal ternura,” (1906, p. 49); “Não creio em ti”: “Que tens amor perfeito/ eu quisera acreditar.” (1928,p.73); “Teus olhos”: “Como são lindos teus olhos/ Escuros, mansos, tristonhos” (1928, p. 86); “Doce mágoa”: “E embora me encha a vida de amargura/ Eu vivo dessa dor que me tortura.”(1928, p. 94); “Meu segredo”: “Não m’o pergunte não... este segredo/ Que me perfuma e me ilumina a vida” (1928, p. 95).

Assim sendo, os poemas dessa artista da palavra apresentam um caráter de lírica amorosa e, talvez, por isso mesmo, aparecem expressões de tristeza, dor e sofrimento em relação ao amor não correspondido. A poetisa expõe em seus versos um eu poético que exprime o amor idealizado, marcado pelo sofrimento amoroso. Leodegária, mesmo apreciando o estilo poético de Álvares de Azevedo, não apresenta em sua poesia uma dimensão do amor como um aspecto erótico, como o autor de *Lira dos vinte anos* exprimia em seus versos ultrarromânticos. No entanto, a poetisa goiana mantém estreita relação com a temática do noivo da morte, quando apresenta uma poética com tonalidade de pessimismo e a presença da morte em vários poemas.

<sup>4</sup> A lírica é classificada em: amorosa que fala sobre os prazeres da vida e da fugacidade; satírica: o homem sendo ontológico e ôntico, metafísico e social, carrega em si os limites da condição humana; epinítica: visa homenagear um atleta esportivo na época das olimpíadas; bucólica: a poesia bucólica nasce da relação que se estabeleceu entre o homem e o campo. (FERNANDES, José. *As imagens da crítica-poesia*. p. 25-41)

No poema “Símile”(1906, p.19), há uma dialética relativa ao movimento vida/morte, dor/alegria. Essa dualidade é constante na obra poética de Leodegária de Jesus e pode ser percebida pela condição em que se encontra o eu lírico, ora na condição de felicidade vivendo sonhos de amores ora o sentimento de tristeza e incerteza, numa tentativa de comparar os contrastes da vida. Este poema, por sua vez, ilustra a forma de dizer o indizível e exprimir o inexprimível, comparar as dualidades mais impossíveis.

Quando vivemos, a sonhar amores,  
Quando não temos a ilusão perdida,  
Quando nossa alma não padece dores,  
Morrer é triste! Como é linda a vida!

Mas se nos fere o espinho da tristeza,  
Se maltratados somos pela sorte,  
Se nos é dado o cálix da incerteza,  
Viver é triste! Como é doce a morte!

(DE JESUS, 1906. p.19).

Os quartetos acima sugerem uma comparação entre vida e morte, exatamente naquilo em que os dois momentos existem em contrário: “Morrer é triste. Como é linda a vida” quando o sujeito é feliz. No entanto, quando o ser humano é tomando pelo infortúnio e tristeza, “Viver é triste. Como é doce a morte”. Nesse sentido, a artista poetizou os contrastes em que o homem está inserido em sua existência.

O eu lírico presente na maioria dos poemas nesse livro de Leodegária exprime uma grande desilusão amorosa e não acredita mais nos encantos da vida. Vive uma profunda dor na sua inocente juventude e traz, por sua vez, as marcas da dor e da melancolia. Neste sentido, há um pessimismo diante do mundo que é expressivo nos versos lidos.

Domingo Silva (1996, p.65) explica que as palavras organizam-se num sistema rítmico, isto é, funcionam não só como significados conceituais, mas também como elementos de uma estrutura de repetições regulares como ocorre na música e como acontece no poema “Símile” (1906, p.19) em que o eu lírico revela as palavras como vida e morte que se cruzam no poema dando sentido de significados opostos: “Morrer é triste./ Como é linda a vida./ Viver é triste./ Como é doce a morte”.

Nos versos do poema “Triste Viver”(1906, p.59), o eu lírico expressa algumas características como “alma contristada”, “no peito a indiferença”, “fugiu-me tão depressa a doce crença”. Tais expressões, ditas por um eu lírico que está na alvorada da vida, demonstram o período de juventude da poetisa marcado por uma forte desilusão amorosa que viveu logo aos 17 anos de idade.

A morte<sup>5</sup> é vista pelo eu lírico nos poemas “Triste Viver”(1906, p. 59) e “Símile”(1906, p.19) como alívio e solução para o sofrimento e a angústia sentida. Por isso, ao expressar: “Contudo não maldigo a minha sorte,/ Pois, creio que virá um dia a morte/ Tirar-me, finalmente desde mundo” (1906, p.6). O eu lírico busca, portanto, fugir do mundo real, pois o mesmo lhe traz agonia e dor.

Segundo Chevalier e Gheerbrant (1990, p.738), a morte tem várias significações. Entre elas: libertadora das penas e das preocupações, que abre acesso ao reino do espírito, da vida verdadeira e que possibilita uma vida nova. Neste sentido, a morte livra-nos das forças negativas e repressivas e, ainda, desmaterializa e libera as forças ascensionais da mente.

A noite é metaforizada como a figura da morte, pois, neste aspecto, é importante o entendimento da visão do arquétipo do mito apocalíptico da morte para a vida como salvação do sofrimento e em que se tem a passagem da morte para a vida. Todavia, toda criação poética de Leodegária, numa lírica amorosa, passa pelo caminho do sofrimento e do indesejável que será compreendido numa visão das imagens apocalíptica e demoníaca.

O eu lírico é fonte de idealização e perfeição e pode trazer sentimentos de sofrimento e pessimismo. Tal ideia é o conceito básico da segunda fase do Romantismo que traz as seguintes características: profundo subjetivismo, sentimentalismo exacerbado, pessimismo e melancolia, fuga da realidade e o saudosismo. Tais aspectos estão presentes em *Coroa de lírios* e *Orquídeas* e fica evidenciado que a poetisa goiana inspirou-se nos poetas da segunda geração do Romantismo tais como: Álvares de Azevedo e Casimiro de Abreu.

O sentimento do amor idealizado e perfeito demonstrado pelo eu lírico da obra *Coroa de lírios* pode ser entendido como imagem apocalíptica e como fonte de desejo humano; porém, o amor que Leodegária sentia pela pessoa amada nunca se concretizou devido à possível rejeição sofrida.

França (1996, p.44) explica que o eu poético de Leodegária é composto por sentimentalismo e delicadeza. O seu carinho pela família e, acima de tudo, a experiência dolorosa de um amor não correspondido são pontos fundamentais da obra poética *Coroa de*

---

<sup>5</sup>Em sentido filosófico, a morte sempre foi entendida como desaparecimento ou cessação da existência humana, mas levando a se pensar o sentido da vida. Para Epícuro, a morte é uma certeza, mas não constitui um mal nem deve ser temida, pois é a dissolução do ser total (alma e corpo). Pascal reconhece que estamos “todos condenados à morte”, pois somos seres frágeis: mas somos os únicos seres, a saber, que morremos: nossa dignidade consiste em pensarmos a morte e a salvação. Kant faz da imortalidade da alma um dos postulados indemonstráveis da razão prática (os dois outros são a existência de Deus e a liberdade). “Na filosofia existencial de Heidegger, a morte é sinal de finitude e da individualidade humana que o homem precisa assumir para escapar da alienação de si e da banalidade do cotidiano.” A morte se desvela como a possibilidade absolutamente própria. (JAPIASSÚ, Hilton e MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001).

*lírios*. Daí, o amor não ser realizado para o eu lírico, mas, simplesmente, como forma de idealização e como fonte de imagem apocalíptica. O que ocorre é a realidade do sofrimento provocada pela imagem demoníaca<sup>6</sup>.

A poética de Leodegária traz a ideia da antítese que pode ser encontrada no poema “Contraste”(1906, p.39). Com isso, a poetisa sempre é o lado negativo do contraste como revela o próprio eu lírico: “Tu--borboleta doirada/ Sorvendo o aroma das flores;/ Eu--jurity desolada,/ triste gemendo de dores”. O poema, em forma de soneto, “Amar”(p.82), de *Orquídeas*, também apresenta as mesmas características de antítese.

Amar é ter no peito um paraíso;  
É trazer dentro da alma um céu de flores.  
É sofrimento oculto num sorriso;  
É navegar feliz num mar de dores.

Vago clarão dulcíssimo, indeciso  
Que inunda a alma toda de fulgores;  
Uma mistura de soluço e riso;  
É provação, mas feita de dulçores.

Amar....é bem o sacrifício mudo;  
É ser feliz, desventurado embora.  
Amar....é ver a primavera em tudo!

Grato sofrer que nunca martiriza,  
Que os infelizes corações enflora,  
E regenera e eleva e diviniza!

(DE JESUS, 1928. p.82)

A ideia de antítese pode ser compreendida através destas expressões que estão presentes no poema “Amar”(p.82): Sofrimento oculto X num sorriso,/ navegar feliz X num mar de dores,/ amar... é bem X o sacrifício mudo,/ é ser feliz, X desventurado embora. Essa dinâmica antitética entre palavras e sentidos sugere que o eu lírico caminha entre duas realidades opostas: a felicidade e a infelicidade que, constantemente, se cruzam.

A construção poética de Leodegária é marcada por um cunho de sofrimento e de desilusão amorosa. Com isso, entre todos os poemas que falam do amor como sofrimento, como explica Denófrio (2001, p.46), “Estâncias” (1906, p.37) é um dos poucos em que o eu lírico fala do amor como forma feliz de viver. A imagem poética que é apresentada é, ao mesmo tempo, a do devaneio e a do mundo como vontade de representação e da vontade que

<sup>6</sup>Imagem do mal que prejudica, fere e causa dor. *Dicionário da Língua Portuguesa*, p.333.

No pensamento grego, os demônios são seres divinos semelhantes aos deuses por certo poder. O demônio de alguém se identifica com a vontade divina e com o destino dos homens. Por outro lado, diabo é o mito do dragão e da serpente símbolo da noite e da oposição a Deus; é o maligno, o símbolo da maldade(CHEVALIER GHEERBRANT,*Dicionário de símbolos*, 1990, p. 404, 414).

leva o eu lírico a buscar estabelecer a criação de imagens felizes que enriquecem os versos abaixo;

Quando me fitas esse olhar tão grave,  
Tão doce e cheio de melancolia,  
Fica minh'alma em êxtase suave,  
Esqueço a vida, esqueço esta agonia.  
Que me tortura a alma, noite e dia,  
Quando me fitas esse olhar tão grave  
(DE JESUS, 1906. p.37).

Segundo Basileu França (1996, p.30), nas obras *Coroa de lírios e Orquídeas* encontram-se várias passagens em que o lírio, como uma verdadeira imagem recorrente da menina dos primeiros séculos, significa muito para o seu espírito e para sua sensibilidade, como símbolo de pureza, o que pode ser percebido nos versos abaixo, transcritos dos poemas “Longe” e “Regina Coeli”, respectivamente:

Nessas horas de mágoa, ao fim do dia,  
Quando o vento perpassa na leveza,  
A suspirar estranha salmodia  
E o lírio inclina, ao pé da correnteza;  
(DE JESUS, 1906,p.23)

Tão doce como o perfume  
Do lírio azul da campina,  
Teu nome santo resume  
A candidez da bonina.  
(DE JESUS, 1906,p.51)

A segunda estrofe transcrita faz parte do poema “Regina Coeli” que, por sua vez, é uma oração em latim cujo significado é Rainha do Céu, que começou a ser rezada por volta do ano 590, em Roma, por um decreto do Papa Gregório Magno. É uma oração católica feita no tempo pascal que substitui o “Ângelus” sendo proferida às 6h ou às 12h ou às 18h. Durante a recitação do “Regina Coeli”, é expressivo o “Aleluia” (louvai ao Senhor) pelo fato de Cristo ter vencido a morte ao ressuscitar. Abaixo será colocada a versão em latim e em português dessa oração.

Regina Coeli<sup>7</sup>

Regina coeli laetare,  
alleluia.

<sup>7</sup> “Regina Coeli” é uma oração dedicada à Virgem Maria que se proclama todos os dias por volta das seis, doze e dezoito horas. Esta oração está no *Compêndio do Catecismo da Igreja Católica*. (p. 184).

Quia quem meruisti portare,  
 alleluia.  
 Resurrexit, sicut dixit.  
 alleluia.  
 Ora pro nobis Deum,  
 alleluia.  
 Gaudeetlaetare, Deum,  
 Alleluia.  
 Quia surrexit Dominusvere,  
 Alleluia.

### **Rainha do Céu**

Rainha do Céu, alegrai-vos, Aleluia!  
 Porque aquele que merecestes trazer em vosso ventre, Aleluia.  
 Ressuscitou como disse, Aleluia!  
 Rogai a Deus por nós, Aleluia!  
 Alegrai-vos e exultai, ó Virgem Maria, Aleluia!  
 Porque o Senhor ressuscitou verdadeiramente, Aleluia!  
 (CATECISMO,2000, p.184)

De acordo com LURKER (2003, p.85), Maria no decorrer da história transforma-se em figura simbólica para todos aqueles que creem, esperam e obedecem; torna-se a personificação pura e simples do ser humano redimido. Nos testemunhos artísticos e nos louvores dos santos padres, da liturgia, das poesias esta grandeza de Maria é vista ora individual, ora supra individual, eclesiasticamente.

O eu lírico, por sua vez, expressa no poema “Regina Coeli”, de Leodegária: <sup>8</sup>

Maria terno sorriso  
 Dos lábios do Criador,  
 Neste teu nome diviso  
 Todo poema de amor.  
 (DE JESUS,1928. p. 51)

Neste poema, o eu lírico traz características sobre Maria como: “Sorriso do Criador” e “poema de amor //Tão doce como o perfume/ do lírio azul da campina.” Estes versos fazem conhecer a admiração que o eu lírico sente por Maria; e na terceira estrofe expressa que a poesia inefável e a melodia adorável eram feitas nas madrugadas de abril, mês referente ao tempo pascal, período em que se recitava a oração do “Regina Coeli”.

O eu lírico presente tanto em *Coroa de lírios* quanto em *Orquídeas* expressa o lírio como parte principal de toda a construção poética destas duas obras. Na primeira, a expressão

---

<sup>8</sup>Segundo FRANÇA, a poetisa Leodegária aprendeu o latim com o próprio pai, pois o mesmo foi seminarista e teve excelente aprendizado. Leodegária escreveu poemas com iniciais em latim como: “Regina Coeli”(1928, p.51), “Mater”(1906, p.17) e “Requiescat in Pace”(1928, p.107).

“lírio”, em alguns poemas, é a metáfora do sofrimento, da perda e da angústia, enquanto lírio deveria significar (*gaudium*), ou seja, alegria, prazer. Como explica França(1996, p 55),é pelo espírito exacerbadamente romântico da poetisa que volta a mesma ideia de sofrimento e de amargura. O lírio em *Coroa de lírios* possui características marcantes que revelam o estado de espírito. Indica ora o estado de angústia, medo, sofrimento e, por outro lado, expressa a perfeição e a pureza.

De um modo geral, a poesia de Leodegária exprime ideia do sofrimento, da dor e da perda amorosa que, metaforicamente, são transformados nestas expressõesdo poema “Contraste” (1906, p.39): “Eu - a saudade palente/ No chão, jazendo esquecida”, bem como nos versos de “Scismando”：“E quando o lírio ao sol envia/ O seu derradeiro e doloroso beijo”. Neste sentido, o eu lírico revela a sua própria condição de esquecimento e, ao mesmo tempo, sente a dor da ausência ao expressar-se em todo o poema “Sismando”:

Eu penso em ti, ó alma idolatrada,  
Quando a campina solitária, vejo,  
E quando ao lírio o sol poente envia  
Seu derradeiro e doloroso beijo.  
(DE JESUS. 1906, p. 70)

Diante da dicotomia entre o eu e o tu, o eu lírico revela o seu sofrimento por *ser* “esquecida e ser a saudade palente”e ao mesmo tempo abre um caminho de idealização ao expressar-se nos versos de “Contraste”“Tu és o lírio ridente,/ Ligado a rama florida”(1906, p39).

A poética de Leodegária de Jesus apresenta uma dinâmica que dá vida a toda a obra *Coroa de líriose Orquídeas* presente em poemas como: “Suprema dor”(1928, p. 24), “Supremo goso”(1906, p.49, ortografia original) e “Símile”(1906, p.19), e essa dinâmica é causada pela antítese, a oposição de ideias que se cruzam constantemente como alegria e tristeza, prazer e dor, vida e morte. O poema “Símile”(1906, p.19), considerado o mais popular e o mais importante de toda obra *Coroa de lírios*,como explica TELES (1982, p. 85), foi musicado e cantado nas serestas goianas, apresenta um dinamismo entre o prazer e a alegria e, ao mesmo tempo, entre a dor e a tristeza.

PAZ (1982, p.15) explica que a poesia é sinal de salvação e que é capaz de transformar o mundo. Essa transformação ocorre no eu lírico de Leodegária por meio da criação poética.

Os poemas, tanto em *Coroa de lírios* quanto em *Orquídeas*, utilizam a primeira e a segunda voz como forma de expressão poética. Na primeira voz, é o eu lírico fala,

expressando sentimento, falando de si mesmo, já na segunda voz, é um diálogo que o eu lírico estabelece com a pessoa amada no poema.

Como relata Basileu França(1996, p.48), o eu lírico presente em *Coroa de lírios*(1906) utiliza da primeira voz em poemas de *Orquídeas*(1928), como: “Longe”(p.23), “Ao coração”(p.26), “O cego”(p.59), ”Adeus”(p.69), “Velhinhas”(p.76), “Doce mágoa”(p.94), “No horto”(p.97), “No pretório”(p.98) e “Levando a cruz”(p.99) Todos estes poemas fazem parte da obra *Orquídeas*, publicada em 1928. A segunda voz está presente em poemas como: “À velha serra”(p.17), “Supremo anelo”(p.21), “Suprema dor”(p.24), “Olhos castos”(p.25), “Meu desejo”(p.27), “Coragem”(p.28), “Aquarela”(p.32), “Manhã na roça”(p.33), “Luar de outubro”(p.34), ”Primavera”(35), “Maio”(p.38), “Belezas de maio”(p.39) e “Agosto”(p.41).

Dessa forma, Leodegária tendo como inspiração os poetas românticos, de modo particular: Casimiro de Abreu e Álvares de Azevedo, faz com que a poética em *Coroa de lírios* e *Orquídea* seja romântica e, ao mesmo tempo, voltada para natureza como inspiração e criação poética em que o eu lírico revela todo o sentimento de amor, angústia e medo. Com isso evidencia-se o pessimismo, devido ao sofrimento amoroso que o eu lírico sente. Então, busca como temática a morte como solução para os problemas, tipicamente utilizada pelos românticos. Este aspecto pode ser percebido em seis<sup>9</sup> poemas. Mas, ao mesmo tempo, há a busca por meio da criação poética da imagem do amor feliz simbolizada pela ideia de lírios que representa pureza, inocência e juventude, revelando os primeiros passos poéticos e românticos da poetisa.

### 1.3. Primeiros versos poéticos e o sentimento romântico

A poetisa Leodegária possui traços do Romantismo, tanto da primeira fase, quando exalta a natureza e explora o medievalismo europeu, como também manifesta traços da geração ultrarromântica tais como: pessimismo, sofrimento e fuga do real. Nesse sentido, Darcy Denófrío explica:

---

<sup>9</sup>Os seis poemas são de *Coroa de Lírios* (1906): “Setembro”(p.31), “Volúvel”(p.33), “Contraste”(p.39), “Suspiro”(p.45), “Impossível”(51) e “Triste Viver”(59). Estes poemas transmitem a ideia de sofrimento e dor em relação ao amor. Assim como são seis poemas que remetem ao pensamento de angústia e sofrimento. O número 6 indica imperfeição, ou seja, o que é incompleto; o eu lírico revela a dor de ser esquecida e não amada como está nestes versos do “Triste Viver”: “De encontro às dores de tristeza imensa/Da sorte cruelmente abandonada/ Sozinha vai minha alma, desvairada/ Boiando à flor dos mares da descrença”(p.59).

Em *Coroa de Lírios*, temos uma série de poemas que descreve de modo subjetivo paisagem ou quadros da natureza. Na maioria deles, vemos a poetisa registrar com sensibilidade o seu êxtase diante das belezas naturais. Desta linha são os poemas “Paisagem”, “Chromo”, “Jatahy”. Em *Orchideas*, há descrições da natureza que sugerem verdadeiros lócus amoenus<sup>10</sup> no feitiço árabe, como acontece nos poemas “Tela Agreste” e “Aquarela” (DENÓFRIO, 2001, p.31).

O poema “Paisagem” revela um eu lírico que enaltece a natureza realizando uma idealização do mundo à moda do Romantismo. A idealização existe quando o eu lírico põe a natureza como inspiração poética e, ao mesmo tempo, faz com que ela seja dinâmica, como se percebe nos versos abaixo:

Desponta a aurora, a estrela vespertina  
No espaço azul vai desmaiado a medo  
Suspira a rola, agita-se o folhedeo  
E a brisa oscula a linda cristalina.

Enquanto as auras brincam no arvoredoo  
No bosque umbroso, uma canção divina,  
De galho em galho, o pintassilgo trina  
Ao desabrochar dos lírios no silvedoo.

Aqui, soluça um ribeirinho antigo,  
Ali, depara-se um modesto abrigo  
Perfume exala a pálida violeta.

E mais além, pela campina em meio,  
Linda criança corre, num anseio ,  
E em vão persegue jalde borboleta

(DE JESUS, 1906. p.15-16)

Esse é o primeiro poema que aparece na obra *Coroa de lírios* revelando uma forte influência romântica. O eu lírico em “Paisagem” apresenta a natureza em constante movimento, ação, vida que desabrocha constantemente no verso: “Desponta a aurora, a estrela vespertina/ no espaço azul vai desmaiando a medo”. Aqui há o despertar de uma nova manhã, que simboliza o surgimento de novos sonhos e esperanças onde toda a natureza em festa faz com que a poetisa proclame: “Suspira a rola, agita-se o folhedeo e a brisa oscula<sup>11</sup> a linda cristalina”. Percebendo que a natureza está sempre em dinâmica, há a personificação onde aparecem três movimentos: o suspirar da rola, o agito do folhedeo e o beijo da brisa na linda cristalina.

Na segunda estrofe do poema, existe também a ideia da prosopopeia em que alguns elementos da natureza adquirem ações próprias como: “auras brincam no bosque uma canção

<sup>10</sup>Palavra de origem latina que significa *lugar fresco* (JUNIOR, Cretella: *Dicionário de Latim e Português*, p.79.

<sup>11</sup> Palavra em latim que significar beijar.

divina, pintassilgo trina”; tais movimentos permitem observar “o desabrochar dos lírios no silvedo”. Esse ato de desabrochar revela o lírico poético presente nos versos abaixo:

Enquanto as auras brincam no arvoredado  
 No bosque umbroso, uma canção divina,  
 De galho em galho, o pintassilgo trina  
 Ao desabrochar dos lírios no silvedo.  
 (DE JESUS, 1906 p. 15)

Um dos pontos fundamentais do Romantismo é a interação da natureza com o eu lírico, pois é revelada nesta interação a capacidade da criação poética. Neste caso, a natureza funciona quase como a mais pura expressão do estado do espírito poético como se percebe no poema: “Ninho Vasio”(ortografia original).

Ninho vasio

Por entre as ramas verdes, perfumadas,  
 Que do ribeiro à margem vicejavam,  
 Entre o sorrir das flores delicadas,  
 Ninho gentil as auras balouçavam.

Dentro, um casal de pássaros vivia,  
 Em Idílio contínuo, descuidado,  
 E, docemente, a vida lhe corria,  
 Num transporte de amor imaculado.

Mas chega o inverno, em desamor ferino,  
 E então expulsa as aves, de momento,  
 Do sorridente abrigo pequenino.

Hoje, esse ninho, a balouçar silente,  
 Ao sopro frio e ríspido do vento,  
 Encerra em si um quadro comovente  
 (DE JESUS, 1906, p.22).

No poema “Ninho Vasio”, o eu lírico traz as características marcantes do Romantismo da primeira fase tais como: valorização da natureza, subjetivismo e a liberdade, como podem ser visto nestes versos: “Por entre as ramas verdes, perfumadas,/Que do ribeiro à margem vicejavam,/ entre o sorrir das flores delicadas,/ ninho gentil as auras balouçavam”<sup>12</sup>. Há, portanto, três elementos referentes à idealização da natureza: as ramas verdes, perfumadas e flores delicadas. O subjetivismo presente neste poema se dá na forma de como o eu lírico encara a natureza expondo alguns itens importantes: o sorriso das flores delicadas, sorridente abrigo, ao sopro frio e ríspido do vento, encerra em si um quadro comovente. Há, também, a

<sup>12</sup>A poetisa utilizou a palavra balouçavam que é o mesmo de balançavam.

relação de proximidade do eu lírico com a natureza e essa aproximação se dá por meio da imagem de idealização poética como se confere nestes versos: “e docemente, a vida lhe corria, num transporte de amor imaculado”.

A poetisa Leodegária buscou inspiração poética também em Casimiro de Abreu(1999)pelo fato de existir uma aproximação do eu lírico com a natureza como o que ocorre no poema “Chromo”(1906, p.27) quando o eu lírico expressa: “A tarde cai. O sol desaparece./ Seus loiros raios vão além fugindo.” Nestes versos, o eu lírico enaltece a figura do sol e, ao mesmo tempo, personifica-o com as seguintes palavras: “Seus loiros raios vão além fugindo”. Na Antiguidade, vários povos faziam hinos em homenagem ao sol, simbolizando o rei da justiça como pode ser verificado no *Salmo 19*: “Ali pôs uma tenda para o sol<sup>13</sup>, e ele sai, qual esposo da alcova, como alegre herói, percorrendo o caminho”(*BÍBLIA SAGRADA DE JERUSALÉM* 2002, p.880).

O eu lírico no poema “Chromo”,ao personificar a figura do sol na primeira estrofe, eleva-o a uma realidade sublime que pode ser verificada nos seguintes versos: “A tarde cai. O sol desaparece./ Seus loiros raios vão além fugindo./ A passarada notas desferindo,/Ao criador eleva doce prece.” No livro dos *Salmos*, existe o hino em que o salmista canta sobre a realização da personificação fazendo com que o sol esteja mais próximo e seja feita uma tenda para ele, para que possa repousar. Da mesma forma, o eu lírico revela o momento do entardecer, quando “os loiros raios” vão fugindo, como se percebe nos versos abaixo:

Chromo

A tarde cai. O sol desaparece.  
Seus loiros raios vão além fugindo  
A passarada notas desferindo,  
Ao criador eleva doce prece.

O colibri volita, doudejante;  
Do rio as águas correm, mansamente;  
Além, na serra, vagarosamente,  
Pálida lua surge fulgurante.  
(DE JESUS, 1906,p.25)

O poema “Chromo” apresenta uma forte interação com a natureza como fonte de construção poética, fazendo com que a poetisa Leodegária de Jesus esteja voltada também para o Romantismo da segunda fase e, de forma especial, com o pessimismo, o sonho, a angústia e a morte como motes para a segunda geração, tendo Álvares de Azevedo como

<sup>13</sup>Era visto para muitos povos como uma manifestação divina, concebido como o filho do dia e irmão do arco-íris. É também a fonte de vida e seus raios representam a fonte celeste. Fonte: CHEVALIER;GHEERBRANT. *Dicionário de símbolos*. 1990, p.949.

fonte de inspiração. Os poemas “Volúvel”(p.33), “Meus Amores”(p.41), “Dor Oculta”(p.61) e “Saudade”(p.55), que fazem parte da obra *Coroa de lírios*(1906), têm certa semelhança com a obra *Lira de vinte anos*(2008).

O prof. Dr. José Fernandes explica que “o sentimento de angústia é um fenômeno psíquico dominante na vida dos seres humanos e que os acompanham desde os tempos imemoráveis. A angústia se condensa no momento em que o homem percebe o seu ser ameaçado pelo real ou ilusoriamente. Dessa forma, a atitude do homem perante o nada imanente na realidade cai na imaginação é desprezo, terror que eclode inevitavelmente na angústia”(FERNANDES, 2012, p. 15).

Em relação às imagens poéticas que o eu lírico de Leodegária apresenta, Otávio Paz explica o que vem a ser a imagem num olhar poético.

Convém advertir, pois, que designamos por imagens toda forma verbal, frase ou conjunto de frases que o poeta diz e que unidos compõem um poema. Essas expressões verbais foram classificadas pelo retórico e se chamam: comparações, símile, metáforas, jogo de palavras, símbolos, alegoria, mitos e fábulas (PAZ, 1982, p.119).

No Romantismo da segunda geração, é característico o amor idealizado bem como a presença do sentimentalismo e, ao mesmo tempo, o eu lírico expressa o seu sofrimento amoroso, buscando a morte como solução. Os versos abaixo revelam os aspectos básicos tais como solidão, idealização amorosa, fuga do mundo “De minha vida na vereda escura, eu deparei-te um dia”, “Amei-te muito, amei-te, com loucura” (p.33).

José Fernandes expõe que muitas vezes e com maior razão no Romantismo é a angústia fictícia, imaginária, porque no homem, o espírito sonha. No sonho, o ser não somente projeta uma realidade inexistente, ilógica e irreal, mas recria novas irrealidades (FERNANDES, 2012, p. 15). Dessa forma, o poema “Volúvel” demonstra o eu lírico vivendo numa constante antítese entre o sonho e a realidade. Como o próprio nome do poema sugere, o eu lírico está em permanente estado de mudanças de sentimentos como se verifica nestes versos: “De minha vida na vereda escura/ Eu deparei-te um dia/ Amei-te muito, amei-te, com loucura,/ E feliz me sentia” (1906, p.33).

Os versos a seguir, ainda do poema “Volúvel”, revelam o eu lírico diante do sofrimento e da angústia e, ao mesmo tempo, idealiza a imagem da pessoa amada como aquela que pode iluminar os caminhos contra toda forma de sofrimento: “O meu caminho que era só de abrolhos/ De flores mil juncaste./E com a luz sublime de teus olhos/ A senda iluminaste.” José Fernandes relata que o pessimismo romântico é uma atitude de vida que

extravasa a literatura e se transforma em sistema filosófico, cujos postulados bem definem as formas de o romântico viver e sentir. Ao citar o filósofo Schopenhauer, explica que é essencial sofrer, e como o viver é querer, toda a existência é essencialmente dor. A vida do homem não é mais do que uma luta pela existência com certeza de ser vencido (FERNANDES, 2015.p. 17).

O eu lírico presente em *Coroa de lírios* proclamando a angústia e o sofrimento visa, por sua vez, a um amor idealizado, sente em sua alma forte sofrimento e angústia pelo amor não realizado. O tédio romântico provém não de desejos e realidades concretas, mas de ambições impossíveis e, às vezes, absurdas e irreais. O romântico vive o impossível, o irrealizável.

Os poetas românticos da segunda geração são construtores de uma lírica que intercala sonho e realidade. A realidade é sinal de sofrimento e de angústia; é algo indesejável. Já o sonho poético é desejável e algo que talvez fosse possível.

O eu lírico do Romantismo da segunda geração, ao criar um mundo idealizado, apresenta também uma frustração do amor não concretizado. Há, portanto, um paralelo entre o sonho e o real, e é por este caminho que passa o eu lírico de Leodegária. Nesse sentido, BACHELARD (1998, p.61-63) afirmou que o sonho é perturbador e que somente o devaneio permite uma criação poética para a felicidade que o eu lírico deseja e com isso o eu lírico mergulha no mundo da imaginação criativa ao afirmar estes versos: “E, com a luz sublime de teus olhos, /A senda iluminaste”(p.33).

Percebendo que somente o devaneio permite o caminho para a criação poética, FRIEDRICH (1978, p.75) explicou que todo poeta não está mais voltado para o real e sim para o irreal e a função do poeta é imaginar e criar tendo como foco as idealizações das imagens perfeitas tanto da natureza como a imagem feliz do amor. Assim, o eu lírico de Leodegária presente em *Coroa de lírios* mergulha na arte da criação poética como fizeram os poetas românticos<sup>14</sup> da primeira e da segunda gerações no Brasil.

Os poetas do romantismo ao mergulharem na poética por meio da imaginação, inspiração e criação passam a idealizar as imagens felizes. BACHELARD (1998, p. 72) explica que “o poeta que constrói a sua lírica poética passa por um devaneio, ou seja, passa por caminho de felicidade para a criação lírica”. Com isso, o eu lírico presente tanto em *Coroa de lírios* (1906) e *Orquídeas*(1928) passando pelo caminho do devaneio, possibilita a capacidade da criação do mundo poético. Tal afirmação se encontra nestes versos: “De minha

---

<sup>14</sup>A poetisa Leodegária escreveu *Coroa de lírios* inspirada na leitura de poemas de: Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu, Castro Alves e Álvares de Azevedo (FRANÇA, Basileu, 1996).

vida na vereda escura, eu deparei um dia, amei-te muito, amei-te com loucura e feliz me sentia”(p.33).

Nesse sentido, é possível perceber que a poética de Leodegária traz características da primeira fase do romantismo como: natureza idealizada, saudade, amor idealizado. Tais características são evidenciadas nos poemas: “Paisagem” (1906, p.15), “Chromo”(1906, p.27), “Jatahy”(1906, p.29) e ”Enlevo”(1906, p.73). Há também as características do Romantismo da segunda fase tais como: fuga do real, pessimismo, morte, amor e sofrimento, destacadas nos poemas: “Volúvel”(1906,p.33), “Dor oculta”(1906, p.61) “Saudade”(1906, p.55), “Símile”(1928, p.19), “Suprema dor”(1928, p.24).

José Fernandes explica que

o trágico provém da angústia e de um desespero de um amor- paixão frustrado, malgrado a insistência e a esperança de que o rival se retire, ou seja, eliminado. Consoante a visão romântica, a morte não é o fim de tudo, porque em situação de desespero, morte é vida, é ato. Vida- potência que supera as contingências dos homens, do mundo e do amor. A morte é a perpetuação do amor na lembrança da pessoa amada, e, ao mesmo tempo a máxima condensação da angústia(FERNANDES, 2012 p. 35).

A presente reflexão pode ser relacionada aos versos abaixo do poema “Símile”(1906, p.19) em que o eu lírico faz uma revelação do seu estado de espírito mediante os contrastes que a vida lhe apresenta: “Mas si nos fere o espinho da tristeza,/ Si maltratados somos pela sorte,/ Si nos é dado o cálix da incerteza,/ Viver é triste!/ Como é doce a morte.” Dessa forma, a natureza geralmente participa da angústia e das reflexões funéreas que preparavam o espírito do leitor, deixando entrever um desenlace marcado pela violência de acontecimentos trágicos como a ideia da morte.

Na primeira fase do Romantismo, o eu lírico se apresenta no plano da idealização tendo, por sua vez, a inspiração poética referente à natureza e ao amor que, por meio da imaginação não há o sofrimento e a angústia, mas, sim a contemplação da harmonia e da felicidade, como se expressa no poema “Supremo gozo”(ortografia original)(1906,p.49): “Quando em teus lábios frescos e mimosos/ Paira um sorriso, cheio de brandura/ Então, minha alma, às regiões dos gosos,/ Sinto evolar-se em plena ventura” revela com isso que há o supremo gozo pois a alma encontra-se na felicidade contemplando o amor em plena ventura que nasce da criação poética.

O supremo gozo é, portanto, um mergulho na “região do prazer”, ou seja, da felicidade e da contemplação e que, ao mesmo tempo, passa a imaginar a pessoa amada que vem ao encontro do eu poético de forma feliz. Todavia, na poética de Leodegária, como explica,

(DENÓFRIO, 2001, p. 36) o amor como imagem feliz aparece poucas vezes em *Coroa de lírios* somente em “Supremo goso”(1906, p. 49), “Mutação”(1906, p.53) e “ Estâncias”(1906, p.36), pois, na maioria das vezes, o eu lírico expressa o amor carregado de angústia, sofrimento e dor trazendo, dessa forma, as marcas do Romantismo da segunda fase tais como o pessimismo e a fuga do real que podem ser relacionados com a expressão da autora no texto “Aos pat rcios” na abertura de *Coroa de lírios*: “Foi então que senti arder em meu cora o infantil, a primeira centelha do amor. Mas ai!... a fatalidade destruiu, de um só golpe, os belos ideais e os róseos castelos que edifiquei”(DE JESUS, 1906, p. 13).

Nesse sentido, pode ser observado que a poetisa utilizava ora no Romantismo da primeira fase tendo a inspira o poética na natureza e a idealiza o do amor perfeito e o Romantismo da segunda fase que revela também o eu lírico no estado melancólico e de sofrimento amoroso. Portanto, a poética de Leodegária, de um modo geral, revela a antítese poética, pois, de um lado, há inspira o poética na natureza e no amor para que o eu lírico esteja em pleno gozo como se percebe no poema “Supremo goso”(1906, p. 49, ortografia original) e a revela o de sentimentos como: angústia e pessimismo como está em “Suprema dor”(1928, p.24) e esse pessimismo e essa desilusão amorosa fazem-se presentes na grande maioria da obra *Coroa de lírios e Orquídeas*.

## 2. O DEVANEIO POÉTICO EM LEODEGÁRIA

“Oh! que saudades que tenho  
 Da aurora da minha vida  
 De minha infância querida  
 Que os anos não trazem mais!  
 Que amor, que sonhos, que flores,  
 Naquelas tardes fagueiras  
 À sombra das bananeiras,  
 Debaixo dos laranjais.

Casimiro de Abreu

O presente capítulo tem como finalidade aplicar conceitos de Bachelard sobre a poética do devaneio e a possível relação do exercício dessa poética estabelecida na concepção da obra *Coroa de lírios*. Bachelard explica que o devaneio é o repouso do ser, é a fuga para fora do real. “Não é um vazio do espírito, é antes, o dom de uma hora que conhece a plenitude da alma. Neste sentido, aparece a alma que vive o presente das imagens felizes. Nas horas de felicidade conhece um devaneio que se alimenta de si mesmo, que se mantém como a vida se mantém”(BACHELARD, 1998, p.61).

Bachelard ainda expõe sobre a importância de explicar sobre o devaneio poético nestas palavras: “Voltemos, porém, à nossa tarefa de indicar o caráter construtivo do devaneio poético e para preparar essa tarefa, perguntemo-nos se o devaneio é, em qualquer circunstância, um fenômeno de distensão e de abandono, como sugere a psicologia clássica” (BACHELARD, 1998,p.10).

O devaneio poético é, primeiramente, a abertura para o mundo belo, é a coerência do sonhador com o seu mundo. O devaneio poético pretende assinalar a força da coerência que um sonhador recebe quando é realmente fiel aos seus sonhos, e seus sonhos adquirem uma coerência graças aos seus valores poéticos. Dessa forma, Bachelard relata que a poesia constitui, ao mesmo tempo, o sonhador e o seu mundo. Enquanto o sonho noturno pode desorganizar a alma e propagá-la mesmo durante o dia,também as loucuras serão experimentadas durante a noite, pois o bom devaneio ajuda a alma a gozar do seu repouso. (BACHELARD, 1998, p.17).

Em *Coroa de lírios* é possível compreender que o eu lírico está em busca da idealização e da felicidade por meio das imagens felizes, tais como nos versos do poema “Mater”(1906, p.17): “Minha Mãe, Minha Mãe só ao teu lado,/ eu me sinto feliz.”Aqui a felicidade está relacionada ao amor materno e às lembranças da infância e também está ligada à idealização amorosa como aparece nestes versos de “Supremo goso”(1906, p.49)“Nesses olhares vagos, amorosos, /Vejo sorrir-me a vida, com doçura.”O devaneio que o eu lírico de Leodegária expressa nesses versos é a criação de um mundo de imagens felizes que a tiraria de todo o sofrimento.

Para compreender a relação que existe entre o devaneio e a lírica de Leodegária, foi fundamental a leitura e a compreensão do devaneio e como o mesmo pode ser compreendido ao ler os poemas que se encontram em *Coroa de lírios*.

Para estabelecer um caminho entre o devaneio e a lírica de Leodegária, o próprio eulírico apresenta alguns traços importantes tais como: a criação de um mundo belo, a ideia do amor e a felicidade, a busca pela harmonia com a natureza. Dessa forma, o sentimento de sofrimento e a angústia não são vivenciados pelo eu lírico nestes dois poemas.

Segundo Bachelard (1998, p.5), um mundo forma-se no nosso devaneio, um mundo que é nosso mundo e ensina-nos a possibilidade de engrandecimento de nosso ser nesse universo que é nosso. Nos poemas de Leodegária, o eu lírico, ao construir a imagem de um mundo feliz está fugindo do real, ou seja, da angústia existencial e do sofrimento e, ao mesmo tempo, estabelecendo um caminho das realidades possíveis como já explicava o filósofo Aristóteles: “O poeta fala das coisas que seriam possíveis”(ARISTÓTELES. 2005, p. 28).Assim sendo, o eu lírico expressa a possibilidade do amor como imagem alegre e feliz passando para o devaneio e concentrando-se no mundo das criações poéticas.

Ainda segundo Bachelard (1998, p.7), o devaneio é uma fuga para fora do real no qual nem sempre é encontrado um mundo irreal consistente. Tal ideia de fuga é encontrada em alguns versos do poema “Supremo goso”:

Quando em teus lábios frescos e mimosos,  
 Paira um sorriso, cheio de brandura,  
 Então, minha alma, às regiões dos gosos,  
 Sinto evolar-se, plena de ventura.  
 (DE JESUS, 1906,p.49)

O eu lírico expressa que há gozo e ventura da alma quando está diante da pessoa amada. Desta forma, o devaneio em “Supremo goso” causa alegria e satisfação como se percebe nestes versos: “Quando os teus olhos languidos, formosos/ Nos meus, se fitam com

ideal ternura/ Nesses olhares vagos, amorosos,/ Vejo sorrir-me a vida, com doçura”(p.49). Diante dessa expressão, o eu lírico apresenta uma imagem feliz em relação à pessoa amada. Desta forma, não há tristeza nem sofrimento, há a felicidade idealizada.

A felicidade idealizada encontra-se em dois caminhos tal qual se mostram nestes versos. O primeiro é: “Quando os teus olhos lânguidos formosos” fazendo referência à pessoa amada e o segundo é: “Nos meus fitam com ideal ternura”. Nestes dois versos há, portanto, uma aproximação entre o eu lírico e a pessoa amada.

O eu lírico apresenta tanto na primeira como na segunda estrofe do poema “Supremo goso”(1906, p.49) elementos fundamentais de idealização em relação ao amado tais como: teus olhos, teus lábios, ideal ternura que ao expressar sobre estas realidades, o eu lírico revela que há o devaneio em sua alma. Segundo Bachelard “o devaneio beneficia-se de uma tranquilidade lúcida, ainda que se tinja de melancolia uma nostalgia vibrante que dá continuidade ao nosso repouso”(BACHELARD,1998, p.8).

Estudar a lírica de Leodegária numa perspectiva do devaneio é ao mesmo tempo compreender o que afirmou o teórico citado “que um mundo se forma no nosso devaneio. Esse mundo ensina-nos a possibilidade de engrandecimento de nosso ser no universo” (BACHELARD, (1998,p.8). Com isso, o eu lírico no poema “Supremo goso”(1906, p.49) mergulha na criação poética de um mundo idealizado ao expressar:“Muda-se logo o mundo em paraíso/ As alegrias puras e divinas, / Ame afagarem, ternas, eu diviso.”Nestes versos, o eu lírico idealiza o mundo como um paraíso onde só há alegria, não havendo o sofrimento e a angústia. Portanto, como Bachelard (1998, p.10-12) explica, o devaneio poético nos dá o mundo cósmico e belo.

## **2.1. A poética do devaneio e o eu lírico**

Estudar a lírica de Leodegária numa perspectiva do devaneio é compreender, o que afirmou Bachelard(1998, p.12): “a consciência do maravilhamento diante desse mundo criado pelo poeta abre-se com toda ingenuidade”. Com isso, os poemas de *Coroa de lírios*(1906): “Mater”(p.17), “Supremo goso”(p.49), “Estancias”(p.37), “Mutação”(p.53), “Scismando”(p.69), “Aspira o”(p.63), “Enlevo”(p.73) que ao todo são sete, transmitem a ideia da harmonia e da perfei o, sendo, portanto para o eu lírico a abertura para um mundo belo.

Por serem sete os poemas que trazem a ideia do devaneio e de um amor idealizado e angelical e também da harmonia com a natureza por meio da cria o poética. Conforme Chevalier e Gheerbrant explicam “sete são a perfei o eo símbolo de uma totalidade, mas de

uma totalidade em dinâmica tal como em: sete igrejas apocalípticas, sete estrelas, sete espíritos de Deus, sete selos, sete trombetas, sete cabeças, sete copas, sete reis”.(CHEVALIER e GHEERBRANT, 1990, p. 941-942). Assim, o número sete simboliza a perfeita harmonia diante do universo e os sete poemas de *Coroa de lírios* trazem a ideia de harmonia sobre o amor, a natureza e a vida.

No poema “Mater”(p.17) que traz a ideia da harmonia, o eu lírico apresenta um sentimento de amor maternal e, ao mesmo tempo, esse ato amoroso transforma-se numa ideia angelical. A dimensão angelical quando se trata da imagem feminina, muito presente no eu lírico do Romantismo da segunda geração, como uma realidade superior e inatingível faz com que a autora, através do eu lírico, ao seguir o mesmo estilo poético dos românticos, apresente uma imagem de mãe perfeita e angelical. Como afirma Bachelard:

A imagem poética nova- uma simples imagem!- torna-se assim, simplesmente, uma origem absoluta, uma origem de consciência. Nas horas de grandes achados, uma imagem poética pode ser o germe de um mundo, o germe de um universo imaginado diante de um devaneio de um poeta (BACHELARD, 1998, p.1).

#### MATER

Mãe é teu nome para mim um hymno  
Maravilhoso, de celeste encanto.  
Oh! como é doce, carinhoso e santo,  
Pleno de graça, imenso, e até divino!

Minha mãe, minha mãe, só a teu lado,  
Eu sinto-me feliz. O teu sorriso  
É para mim sonhado paraíso,  
O teu sorriso puro imaculado.

Tu és meu anjo tutelar e amigo,  
És o thesouro que feliz bendigo,  
Formosa estrella que encontrei na vida!

Quisera ver-te, num altar brilhante,  
E eu de joelho, tua filha amante,  
A venerar-te, minha mãe querida  
(DE JESUS, 1906,p.17).

Nesse poema, o eu lírico se coloca numa relação de afetividade frente à imagem feliz ao trazer as lembranças de convívio com a mãe como é possível perceber na seguinte expressão: “Minha mãe, minha mãe, só a teu lado,/ Eu sinto-me feliz”. Diante desses versos, o eu lírico busca a felicidade enfatizando a importância da figura maternal por meio de expressões poéticas como: “maravilhoso de celeste encanto”, “sorriso puro e imaculado”. Neste sentido, esse amor maternal, ou seja, o carinho que a poetisa sentia pela própria mãe foi

transformado numa linguagem poética fazendo com que o eu lírico descobrisse o semblante da mãe como um “anjo tutelar e amigo”, permitindo, assim, o sonho das boas lembranças da infância, em que a figura materna é vista como aquela que acompanha e protege.

No poema “Mater” há uma construção poética sobre a ideia do amor materno que se transforma numa imagem angelical e sublime. Tal expressão é demonstrada nestes versos: “Tu és meu anjo tutelar”. Aqui há a ideia de proteção que o eu lírico sente diante da figura materna e, por isso, declara: anjo tutelar. O termo anjo expresso no poema revela, portanto, os sinais de pureza, de carinho e de afeto. Na linguagem bíblica, a interpretação que se dá para o termo anjo é referente a um mensageiro, aquele que acompanha, o que está perto e também protege. A poetisa, ao mostrar uma construção sobre a imagem angelical através do eu lírico, apresenta um desejo de exaltação e de aproximação com a imagem poética.

LURKER (2003, p.22) explica que os anjos são seres espirituais próximos de Deus. Já a religião Mesopotâmia antiga conhece-os como mensageiros de Deus; nos relevos assírios são representados por seres alados, alguns com cabeças humanas, outros com cabeças de ave. No *Novo Testamento*, os anjos representam o mundo celeste. Nos primeiros séculos cristãos, os anjos eram representados como figuras masculinas sem asas. Somente a partir do século IV, surgiram como seres assexuados com asas. A hierarquização angelical em nove níveis deve-se a Pseudo-Dionísio: anjos, arcanjos, principados, potências, poderes, domínios, tronos, querubins, serafins.

O eu lírico nestes versos do poema “Mater”: “Quisera ver-te, num altar brilhante/ e eu de joelho, tua filha amante/ a venerar-te, minha mãe querida” apresenta o desejo que a mãe fosse amada e venerada por meio de três atitudes importantes: admiração, humildade e respeito. Essas características são reveladas por meio das ações de ver, de ajoelhar e de venerar que demonstram, portanto, o carinho que a poetisa sente pela própria mãe e esse amor transforma-se em imagens felizes que o devaneio traz por meio da alma.

Bachelard (1998, p.15), ao relatar sobre o devaneio, menciona que o indivíduo deve buscar sempre a felicidade. O devaneio poético não é um sonho noturno, mas um repouso para a alma, que leva boas lembranças da infância em plena luz da vida como fez a poetisa Leodegária de Jesus. Alfredo Bosi (2010, p.56) explica que a fantasia e o devaneio são imagens movidas pelos afetos. Esse movimento das imagens poderá circular apenas pelos espaços da visão, mas poderá acender ao nível da palavra.

Tomando por base o método fenomenológico, Bachelard (1998, p.4) explica que se estabelece uma comunicação com a consciência criadora do poeta, lugar em que há uma origem absoluta e uma gênese que faculta a consciência de uma profunda percepção cósmica.

O eu poético apresenta essa consciência cósmica quando eleva a imagem da mãe, personagem principal do seu poema, como desejo de valor sublime e vê-la em um altar brilhante ao dizer: “Tu és um anjo tutelar e amigo”(p.18).

Quando o eu lírico expressa: “anjo tutelar e amigo” referindo se à figura materna, está diante de uma linguagem poética em que as palavras anjo e mãe relacionam-se num sentido metafórico que dá vida ao poema “Mater”. Neste sentido, Bachelard (1998, p.8) revela que o devaneio poético e a imagem poética constituem um novo ser da linguagem. Por isso, a imagem poética ilumina a consciência de todo poeta. Segundo este teórico, ao sonhar com a infância, regressamos ao mundo dos devaneios que nos abrem para o nosso mundo. É esse devaneio que nos faz primeiro habitante do mundo da solidão.

Abaixo, num verso do poema “Um canto do século”, de Álvares de Azevedo, há marcas da oralidade que também caracterizam a linguagem de Leodegária e evidencia a construção poética, tendo a ideia da morte como alívio ao sofrimento amoroso:

Tenho febre, meu cérebro transborda  
Eu morrerei mancebo, inda sonhando  
Da esperança o fulgor...  
Oh, cantemos ainda: a última corda  
Inda palpita...morrerei cantando  
O meu hino de amor  
(AZEVEDO.A, 2008, p.72).

A morte é um dos principais temas que pertence à poética do Romantismo, fazendo com que o eu lírico, no poema “Um canto do século”, estabeleça uma relação entre a morte e o sonho como se percebe nestes versos: “Eu morrerei mancebo, inda sonhando/ da esperança o fulgor...” Essa relação entre as duas realidades é firmada quando é feito o convite: “Oh, cantemos ainda: a última corda/ inda palpita.” O eu lírico, por sua vez, manifesta o sentimento de amor mesmo diante da morte ao afirmar: “morrerei cantando o meu hino de amor”.

Da mesma forma que o poema “Um canto do século” traz a ideia de amor e sofrimento, também se percebe estas ideias no poema “Símile” nos seguintes versos: “Si nos é dado o cálix da incerteza/ Viver é triste/Como é doce a morte”(p.19).

Bachelard relaciona esse contexto poético ao amor, ao sofrimento e à busca da felicidade pelo devaneio.

O amor e o devaneio poético caminham juntos, é por isso que muitos amantes correm para escrever assim quando saem dos seus encontros amorosos, pois, o amor nunca termina de exprimir-se tanto melhor quanto mais praticamente é sonhado. Os devaneios de duas almas solitários preparam a doçura do amor. Um realista da paixão virá aí apenas (BACHELARD. 1998, p. 8).

Porém, esse devaneio amoroso de encontro entre duas almas é impossível de acontecer, pelo menos é o que ocorre com o eu poético de Leodegária, pois esse sofrimento seria apenas uma criação poética presente na obra *Coroa de lírios*. Segundo Basileu França (1996, p.28), não pode ser confirmado que o amor idealizado pelo eu poético presente na obra *Coroa de lírios* fosse real.

Supremo goso (ortografia original)

A...  
 Não dou valor ao sol mais perfulgente,  
 Diante destas joias peregrinas.  
 José Chagas.

Quando os teus olhos lânguidos, formosos,  
 Nos meus, se fitam, com ideal ternura,  
 Nesses olhares vagos, amorosos,  
 Vejo sorrir-me a vida, com doçura.

Quando em teus lábios frescos e mimosos,  
 Paira um sorriso, cheio de brandura,  
 Então, minh'alma, as regiões dos gosos,  
 Sinto evolar-se, plena de ventura.

Si te ouço a voz amena que deleita,  
 Mais que o cantar das aves peregrinas,  
 O alma santa, de minha alma eleita,

Muda-se logo o mundo em paraíso;  
 As alegrias puras e divinas,  
 A me afagarem, ternas, eu diviso  
 (DE JESUS, 1906. p.49).

O “Supremo goso”(p.49) é um dos poucos poemas que trata sobre o amor como forma feliz, incluindo os poemas: “Mutaçãõ” e “Estancias”. O eu lírico expressa em “Supremo goso”(p.49) o sentimento de amor que lhe traz alegria e ternura ao expressar: “Quando os teus olhos lânguidos, formosos,/ nos meus fitam com ideal ternura/Nesses olhares vagos, amorosos/ Vejo sorrir-me a vida, com doçura”.

O eu lírico de Leodegária revela no poema “Supremo goso”(p.49) o repouso para a alma, enquanto alguns poemas da obra *Coroa de lírios* não permitem a realização do devaneio como *anima* tal é o caso do poema “Suprema dor”(1928, p.24), mas sim do *animus*, pois há, em relação a estes dois poemas, uma antítese de pensamentos em que um expressa alegria suprema e o outro dor suprema.

Há no poema “Supremo goso”(1906, p.49) e no poema “Suprema dor”(1928, p.24) a ideia da anima e do animus; pois, segundo Bachelard (1998, p. 64),“a anima pertence ao

devaneio das imagens felizes” como ocorre em “Supremo gozo”(p.49) e, neste poema, aparecem as imagens serenas ditas pelo eu lírico feminino que sustentam e equilibram a paz, e as imagens que se encontram neste poema fundem-se num calor íntimo na constante doçura em que se banha em toda alma o âmago feminino.

Por sua vez, o poema “Suprema dor”(1928, p.24) demonstra o aspecto do animus, ou seja, o projeto das preocupações e do sofrimento, não há a manifestação da anima, do repouso para a alma, mas sim a suprema dor, a total angústia. Portanto, em “Supremo gozo”(1906, p.49) e “Suprema dor”(1928, p.24) há traços em movimentos dialéticos entre o prazer e a dor como também ocorre em “Símile”(1906, p.19), referente à antítese “vida e morte”. Tal movimento de antítese é muito presente em toda poética de Leodegária tanto em *Coroa de lírios* e *Orquídeas*.

“Estancias” (1906, p.37)e “Supremo gozo”(1906, p.49) poemas que pertencem à obra *Coroa de lírios* tratam do tema amor como forma feliz, ou seja, o eulírico expressa a felicidade ao lado da pessoa amada causando- lhe êxtase suave.

Os poemas “Símile”(1906, p.19), “Suprema dor”(1928, p.24) e “Supremo gozo”(1906, p.49) trazem a ideia de felicidade e da infelicidade, fazendo com que haja o movimento dialético, permitindo com que o eu lírico esteja diante de um caminho real que é o sofrimento e do outro que é a busca da idealização e do devaneio por meio da criação poética. Esses dois caminhos que estão diante do eu lírico o real e o ideal “fazem com a poesia se torne o estado emotivo ou lírico do poema e mais ainda, poema é a fixação material da poesia, é a composição formal do estado lírico, são palavras, versos, os estados que se dizem e se escrevem e assim fixam e transmitem o estado lírico do poeta”como explica SILVA (1986, p.69 ).

O eu lírico presente na obra *Coroa de lírios* expressa todo o sentido de angústia e, ao mesmo tempo, a busca pela felicidade, transformando esse desejo em versos poéticos, ou seja, em palavras. Como explica Domingo Silva(1986, p.71), a poesia é o estado emotivo do poema.Sendo assim, sem emoção não há poesia. Este autor revela, ainda, que a poesia é uma arte da palavra e não existe, portanto, fora da linguagem. Nesse sentido, “a emoção experimentada por um expectador das paisagens de Waltten ou pelo ouvinte de uma sinfonia de Beethoven procede de áreas de percepção sensorial diferentes em que atua a audição ou leitura do poema”(SILVA, 1986, p 74).

Quando me fitas esse olhar tão grave,  
 Tão doce e cheio de melancolia,  
 Fica minh'alma em êxtase suave,  
 Esqueço a vida, esqueço esta agonia  
 Que me tortura a alma, noite e dia  
 Quando me fitas esse olhar tão grave.

Duma tristeza infinda de sol posto  
 São esses olhos lindos, sonhadores;  
 Nos quaes traduzo um perennal desgosto  
 Nos quaes diviso um barathro de dores.  
 Amo esses olhos cheios de dulçores,  
 Duma tristeza infinda de sol posto.

Oh, que me importam ríspidos martyrios,  
 Com que me cerca o fado traíçoeiro!  
 Si, nesses olhos tristes, como os círios,  
 Que valem mais do que o universo inteiro,  
 Encontro sempre um balsamo fagueiro?  
 Oh, que me importam ríspidos martyrios.  
 (DE JESUS, 1906. p.37)

Na época de Leodegária de Jesus, era comum o tema amor ser tratado por muitos poetas goianos e com a poetisa não seria diferente.

Quando me fitas esse olhar tão grave,  
 Tão doce e cheio de melancolia,  
 Fica minha alma em êxtase suave.  
 (DE JESUS, 1906. p. 37)

Nestes versos, o eu lírico, assim como no poema “Supremo goso”(p.49), revela a felicidade que sente quando a pessoa amada lhe parece próxima. Por isso afirma: “Quando me fitas esse olhar tão grave e cheio de melancolia”. Tal expressão feita pelo eu lírico é semelhante neste verso: “Quando em teus lábios frescos e mimosos, pairava um sorriso cheio de brandura”. Assim, tanto em “Estancias”(p.37) como em “Supremo goso”(p.49) a aproximação que o eu lírico faz a pessoa amada ocorre ao utilizar os termos: “Quando me fitas” e “Quando em teus lábios sente a alegria na alma”.

Os poemas “Estancias”(p.37) e “Supremo goso”(p.49) revelam o devaneio quando o eu lírico expressa no primeiro poema citado: “Esqueço a vida, esqueço esta agonia,/ Que me tortura a alma noite e dia”(p.37). Nestes versos há o esquecimento da vida e do sofrimento quando a imagem da pessoa amada fita os seus olhos tão grave. O eu lírico não pensa em mais nada muito menos em qualquer tipo de sofrimento.

O eu lírico no poema “Estancias” (p.37) não se lembra de nenhuma forma de sofrimento e dor e passa a fixar o olhar diante da ideia da pessoa amada. Numa situação como essa, Bachelard (1998, p.17) explica que todo o universo contribui para a felicidade quando o

devaneio vem acentuar o repouso, a quem deseja devanear, comece por ser feliz. Tal conquista, ou seja, ser feliz, é o que busca o eu lírico de Leodegária em “Estancias” (p.37).

Mesmo percebendo que exista todo tipo de sofrimento, angústia, dores, o eu lírico não se importa, pois há a imagem da pessoa amada que lhe traz tranquilidade e deixa a alma feliz. Como afirma Bachelard (1998, p.18), o devaneio se inicia para quem quer ser feliz.

O eu lírico no poema “Supremo goso”(p.49) não fará menção ao sofrimento e à angústia como forma de esquecimento, mas neste poema, o eu lírico expressará a felicidade plena, realizada pelo devaneio: “Quando em teus lábios frescos e mimosos,/ Pairaum sorriso cheio de brandura,/ Então, minh’alma às regiões dos gosos/ Sinto evolar-se, plena de ventura”.As expressões“plena de ventura” e “sorriso cheio de brandura” são situações que apresentam o eu lírico pronto para o devaneio.

## **2.2. O devaneio como felicidade plena do eu lírico**

O filósofo Bachelard, ao explicar o devaneio de um sonhador, relata que o sonho é referente a todo universo e, para chegar a esse sonho universal, é necessário passar pela *anima* que vive na construção das imagens felizes.

O devaneio de um sonhador é suficiente para fazer sonhar todo o universo. O repouso do sonhador é capaz de por em repouso as águas, as nuvens, a brisa fina. O devaneio não é um vazio de espírito. É antes, o dom de uma hora que conhece a plenitude de uma alma. Portanto, é o animus que pertence aos projetos e às preocupações, duas maneiras de não estarem presentes em si mesmo. A anima pertence ao devaneio que vive nas imagens felizes. Nas horas de felicidade conhecemos um devaneio que se alimenta de si mesmo, que se mantém como a vida se mantém (BACHELARD, 1998. p.61).

Como existe a ideia da anima e do animus na poética de Leodegária de Jesus.Friedrich (1978, p. 20), ao citar Goethe, afirma que o benefício de uma poesia é ensinar a compreender a condição humana como desejável, e o homem busca, por sua vez, a sinceridade interior e um olhar feliz para com o real que eleva o indivíduo ao universalmente humano.

O conceito de felicidade para o eu lírico de Leodegária é dado a conhecer pelas teorias sobre o devaneio poético de Bachelard como imagens serenas, dessas grandes despreocupações que constituem a essência feminina que se sustenta na busca do devaneio (BACHELARD. 1998. p.61).

Segundo o teórico citado, “as imagens que são recebidas em alma pelo poeta, aparecem como devaneio natural, as imagens suscitam o devaneio. A alma é que sonha e canta. Sonhar e cantar são trabalhos para o eu lírico e o devaneio é a livre expressão de qualquer alma” BACHELARD (1998, p.60).

PAZ (1982, p.17) explica que o poema é uma possibilidade aberta a todos os homens, qualquer que seja seu temperamento, seu ânimo e sua disposição.

O eu lírico de Leodegária, ao apresentar a disposição para a construção poética de um amor idealizado adotando as marcas do Romantismo, tanto da primeira fase, como na segunda geração, torna possível que se verifique a presença da idealização da natureza e da pessoa amada; e esse ato de criação e de idealização traz ao eu lírico de Leodegária a felicidade poética como se verifica no poema abaixo:

#### Scismando

Pensava em ti, nas horas de tristeza,  
Quando estes versos pálidos compuz.  
Varella,

Em ti eu penso, quando o sol nascente  
Doira o topete de longínquos montes,  
E quando escuto o murmurinho brando  
De solitárias, lacrimosas fontes.

Eu penso em ti, quando a alvorada acorda.  
Os palpitações, ledos passarinhos,  
E quando a música, inebriada escuto,  
Tão doce e terna, divinal, dos ninhos.

Eu penso em ti, si brandamente a brisa,  
Beijar eu vejo do coqueiro a palma.  
Eu penso em ti, si na celeste estrada,  
Vagueia a lua, sonolenta e calma.

Eu penso em ti, ó alma idolatrada,  
Quando a campina solitária, vejo,  
E quando ao lírio o sol poente envia  
Seu derradeiro e dolorido beijo.

Quando à tardinha, na afastada selva,  
Sentida nênia geme a jurity,  
Meu Deus, embora, tão sublime e triste,  
Eu com delírio, vou pensando em ti!  
(DE JESUS, 1906. p.69 - 70).

Em “Scismando” aparecem alguns aspectos importantes como: “sol nascente”, “alvorada acorda”, “celeste estrada” e “sol poente” permitindo que a natureza seja harmoniosa e dinâmica e faz com que a autora sinta o maravilhamento da sua criação poética.

Sobre este aspecto, Gaston Bachelard afirma “que a consciência do maravilhamento diante do mundo criado pelo poeta, abre-se com toda ingenuidade”(BACHELARD (1998, p.58).

Diante da dinâmica e da harmonia presentes no poema “Scismando”, o eu lírico proclama: “Eu penso em ti”, fazendo referência à pessoa amada e traz como inspiração a própria natureza, elemento da criação poética como se percebe nestes versos: “quando a alvorada acorda/ os palpitanes, ledos passarinhos/ e quando a música inebriada escuto”(p.71). Esse ato poético de relacionar o amor idealizado e, ao mesmo tempo a natureza. era muito comum nos poemas de Leodegária (DENÓFRIO, 2001. p.31).

Esse gesto poético do eu lírico de Leodegária foi adquirido pela leitura de grandes poetas da primeira e da segunda fases do Romantismo, entre eles Casimiro de Abreu e Álvares de Azevedo. Segue abaixo uma estrofe de um poema de Casimiro de Abreu:

Minha alma é triste como a rola aflita  
Que o bosque acorda desde o albor da aurora  
E em doce arrocho que o soluço imita  
O morto esposo gemedora chora.  
(ABREU, 1999. p.130).

Esse mesmo sentimento poético, presente no eu lírico de Casimiro de Abreu, é possível ser encontrado no eu lírico de Leodegária de Jesus. Abaixo, a última estrofe, já transcrita, do poema “Scismando”, de Leodegária.

Quando à tardinha, na afastada selva  
Sentida nenia geme a jurity,  
Meu Deus, embora, tão sublime e triste,  
Eu com delírio, vou pensando em ti!  
(DE JESUS, 1906. p.71).

As expressões: “Meu Deus, embora, tão sublime e triste/ Eu com delírios vou pensando em ti”, / trazem um olhar sublime sobre a pessoa amada e, ao mesmo tempo, de tristeza. Assim, a imagem poética referente à pessoa amada vista como sublime faz com que o eu lírico seja conduzido pela *anima*.

Ao ter a imagem da pessoa amada e, concomitantemente, sendo conduzido pela anima, o eu lírico se encontra com o devaneio profundo. Neste caso, conforme explica Bachelard, “o devaneio é realmente profundo, e o ente que vem sonhar em nós é nosso anima” BACHELARD (1998). Dessa forma, o eu poético de Leodegária marca uma dimensão tanto do anima como animus.

O devaneio poético como felicidade que pode ser encontrado no eulírico de Leodegária está nos seguintes poemas: “Supremo goso”(p.49), “Mutação”(p.53) e “Estancias”(p.37). Desta forma:

Em *Coroa de lírios*, de dez poemas de amor apenas três falam de forma feliz como conquista que ainda perdura: “Supremo goso”, “Mutação” e “Estancias”. Os demais o sangram a pura dor da perda amorosa (DENÓFRIO, 2001. p. 36).

Dos sete poemas<sup>15</sup> que já foram citados, nos quais aparecem o devaneio e a harmonia da criação poética de um mundo belo, os poemas: “Supremo goso”(p.49), “Mutação”(p.53) e “Estancias”(p.37) expressam diretamente sobre o amor como forma feliz. Já os poemas: “Mater”(p.17), “Scismando”(p.69), “Aspiração”(p.63), “Enlevo”(p.73) retratam o momento de criação poética do eu lírico por meio da natureza idealizada.

Os sete poemas tratam da natureza idealizada, da fuga do real e de um amor feliz. Bachelard explica que “Uma das funções do devaneio   libertar-se do fardo da vida. Um verdadeiro instinto do devaneio é a nossa anima,   esse instinto de devaneio que d    psique a intimidade do repouso” (BACHELARD, 1998). Segundo PAZ (1982), a revelação poética pressupõe uma busca interior. Busca que em nada se assemelha   análise ou   introspecção, mas que busca a atividade de pesquisa capaz de provocar a passagem propícia ao surgimento das imagens. O olhar poético para a felicidade do eu lírico em Leodegária é, portanto, conduzido pelas imagens interiores referentes à pessoa amada e como afirma Bachelard, “a felicidade é o próprio devaneio da *anima*”.

O eu poético de Leodegária é conduzido por emoções, sentimentos, sonhos e amor; e estes itens são fundamentais na sua trajetória poética. Os versos expressos pelo eu lírico de Leodegária revela ao mesmo tempo um caráter de fantasia e recordação, uma dialética entre o real e o imaginário.

Como explica Maria de Fátima Gonç lves Lima, o poema é a realização de uma realidade interior que atravessa abstratamente a realidade perspectiva através dos sentidos. É a materialização do desejo de um poeta sonhador a traduzir a angústia do poeta   procura do seu próprio ser no mundo. A poesia   ser do poema,   alegria e imaginação. (LIMA, 2009, p. 30)

---

<sup>15</sup>Os sete poemas s o: “Mater”(p.17), “Supremo goso”( p.49), “Est ncia”(37), “Mutação”(p.53), “Scismando”(p.69), “Aspiração”(p.63), “Enlevo”(p.73). Estes poemas fazem a junç o do 3+4 aonde tr s poemas falam diretamente do amor de forma feliz e quatro retratam sobre a harmonia da natureza. CHEVALIER e GHEERBRANT explicam que sete é o número da perfeição numa constante dinâmica.

O poema “Mutação” como constru o da imagem feliz, traz o aspecto da realidade, da metafísica e da est tica opondo à realidade prática e científica.

Muta o

A’Elfrida Goulart Carneiro

Eu adorava as flores delicadas,  
Me fascinava a natureza em festa,  
Amava, com loucura, asalvoradas.  
E a solidão profunda da floresta.

Eu muito amava as brisas peregrinas,  
Das claras tardes de verão tão belas,  
As harmoniosas celicas<sup>16</sup>divinas,  
E as pequeninas, r tilas estrelas.

Também amava as g rrulas rolitas<sup>17</sup>  
Em torno aos ninhos, presos   ramagem,  
A volitarem, ledas e catitas;

Mas que mudança! Um dia te encontrei,  
E para amar, somente, a tua imagem,  
Estrelas, flores, tudo desprezei!...

(DE JESUS, 1906, p.53 - 54).

Os versos “Eu muito amava as brisas peregrinas/ das claras tardes de verão tão belas/ as harmoniosas celicas divinas/ e as pequeninas, r tilas estralas” manifestam o momento de felicidade do eu lírico e um encontro estabelecido entre a recria o poética da realidade metafísica e da est tica. Como explica PAZ (1982, p.18), a poesia   ritmo perpetuamente criador e BACHELARD (1998, p.62), ao mesmo tempo, relata que a consciência do maravilhamento do mundo criado pelo poeta abre-se constantemente.

Uma característica marcante do eu lírico, em “Muta o”, está presente nestes versos: “Mas que mudanças! Um dia te encontrei/ e para amar somente a tua imagem,/ estrelas, flores,tudo desprezei.”

Ao mesmo tempo em que as três primeiras estrofes do soneto “Muta o” evidenciam um encontro do eu lírico em que são elevadas as paisagens da natureza, há, na quarta estrofe, uma mudança de atitude poética do eu lírico:“Mas que mudança! Um dia te encontrei”. Essa mudança do eu lírico ocorre porque ele se vê mergulhado na imagem de um amor idealizado “E para amar, somente a tua imagem,/ Estrelas, flores, tudo desprezei!”.Portanto, está presente nos versos: “...um dia te encontrei/ E para amar, somente, a tua imagem”, a constru o de uma imagem referente ao amor em que o eu lírico passa a idealizar a pessoa

<sup>16</sup> Palavra de origem latina que significa: Vindo do Céu.

<sup>17</sup>A poetisa utiliza a ortografia portuguesa do século XIX. O termo g rrula tem o significado de eloquente.

amada e, dessa forma, apresenta desprezo sobre a realidade prática e passa a idealizar um mundo aonde não há sofrimento nem dor.

A construção poética da obra *Coroa de lírios* tem como um dos pontos fundamentais a idealização amorosa, um encantamento com a natureza como também, uma formação poética do *animus*, do sofrimento, da angústia que faz parte da imagem poética em Leodegária de Jesus. Friedrich ao citar Baudelaire explica:

A mais importante contribuição de Baudelaire ao nascimento da lírica e das artes modernas situa-se, por certo em suas discussões sobre a fantasia. Esta é para ele, que equipara alias ao sonho, a capacidade criativa por excelência. A fantasia decompõe toda criação, segundo desde que provém do mais profundo interior da alma ,recolhe e articula as partes e cria um mundo novo(FRIEDRICH. 1978. p. 55).

A Literatura como uma expressão pessoal de um dado vivido, ou uma literatura como uma criação impessoal de um objeto que se revela sem relação com o nosso mundo,

reproduz a própria aparição do mundo. É imperioso que estas duas concepções tenham cada uma a sua parte de verdade ou pelo menos, que sejam explicáveis a partir de uma visão da arte (LEFEBVE. 1986. p.22).

LEFEBVE (1986, p.22) explica que a obra de arte representa o mundo, mas também é uma visão do mundo e, finalmente, “uma tomada de posição”, quer dizer um juízo mais ou menos aproximado emitido sobre o mundo. Nos versos abaixo do poema “Aspiração”, é possível encontrar este olhar poético sobre o mundo, em tal mundo, idealiza-se o eu lírico de Leodegária.

Aspiração

Ao Dr. Gastão de Deus

Viver alheia às falsas alegrias  
Desse ruidoso mundo, retirada  
Numa campina amena e povoada  
De flores mil, d'aromas e harmonias.

Morar bem junto às altas serranias;  
Viver do mundo inteiro separada,  
Numa casinha branca e sombreada  
De verdejantes, densa ramarias.  
(DE JESUS, 1906,p.63).

Os versos “Viver alheia às falsas alegrias/ Desse ruidoso mundo, retirada/Numa campina amena e povoada”demonstram o eu lírico rejeitando as falsas alegrias e, ao mesmo tempo, realizando uma projeção de felicidade, criando um lugar de habitação poética que é a

própria natureza. Essa atitude poética relacionada com a natureza era muito comum aos poetas românticos.

Nos versos “Viver alheio às falsas alegrias,/ desse ruidoso mundo retirada”, é possível perceber, o que LEFEBVE (1986, p.25) afirma em relação à literatura como uma expressão que produz a própria aparição do mundo.

No verso do poema “Aspiração”: “Morar bem junto às altas serranias;/ Viver do mundo inteiro separada,/ Numa casinha branca e sombreada /De verdejantes, densas ramarias,”há uma dialética entre o sonho e a realidade. O eu poético de Leodegária estando entre o sonho e a realidade, inspira-se no eu lírico de Álvares de Azevedo. A prof. Dra. Maria de Fátima explica essa relação entre sonho e realidade vivida pelo eu lírico de Álvares de Azevedo no Romantismo

O embate sonho x realidade é uma das tensões da poesia de Álvares de Azevedo. O sonho permite a criação de um ambiente pessoal, povoado de situações e figuras idealizadas, que permitem ao escritor fugir para o mundo de idealização à base do sonho e de emoções pessoais (LIMA, Maria de Fátima. 2011 p. 16).

Tendo em vista que o eu lírico presente no poema “Aspiração” tem características entre o sonho e a realidade, estes constituem um dos itens fundamentais da poesia romântica. FRIEDRICH (1978, p.17) explica que há três maneiras de enriquecimento poético: a capacidade de sentir e de observar, e a última que predomina na lírica moderna é a capacidade de transformar. As três capacidades poéticas são encontradas nos versos: “Viver do mundo inteira separada,/ Numa casinha branca e sombreada/De verdejante, densas ramarias”.

Nos versos do primeiro terceto do soneto “Aspiração”(p.64)“Ter por amantes aves pequeninas,/ Sonhar aos threnos do cantor alado,/ E por amigas flores campesinas”,é possível perceber o eu lírico criando uma nova realidade poética tendo em mente o mundo idealizado e que, por sua vez,mantém-se fora da realidade que lhe traz o sofrimento.

Dessa forma, diante da construção poética de um mundo ideal, o eu lírico começa desejando por “Morar bem junto às altas serranias/ viver do mundo inteiro separada”. Por isso, Segundo Bachelard,“nada é esquecido nos processos de idealização, pois não é deixando-se levar apenas pelos devaneios, mas também pelos sonhos e pelos valores de um ser que amaria e que se desenvolveria nos sonhos das idealizações”(BACHELARD. 1998, p.65).

No outro verso: “Sonhar aos threnos<sup>18</sup>do cantor alado”, é possível interpretar, de acordo com o que Bachelard explicou: “Não é deixando apenas pelo devaneio, mas sonhando os valores de um ser que se amaria”(BACHELARD, 1998, p.67). A atitude de sonho e projeção para uma realidade idealizada do eu lírico de Leodegária, permite a construção de um caminho para a felicidade e no qual o eulírico mergulha num outro mundo poético e, ao mesmo tempo, imaginário. O mundo real é absorvido pelo imaginário como propõe Bachelard. Tal atitude poética apresentada pelo filósofo é encontrada nos versos do poema “Aspiração”: “Viver alheio às falsas alegria/Desse ruidoso mundo, retirada/Numa campina amena e povoada/ De flores mil, de aromas e harmonias/ Morar bem junto a altas serranias;/Viver do mundo inteiro separada”. A palavra “mundo”, que aparece no poema “Aspiração” possibilita entender o que BACHELARD propõe:

Somos então jogados no mundo, entregues a inumanidade do mundo, à negatividade do mundo, o mundo é então o nada do humano. As exigências de nossa função do real obrigam-nos a adaptar-nos a realidade, a construir-nos como uma realidade, a fabricar obras que são realidades. Mas o devaneio, em sua própria essência, não nos liberta da função do real? Se considerarmos em sua simplicidade, veremos que ele é o testemunho de uma função do irreal, função normal, função útil, que protege o psiquismo humano, à margem de todas as brutalidades de um não eu hostil, de um não-eu estranho (BACHELARD, 1998, p.13).

A felicidade do eu poético de Leodegária é possível de ser encontrada nesta dialética do mundo real para o mundo imaginário, como explica o filósofo Bachelard: O mundo real é absorvido pelo mundo imaginário. Segue o poema “Enlevo” que também apresenta essa atitude do eulírico para o mundo imaginário.

Enlevo

Ao Coronel Luiz Alves Pinto

É noite é noite formosa!  
Do céu na tela espaçosa,  
Passeia a lua garbosa  
Calma, serena e gentil.  
A brisa nos palmerais,  
Defere canções ideais  
E dos floridos rosaes,  
Vem doce aroma subtil.

No bosque,um brando cicio  
Se faz ouvir; manso, orio.  
Desliza, mudo e sombrio,  
Além, na mataisolada.  
Em cada estrela, umsorriso

<sup>18</sup> No texto original do poema “Aspiração” a poetisa realmente utilizou esta expressão “threnos”. Provavelmente, a poetisa deveria ter expressado: “Aos terrenos do cantor alado”. *Coroa de lírios*, p.63

Meigo, sublime, diviso,  
E a terra num paraíso.  
Julgo, meu Deus, transformada!

Diante desta grandeza  
Suprema da natureza,  
Fogem-me logo a tristeza  
E os longos pesares meus.  
Então, minh'alma parece  
Que deste mundo se esquece  
E murmurando uma prece,  
Se ajoelha aos pés de Deus  
(DE JESUS, 1906. p. 73)

Na primeira estrofe do poema “Enlevo”, há algumas expressões importantes como: “É noite é noite formosa! / Do céu na tela espaçosa, / Passeia a lua garbosa.” que se referem às imagens idealizadas permitindo que o eu lírico esteja diante do maravilhamento poético ao expressar: “A brisa nos palmeirais, / Defere canções ideais / E dos floridos rosaes / Vem doce aroma subtil”.

No poema “Enlevo”, a natureza passa a ter uma visão sublime quando o eu lírico expressa: “Defere canções ideais”. Neste verso aparecem características do sentimento romântico como as imagens de uma natureza idealizada e a visão do devaneio poético da *anima* em que o eu lírico encontra o repouso ao declarar: “A brisa nos palmeirais / Defere canções ideais / E dos floridos rosaes / Vem doce aroma subtil”. Com isso, a *anima* é o princípio de nosso repouso e dos nossos devaneios mais profundos, é a natureza em nós que basta em si mesma (BACHELARD, 1998, p.66).

Na segunda estrofe do poema “Enlevo”, há características fundamentais do devaneio poético tais como: abertura para o mundo belo, o repouso para a alma e a coerência do sonhador com o seu sonho como se percebe nestes versos: “No bosque, umbrando ciclo / Se faz ouvir: manso, o rio / Em cada estrela, um sorriso / Meigo, sublime e diviso”. Assim explica LEFEBVRE (1986. p.27) que na poesia aparecem sonhos e a criação de uma realidade estética e metafísica.

Nestes versos da segunda estrofe: “Em cada estrela, um sorriso / Meigo, sublime, diviso. / E a terra num paraíso / Julgo, meu Deus, transformada.” é possível afirmar: “A função do irreal encontra o seu emprego sólido numa idealização bem coerente, que dá um dinamismo real à vida” (BACHELARD, 1998, p.70).

Na terceira estrofe do poema “Enlevo”, o eu lírico apresenta, tal qual no poema “Aspiração”, uma dialética entre o mundo real que causa dor e sofrimento e o mundo

imaginário que traz, por sua vez, alegria e felicidade. Tal afirmação pode ser encontrada nos versos abaixo:

Diante desta grandeza  
Suprema da natureza  
Fogem-me logo a tristeza  
E os longos pesares meus.  
(DE JESUS, 1906, p. 73)

O eu lírico encontra a tranquilidade da alma diante da expressão: “Fogem-me logo a tristeza/ e os longos pesares meus”. Também o eu lírico revela o esquecimento do mundo real.

Que deste mundo se esquece  
E murmurando uma prece  
Se ajoelha aos pés de Deus  
(DE JESUS, 1906. p. 73)

Os dois conjuntos de versos acima retratam uma dialética entre o mundo real e o imaginário e, ao mesmo tempo, apresenta o eu lírico buscando a felicidade e fugindo do real que traz tristeza e pesares.

O eu lírico ao afirmar “Deste mundo se esquece”, está ao mesmo tempo fugindo dos pesares e da tristeza e idealizando a suprema natureza nos versos: “Em cada estrela, um sorriso/ Meigo, sublime, diviso,/ E a terra num paraíso.” Neste sentido, Friedrich explica sobre “o conceito de idealização platônica como a existência de duas realidades: mundo inteligível e mundo sensível”(FRIEDRICH, 1978, p.124). Há com isso, mediante essa visão de mundo superior, uma expressão do eu lírico do poema “Enlevo”: “Diante desta grandeza suprema da natureza”. Portanto, Friedrich (1978, p.124) ao citar Mallarmé explica que há uma dialética diante do mundo real sensível e o caminho da aproximação do mundo ideal numa visão platônica.

Diante desse mundo de idealização e perfeição, Bachelard relata: quando um sonhador de devaneios afastou todas as preocupações que atravancaram a vida cotidiana ao se apartar da inquietação alheia. Quando é realmente o autor de sua solidão, pode, enfim, contemplar os belos aspectos do universo (BACHELARD,1998, 71).

Um dos papéis fundamentais do eu lírico é a oposição que canta contra o mundo dos hábitos, no qual o homem poético não pode mais viver, pois são homens divinatórios (FRIEDRICH. 1978. p. 28)

O eu lírico presente na obra *Coroa de lírios* busca a tranquilidade da alma, por meio do devaneio. De acordo com Bachelard, o devaneio só pode aprofundar - se quando se sonha

diante do mundo tranquilo. A tranquilidade é o próprio ser do mundo. A tranquilidade é o vínculo entre o sonhador e o seu mundo(BACHELARD,1988, 72).

LEFEVBE (1986, p.25) explica que toda obra artística representa o mundo, mas é uma visão artística, apaixonada e serena sobre o mundo. Um mundo metafísico e idealizado. A autora Leodegária de Jesus ao afirmar em “Aos patricios”: “Aos quinze anos, nessa idade encantadora e poética da existência da mulher, nessa quadra, em que a vida se lhe apresenta risonha”(p.13),apresenta uma dimensão poética feminina referente ao mundo de forma serena e idealizado.

Com isso, a análise de poemas como: “Mater(p.17)”, “Scismando”(p.69), ”Enlevo”(p.73), “Mutação”(p.53) e “Supremo gozo”(p.49) numa perspectiva do devaneio poético permitem compreender que é possível encontrar a felicidade e quenão há somente imagens de sofrimentos e angústia, revelando que o eu lírico de Leodegária consegue criar uma realidade poética como fuga do mundo.

De modo particular os poemas “Mater”(p.17), “Estancia”(p.37)e “Supremo gozo”(p.49) apresentam uma relação entre o sonhador e o seu mundo como é possível verificar nestes versos do poema “Estancia: “Quando me fitas esse olhar tão grave,/ Tão doce echeio de melancolia/ Fica minha alma em êxtase suave.” Nesta expressão, o eu lírico revela um êxtase suave quando cria uma realidade poética que não lhe pode trazer sofrimento. Também o poema “Mater” revela o eu lírico como aquele que busca a felicidade por meio das lembranças das imagens maternas como assim se expressa: “Minha mãe, minha mãe, só ao teu lado,/ Eu sinto-me feliz. O teu sorriso/ É para mim sonhado paraíso”(p.17).

Tanto o poema “Mater” quanto o poema “Estancia” revelam as imagens das idealizações que permitem chegar ao caminho da criação poética passando pelo devaneio. Como afirma Bachelard, o devaneio beneficia-se de uma tranquilidade lúcida ainda que seja tingido de melancolia, é uma melancolia repousante e esse repouso o eu lírico encontra na imagem materna e na imagem do amor idealizado(BACHELARD, 1998,p.26).

Dessa forma,na poética de Leodegária de Jesus, por meio do devaneio, aparece a anima das imagens felizes tais como: amor, natureza, mãe que estão nos poemas: “Mater”(p.17), “Supremo gozo”(p.49), “Mutação”(p.53), “Scismando”(p.69), “Aspiração”(p.63), “Estancia”(p.37) e “Enlevo”(p.73). Estes setes poemas trazem para o eu lírico o repouso e ao mesmo tempo a fuga do real.

Em *Coroa de lírios* o devaneio é o mundo poético de Leodegária que se abre ao imaginário; um mundo que se idealiza mediante a inspiração poética e que se concretiza nas palavras do próprio eu lírico: “É noite e noite formosa!/ Do céu na tela espaçosa,/ Passeia a

lua garbosa,/ Calma, serena e gentil./ A brisa nos palmeirais,/ Defere canções ideais”(p. 73). Há, portanto, o encantamento poético nestes versos: “A brisa nos palmeirais,/ Defere canções ideais.” Ao expressar “canções ideais”, o eu lírico proclama uma natureza suprema que lhe faz fugir a tristeza.

Não há, portanto, angústia, sofrimento ou mágoa no plano da idealização poética, pois o eu lírico cria a ideia de uma natureza perfeita e suprema para fugir do real. Do mesmo modo, os demais poemas que foram citados no parágrafo anterior remetem à idealização da natureza e do amor passando pela alma das imagens felizes. Particularmente nos versos do poema “Supremo gozo” “Quando em teus lábios frescos e mimosos,/ Paira um sorriso, cheio de brandura,/ Então, minh’alma, às regiões dos gosos/ Sinto evoluar-se, plena de ventura( p. 49), o eu lírico está na região dos gozos, ou seja, está no seu próprio devaneio pleno de ventura, proclamando as belas maravilhas da vida que nasce das puras alegrias divinas e transforma o mundo em paraíso:

Si te ouço a voz amena que deleitam,  
Mais que o cantar das aves peregrinas,  
Ó alma santa, de minh’alma eleita,

Muda-se logo o mundo em paraíso;  
As alegrias puras e divinas,  
A me afagarem, ternas, eu diviso.  
(DE JESUS, 1906, p.49).

Portanto, estudar a poesia de Leodegária por meio da reflexão sobre a poética do devaneio é compreender o eu lírico idealizando a pessoa amada como aquela que lhe trará a felicidade, pois, no plano da idealização, não existem o sofrimento e a solidão e, por isso, a natureza também se torna participante da felicidade do eu lírico permitindo que haja o supremo gozo tal como se percebe nestes versos do poema “Divagando”(1906, p.47): “Gozam do sono as delícias/ Campos, flores , aves, tudo,/ E ao sopro d’auras propicias”. Da mesma forma, se percebe nos versos do poema “Setembro”(1906, p.31): “Eis que nos vem, de novo, a primavera,/ A linda quadra das mimosas flores./ A par do viço e festivos rumores, / Um doce riso, em toda parte, impera”. O gozo que nasce da alma concretiza-se nos versos poéticos quando o eu lírico expressa: “Então minh’alma, às regiões do gozo/ Sinto evoluar-se, plena de ventura.”(p.49). A plena ventura torna-se ideal quando: “Ò alma santa, de minh’alma eleita// Muda-se logo o mundo em paraíso;”(p.50). Dessa forma, o eu lírico idealizando o mundo em paraíso, passa a criar a imagem de um amor perfeito e, ao mesmo tempo, uma natureza que

proclame a felicidade que nasce da alma. Assim, a natureza para o eu lírico não é apenas uma expressão poética, mas participante dos sentimentos de alegria, gozo e realização como ele mesmo expressa em “Scismando”: “Eu penso em ti, quando a alvorada acorda/ Os palpitações, ledos passarinhos,/ e quando a música, inebriada, escuto/ Tão doce e terna, divinal dos ninhos.”(p.69)

O eu lírico, ao declarar “Eu penso em ti”, está revelando o seu estado de interiorização e contemplação que se concretiza poeticamente por meio da personificação da natureza que passa a ter ações e sentimentos como se percebe no poema “Enlevo”(p.73) na seguinte estrofe: No bosque, um brando cicio/ Se faz ouvir; manso, o rio/ Desliza, mudo e sombrio/ Além na mata isolada./ Em cada estrela, um sorriso”. Há, dessa forma, uma exaltação da natureza, foge do eu lírico toda a tristeza e, assim, o eu lírico se expressa em “Enlevo” (p.74): “Diante desta grandeza/ Suprema da natureza/ Fogem me logo a tristeza/ E os longos pesares meus”. Também em “Scismando”(p.69) aparece uma aproximação do eu lírico com a natureza sendo esta fonte de inspiração poética: “Em ti eu penso, quando o sol nascente/ Doira o topete de longínquos montes,/ E quando escuto o murmurinho brando/ De solitárias, lacrimosas fontes/.Bachelard revela que“*aanima* vive o presente das imagens felizes. Nas horas da felicidade conhece um devaneio que se alimenta de si mesmo, que se mantém como a vida se mantém”(BACHELARD, 1998, p;18).Tal ideia do filósofo pode ser relacionada a este verso que aparece também em “Scismando”: “Eu penso em ti, si brandamente a brisa/ Beijar eu vejo do coqueiro a palma./ Eu penso em ti, si na celeste estrada/ Vagueia a lua, sonolenta e calma”(p.70).

Neste segundo capítulo foi, portanto, possível perceber que o eu lírico cria um mundo idealizado e harmonioso em que o amor e a natureza se interagem constantemente como também há a interação poética em sete poemas tais como: “Mater”(p.17), “Supremo gozo”(p.49), “Estancia”(p.37), “Mutaçã”( p.53), “Scismando”(69), “Aspiração”(p.63) e “Enlevo”(p.73). A interação que aparece nestes sete poemas é o olhar poético para um amor idealizado e da natureza em constante dinâmica, pois como foi visto no presente capítulo o número sete simboliza a perfeita harmonia diante do universo e estes sete poemas de *Coroa de lírios* transmitem a ideia da harmonia entre o amor, a vida e a natureza.

### 3. O IMAGINÁRIO NA LÍRICA DE LEODEGÁRIA

Neste terceiro capítulo, serão aplicadas reflexões sobre o imaginário, abordadas nos estudos de Gilbert Durand (2011.p.50), de forma particular, com relação à vertente dos dois regimes: diurno e noturno, observando que estes trazem a necessidade do uso racional da arte da criação poética, que é símbolo da claridade e da inspiração poética e, do outro lado, o regime noturno poético conhecido como a parte emotiva e do sonho inconsciente de todo poeta. FRIEDRICH (1978, p.48) revela que o auto desejo do eu deve ser alcançado mediante um ato operativo de vontade e inteligência. Esta incursão pelas veias da luz, razão e emoção, balanceamento entre o regime diurno e noturno são elementos constatados na composição da obra dessa poetisa goiana.

O ato criador poético de Leodegária de Jesus apresenta com insistência o lado emotivo em que são guardados segredos de amor que o eu lírico tem medo de revelar. Tal atitude percebe-se nestes versos do poema “Meu segredo” “Não m’o pergunte não.... este segredo/Que me perfuma e me ilumina vida./ Essa história tão simples, tão querida,/ não posso divulgá-la; tenho medo”(1928, p.95).

Nos versos acima, o eu lírico guarda um segredo que ficou pra si: o gesto de amor não correspondido. Esta atitude de esconder o sentimento amoroso que a poetisa sente por alguém é transformado numa linguagem poética que aparece em “Segredo”<sup>19</sup>. Embora sem citar o nome do merecedor deste amor, já que a poetisa prefere não revelar, é, todavia, exaltado pelo eu lírico nestes versos em que ela revela o quanto idealizou amar e ser amada. “Profundo, imenso, nobre, imaculado,/ Quero trazê-lo sempre, assim, velado/ Ao mundo vil que temos por demais”(p.95) Estes versos revelam a atitude do eu lírico de querer ser amada e, ao mesmo tempo, esse gesto poético transforma-se em saudade e tristeza como está no verso a seguir: “Quando tu passas espalhando encanto/ Meu triste olhar te segue, apaixonado/ Ó peregrino ser, por quem, há tanto,/ Trago no seio um coração chagado”(p.45). Dessa forma,

---

<sup>19</sup>Este poema faz parte da obra *Orquídeas*, segundo livro da poetisa Leodegária. Segundo a estudiosa Darcy França Denófrío, a poetisa realmente era apaixonada por um homem pelo qual não foi correspondida e a mesma preferiu guardar segredo.

existe a busca idealizada do amor perfeito, pois o eu lírico expressa: “Quando tu passas espalhando encanto” e do outro lado há a dimensão da angústia e do sofrimento como se percebe neste verso: “Trago no seio um coração chagado.”

O eu lírico cria a imagem de um amor perfeito sabendo que este não será realizado; neste sentido, no poema “Suspiros”<sup>20</sup> declara: “Quando tu passas, espalhando encanto,/ meu triste olhar te segue, apaixonado,/ o peregrino ser, por quem, há tanto,/ trago no seio um coração chagado”(p.45), o eu lírico imagina também que o mesmo amor que lhe traz felicidade, pode também provocar angústia pois este não será realizado.

No poema “Suspiros”(p.45) o eu lírico ao lembrar-se da pessoa amada revela: “Meu olhar, te segue, apaixonado”. Porém, diante dessa lembrança, há a expressão de dor e angústia como se percebe neste verso: “Trago no seio, um coração chagado”. Todavia, o eu lírico busca fugir dessa dor através das boas lembranças provocada pelas imagens felizes como se percebe nestes versos: “Então, eu fujo; um doloroso pranto,/ Cheio de fel, de magoas repassado,/ Me inunda as faces pálidas, enquanto/ Balbucio teu nome idolatrado:”(p.45). Este mesmo gesto do eu lírico pode ser encontrado no poema “Estancias”(p.37): “Esqueço a vida, esqueço esta agonia/ Que me tortura a alma, noite e dia/ Quando me fitas esse olhar tão grave.” e no poema “Supremo goso”: “Quando os teus olhos languídos, formosos/ Nos meus, se fitam com ideal ternura, / Nesses olhares vagos, amorosos/ Vejo sorrir-me a vida, com doçura.”(p.49)

Os poemas “Estancia”(p.37), “Supremo goso”(p.49) e “Suspiros”(p.45) transmitem a ideia do amor quando o eu lírico tem o seu olhar sobre a pessoa amada fazendo com que sejam esquecidos a angústia e o sofrimento. Neste sentido,

a ideia e as experiências de funcionamento concreto do pensamento comprovam que o psiquismo humano não funciona apenas à luz da percepção imediata e de um encantamento racional de ideias, mas também na penumbra da noite de um inconsciente revelando aqui e ali as imagens irracionais do sonho. (DURAND. 2011, p. 35)

O eu lírico ao voltar o seu olhar para a pessoa amada como ocorre nos três poemas citados acima, passa dessa forma a mergulhar simbolicamente na penumbra da noite que são os sonhos que ocorrem de forma inconsciente e se concretizam na construção poética.

---

<sup>20</sup>A poetisa Leodegária utilizada em poemas como “Suspiro” a virgulação exagerada que segundo os críticos nada acrescentava muitas vezes a clareza do texto. (FRANCA, Basileu. *Leodegária*. Goiânia, Kelps, p.55).

### 3.1. A definição do imaginário por Gilbert Durand

A teoria do imaginário é referência em toda produção humana através da manifestação do discurso conhecido como o mito. Com isso, uma forma metodológica do estudo da presente teoria é feita por meio do mito crítica e mito análise que estão acompanhados de símbolos e arquétipos (DURAND, 2011, p. 35).

A imagem primordial deve estar incontestavelmente em relação com certos processos perceptíveis da natureza que se reproduzem sem cessar e que são sempre ativos. Mas por outro lado, é igualmente indubitável o que ela diz a respeito de certas condições interiores da vida.

DURAND (2011, p.36) explica que as ideias e as experiências do funcionamento concreto do pensamento comprovam que o psiquismo humano não funciona apenas na luz da percepção imediata e de um ato racional das ideias, mas também na penumbra da noite numa ação inconsciente revelando aqui e ali as imagens irracionais do sonho ou da criação poética.

Um dos pontos fundamentais da teoria do imaginário é referente ao ato de criação artística e poética presente no consciente coletivo. DURAND (2011,p.21) ao citar Yung, afirma que a criação poética parte da autoconsciência coletiva como é possível ver nesses versos do poema “Ninho vasio”(p.21, ortografia original): “Dentro um casal de pássaros vivia,/ Em idyllio contínuo, descuidado”. O eu lírico nestes versos indica a criação poética que envolve uma intimidade entre a natureza e os pássaros: “Num transporte de amor imaculado”,o eu poético explica que as imagens do amor entre os pássaros têm um caráter imaculado.

O eu poético em “Ninho Vasio” revela sentimento de alegria em relação à vida, a natureza, ao amor e, ao mesmo tempo, apresenta sentimentos de tristeza e de vazio quanto à vida. Segundo DENÓFRIO (2001, p.12), Leodegária projeta seus sentimentos nas paisagens que descreve. Frequente tanto em *Coroa de lírios* quanto em *Orquídeas*, como pode ser visto em poemas como: “À Velha Serra”(1928, p.17), “Luar de Outubro”(1928, p.34), “Tardes de Agosto”(1928, p.106), “Paisagem”(1906, p.15). No verso abaixo, o eu lírico contempla a doce luz do poente em que sente inundar o coração dolente, ou seja, é projetado para uma serra personificada os sentimentos de dor, já que se revela um elemento da natureza portador e co-partícipe de suas próprias angústias.

Daqui si te contemplo à doce luz do poente,  
 Coberta assim de sombra e neve vaporosa,  
 Eu sinto me inundar o coração dolente  
 Estranha, suave luz de paz maravilhosa.  
 (DE JESUS, 1928 p.106)

O eu lírico revela uma consciência sobre o mundo, numa relação do ato criador tendo como fonte de inspiração as imagens da natureza e, ao mesmo tempo, um ato de conscientização interior. Neste sentido, FRIEDRICH (1978, p.13) relata que a lírica romântica possui vasta nuance das experiências interiores, por meio da vivacidade criativa, em que é possível utilizar a virtuosa arte do verso que é a palavra.

Em relação ao virtuoso uso da palavra tendo como inspiração criativa a natureza, os poemas “Maio”(1902, p.23) e “Contraste”(1906,p.39) possuem a mesma estrutura: ambos são quartetos e em algumas estrofes os versos terminam em rimas com as vogais: *e, i a*. Como é o caso da primeira estrofe do poema “Maio”: “A aurora surge **fulgente**,/ Cheia de encanto e **alegria**/ Porque raiou **sorridente**/ O lindo mês de **Maria**” e do poema “Contraste”: “Tu és o lírio **ridente**/ Ligado à rama **florida**/ Eu- a saudade **pallente**/ No chão, jazendo **esquecida**.”

Tanto no poema “Maio” como em “Contraste”, as rimas na primeira estrofe intercalam- se entre o primeiro e terceiro versos: **fulgente** e **sorridente** / **ridente** e **pallente**, e no segundo e quarto versos: **alegria** e **Maria**/ **florida** e **esquecida**.

O eu lírico apresenta um olhar poético ao expressar: “O lindo mês de Maria” em que, ao mesmo tempo, é possível perceber o aspecto de iluminação criativa com estas palavras: “A aurora surge, fulgurante,/Cheia de encanto e alegria”. Portanto, o eu lírico se encontra diante de um ato de criação poética utilizando as palavras “aurora surge” para dar vida ao poema “Maio”, partindo, por sua vez, para um aspecto místico ao se referir à Virgem Maria.

#### Maio

A aurora surge, fulgente,  
 Cheia de encanto e alegria  
 Porque raiou, sorridente,  
 O lindo mês de Maria.

As avezinhas voejam,  
 Espalham doce harmonia,  
 Com belos trinos festejam  
 O lindo mês de Maria.

(DE JESUS, 1906. p. 23)

No poema “Maio”, o eu lírico proclama o surgimento de um novo dia cheio de alegria e toda natureza está em festa porque é o lindo mês de Maria como encontram-se nestes

versos: “As avezinhas voe**jam**/ espalham doce harmon**ia**,/ com beijos trinos feste**jam**/ O lindo mês de **Maria**”. A personificação<sup>21</sup> neste verso se torna presente no momento em que avezinhas espalham doce harmonia e festejam o lindo mês de Maria como também ocorre nestes versos: “Nos matagais perfum**ados**,/ a brisa meiga c**icia**/ beija os ramos aljofr**ados**, saudando o mês de **Maria**”. Com isso, toda a natureza está em festa porque é o mês de Maria.

Já no poema “Contraste” é marcante a ideia de dicotomia entre o tu e o eu como está nestes versos: “Tu és o lírio ridente/ Ligado à rama florida/ eu a saudade pallente/ no chão, jazendo esquecida.”

#### Contraste

Tu és o lírio ridente,  
Ligado à rama florida;  
Eu-a saudade pallente,<sup>22</sup>  
No chão, já sendo esquecida.

Tu és o dia risonho<sup>23</sup>  
De primavera formosa;  
De inverno triste e medonho  
Eu sou a noite trevosa.

(DE JESUS, 1906. p. 39)

Assim como no poema “Maio” em que aparece a ideia de personificação em que a natureza passa a ter os gestos e sentimentos humanos como: alegria, sorriso e festa; no poema “Contraste” (p.39) há a metáfora entre o tu e eu como pode ser compreendido neste verso: “Tu és lírio ridente / Ligado à rama florida/. Eu a saudade pallente/ No chão já sendo esquecida”. Portanto, o eu lírico faz com que a natureza na criação poética seja a qualidade tanto de um quanto do outro assumindo um caráter de dicotomia, como ocorre nestes versos: “Tu és o dia risonho/ da primavera formosa/ do inverno triste e medonho/ eu sou a noite trevosa.” O *tu* é a metáfora do dia risonho, ou seja, é a alegria e a primavera formosa; já o *eu* é a noite trevosa que simboliza a melancolia, a saudade e a paixão.

<sup>21</sup>A personificação está presente nos seguintes poemas: “Paisagem”: A estrela vespertina/ No espaço azul vai desmaiando a medo; em “Chromo”: A tarde cae. O sol desaparece,/ Seus loiros raio vão além fugindo; no poema “Inverno”: “No ocaso o sol, tristíssimo, declina/A noite desce; um manto de neblina.” Enlevo”: Do céu na tela espaçosa/ Passeia a lua garbosa/ Calma, serena e gentil. “Ave Maria”: Por detrás do monte vai se escondendo lentamente o sol.

<sup>22</sup>Termo vindo do latim: *pallens*, o que está pálido. Já *palheo* refere-se a temer os enganados (JUNIOR, José. *Dicionário latino-português*, p. 843.

<sup>23</sup>Na poética de Leodegária é comum encontrar expressões referente à aurora como em “Paisagem”: “Desponta a aurora, estrela vespertina”; “Maio”: “A aurora surge, fulgente”; em “Meus Amores”: “Eu amo a luz do loiro sol poente/ e do regato o triste marulhar”; em “Scismando”: Em ti eu penso, quando o sol nascente/ Doira o topete de longínquos montes”, e em “Ave Maria”: “Ave Maria! Estrela matutina/ luz que ilumina nesta luta insana”. Essas expressões simbolizam o despertar de um novo dia, daí porque a palavra aurora aparece duas vezes: uma no poema “Paisagem” outra, em “Maio”.

### 3.2. A dimensão poética e a relação com o imaginário

DURAND (2011, p. 57) explica que Bachelard constitui a análise literária cuja imagem surge para iluminar a própria imagem, criando, assim, uma espécie de determinismo transversal na história e na biografia. Trata-se de uma elaboração poética das imagens presentes na poética do devaneio. As imagens que o eu lírico expressa aparecem em movimento antítese que se cruzam constantemente, portanto o eu lírico enfrenta a realidade angustiante do amor não correspondido e de outro lado o caminho da criação poética. Neste movimento dialético presente na poética de Leodegária, o eu lírico busca o encontro com a felicidade por meio do imaginário.

O imaginário e a dimensão poética podem ser encontrados no eu lírico de Leodegária de Jesus por meio do ato de criador e nas estruturas do imaginário: místico e dramático. DURAND (2011, p.44) explica que o místico é o enfrentamento diante da morte, do sofrimento. É também sinal de proteção, símbolo da morada e do ventre. Tal estrutura mística pode ser encontrado no poema “Ave Maria”, em que se percebem estas ideias fundamentais: “Descamba à tarde” em que o eu lírico, ao vivencia o entardecer, coloca todo o seu sofrimento ao recitar o ângelus<sup>24</sup> e expressa: “Serena, desce a noite com tristeza,/ aos corações trazendo atroz saudade.”

Ave Maria

Ao Dr. Militino Pitode Carvalho

Descamba a tarde. Por detrás do monte,  
Vai-se escondendo lentamente o sol;  
Enquanto a longa curva do horizonte  
Colora, de carmim, lindo arrebol.

Serena, desce a noite com tristeza,  
Aos corações trazendo atroz saudade.  
Como és sublime e bella, ó natureza,  
Imersa nesta imensa soledade!

Cicia, mansa, a brisa, no silvedo,  
E dulcida desprende uma harmonia  
Da buliçosa coma do arvoredos.

Morre, na selva, o canto da avezinha.  
Suspira triste o sino: - Ave Maria,  
Além, na velha torre da igrejinha.  
(DE JESUS, 1906, p.71-72).

<sup>24</sup>Leodegária rezava o ângelus todos os dias. Oração dedicada à Virgem Maria rezada por volta das 18hs. (FRANÇA, Basileu. Leodegária de Jesus. Goiânia: Kelps, 1996).

A natureza no poema “Ave Maria” é dinâmica, proclamada como bela e, ao mesmo tempo, manifesta angústia e solidão. Com isso, adquire o aspecto de personificação no momento em que o eu lírico lhe transfere o sentimento de tristeza e dor durante a criação poética como se percebe nestes versos: “Serena desce a noite com tristeza/ Aos corações trazendo atroz saudades/ Como és sublime e bela, ó natureza/ Imersa nesta imensa soledade”.

Dessa forma, a natureza é personificada com uma ação humana, pois: “desce a noite com tristeza” e quando isso ocorre, o eu lírico exclama que a natureza traz aos corações saudades como ele também sente. Com isso, está presente a estrutura do imaginário matricial dramático, pois existe a busca da passagem do tempo como um eterno retorno e dessa forma, o eu lírico expressa: “Serena, desce a noite com tristeza/Aos corações trazendo atroz saudade”. Assim, a noite é o símbolo das velhas lembranças, da saudade e bem como das aflições que nascem do coração do eu lírico e contagia outros corações tal como se percebe neste verso: “Aos corações trazendo atroz saudade”.

Ao mesmo tempo em que há os corações com atroz saudade como personificação do sofrimento e da angústia, existe a ideia da personificação da natureza como imagem idealizada no poema “Ave-Maria”. Assim sendo, os versos: “Como és sublime e bela, ó natureza/ Imersa nesta imensa soledade”, o eu lírico passa a idealizar a natureza como perfeita e ideal como se fosse um lugar sagrado. Assim sendo, a imagem que se cria em relação à natureza ora como prosopopeia das angústias humanas é elevá-la como se fosse o mundo ideal<sup>25</sup>, o eu lírico passa a contemplar o hino triste da igreja, o hino que é escutado na “velha torre da igreja: o Ave-Maria”. Dessa forma, há o aspecto harmonioso e místico que se estabelece entre a natureza e a igreja quando o eu lírico expressa que há o suspiro triste do sino: Ave Maria. Com isso, a natureza e a igreja tornam-se sagradas e místicas, pois interagem com o sentimento poético do eu lírico como se percebe nestes versos do poema “Ave-Maria”: “Morre, na selva, o canto da avezinha/ Suspira triste o sino: -Ave Maria/ Além, na velha torre da Igreja.”

Ao voltar o olhar para a “torre da velha igreja” e escutar o canto da avezinha e o hino da Ave-Maria, o eu lírico se distancia do real, contempla o lugar sagrado, a beleza da natureza e recorda as velhas lembranças da juventude com eterna saudade.

---

<sup>25</sup>A palavra *mundo ideal* tem origem na concepção platônica que se são divididas nestas categorias: imutabilidade que exclui toda forma de mudança, pois as coisas são eternas e a pureza pois tudo é perfeito. Esse mundo idealizado pelo filósofo Platão recebe também o nome de *mundo das ideias*.

A' Virgem Maria<sup>26</sup>

Ó Maria, sorriso do Eterno,  
Obra prima de Deus Criador!  
É teu seio de Mãe doce e terno  
Um tesouro infinito de amor.

Foste feita a mais pura e formosa  
Dentre todas as filhas de Adão;  
Destinada á missão gloriosa  
- Mãe de Deus na feliz Conceição.

Foste tu, ó esplêndida Aurora,  
Do bom Deus o primeiro sacrário!  
És, também, nossa Mãe<sup>27</sup> e Senhora  
Que Jesus nos legou, no Calvário  
( DE JESUS, 2001. p.287).

Neste poema, aparecem as seguintes características referentes a Maria: “Virgem”, “Obra prima do Deus Criador” , “Mãe”, “Conceição”, “Pura e Formosa”, expressões que revelam a aproximação do eu lírico em relação ao sagrado como pode ser percebido nestes versos: ‘Foste tu, ó esplêndida Aurora,/ Do bom Deus o primeiro sacrário!/ És, também, nossa Mãe e Senhora/ Que Jesus nos legou, no calvário’. Neste sentido, Lurker (2003, p.33) explica que Maria, na qualidade de mãe de Deus encarnado é, na realidade, mãe de Deus, como afirma o concílio de Éfeso. Como tal, destaca-se em sua unicidade e grandeza exclusiva da multidão do novo povo de Deus e torna-se digna de todos os louvores (Lc1,42.48). Ao mesmo tempo, é também um ser humano como nós, viveu peregrina e que, graças à misericórdia divina, pôde em sua vida pôr em prática de forma perfeita aquilo que denominamos fé, esperança e obediência.

O eu poético manifesta uma aproximação com a realidade mística quando utiliza as expressões: “Ó Maria, sorriso do Eterno,/ Obra prima de Deus criador. É teu seio de Mãe doce e terno”. Diante dessa realidade, o eu lírico revela um sentimento místico que vai de encontro

<sup>26</sup>Os poemas “À virgem Maria” e “Ave Maria”, que são analisados no presente estudo não pertencem à *Coroa de Lírios* nem à *Orquídeas*, mas são chamados de “Poemas inéditos” que foram escritos na década de 30 a 40. Entre os poemas inéditos estão: “Rio bagagem”, “Abandono”, “A samaritana”, “Profissão de fé”, “A Jesus hóstia”. (DENÓFRIO, *Darcy. Lavra dos Goiáses III*, p.279- 287).

<sup>27</sup>A poetisa utiliza três vezes a palavra mãe. A primeira se refere ao Deus Criador: “Obra prima de Deus Criador/ É teu seio de mãe doce e terno”; a segunda faz menção a Jesus Cristo: “Destinada a missão gloriosa/ Mãe de Deus na feliz conceição”. Na terceira, o eu lírico declara: “Foste tu, ó esplêndida aurora/Do bom Deus o primeiro sacrário”. De acordo com Chevalier e Gheerbrant, o número três significa, fundamentalmente, universal, expressa a ordem espiritual e intelectual em Deus, no universo e no homem. Sintetiza a trina-idade do ser vivo que resulta na concepção da união da terra e do céu.( CHEVALIER e GHEERBRANT. *Dicionário de símbolos*, 1990, p. 1016.)

com que explica DURAND (2001,p.42): “a constituição do eufemismo frente ao sofrimento, a ideia de aconchego, envolvimento e ligação às imagens familiares e aconchegantes”.

Na segunda estrofe do poema, “A’ virgem Maria”, há também uma revelação do eu lírico quanto à estrutura mística no seguinte verso: “Destinada à missão gloriosa, -Mãe de Deus na feliz Conceição”. Mediante tal expressão, o eu poético revela uma realidade que pode ser compreendida como proteção e aconchego, por meio da ideia: Mãe e Conceição.

Segundo ABBAGNANO (1998, p.29), o termo concepção, vindo do latim, designa o ato de conceber no qual o objeto concebido é, de preferência, o ato de conceber. Tal conceito é simbolizado para a nossa imaginação revestido de uma concepção privada e pessoal, que só pode se distinguir por um processo de abstração pública e comunicável. O eu lírico, diante de uma realidade poética, expõe uma abertura para o caminho místico diante dos termos: “mãe e concepção”. A palavra concepção refere-se ao ato de conceber e ao ato de gerar a vida. No poema “À Virgem Maria”, o eu poético tem o ato de gerar o poema, por meio da imagem mística de Maria.

O eu lírico quando está diante da criação poética tendo como referencial a imagem mística de Maria, passa a ter o ritmo poético e harmonioso. Desta forma, PAZ (1982, p.141) explica que “o ritmo poético não deixa de oferecer analogias como o tempo místico, a imagem, com o dizer místico, participação com a alquimia mágica e o caminho religioso. Tudo nos leva a inserir o ato poético na visão do sagrado”.

A poética, a mística e o imaginário são três elementos fundamentais que podem ser encontradas na lírica de Leodegária em que o eu lírico presente nos poemas como “À Virgem Maria” e “Ave Maria” revelam o amor que tem para com a imagem referente à Virgem Maria e a ideia mística, por sua vez, é a aproximação que o eu lírico estabelece com a imagem sagrada, como é visível perceber nestes versos: “Foste tu, ó esplêndida Aurora/ Do Bom Deus a primeiro sacrário/ És, também, nossa Mãe e Senhora/ Que Jesus nos legou no Calvário”. Assim, PAZ (1982, p.142) afirma que o ato poético passa para a zona do sagrado, sendo possível afirmar que os dois poemas apresentam o eu lírico de Leodegária que transpõe para uma concepção entre a linguagem poética e mística.

O poema “Ave Maria” é dinâmico e harmonioso havendo, assim, a relação entre a linguagem poética e mística como se pode perceber por meio destas expressões: “estrela matutina”, “mãe dos pecadores”, “lírio de pureza” referem-se a Maria. O eu lírico ao expressar: “Ave Maria! Estrela matutina;/ Luz que ilumina, nesta luta insana” demonstra que Maria é quem ilumina a vida e, por isso, é mãe dos pecadores como está nestes versos: “Ave

Maria! O Mãe dos pescadores,/ Nas grandes dores que esta vida encerra/ És o sorriso que alivia o pranto/ Orvalho santo bem fazendo a terra”(p.289).

Ave Maria

Ave Maria! Estrela Matutina;  
Luz que ilumina, nesta luta insana!  
Em Ti, somente, o coração descansa,  
Doce esperança que jamais engana...

Ave Maria! Ó mãe dos pecadores,  
Nas grandes dores que esta vida encerra,  
És sorriso que alivia o pranto,  
Orvalho santo bemfazendo a terra!

Ave Maria, Lírio de pureza!  
Quanta beleza ó Virgem se irradia  
Do nome teu, tão grato ao coração,  
Desta oração divina-Ave Maria!  
(DE JESUS, 2001, p.289).

Em cada estrofe há a invocação da expressão “Ave Maria”, de modo particular, na terceira estrofe, a Ave Maria é o lírio de pureza, ou seja, Maria é pura e imaculada e sua beleza irradia-se ao grato coração e, com isso, esse poema se torna uma oração em que o eu lírico proclama: “Do teu nome, tão grato ao coração/ Desta oração divina Ave –Maria”.

De acordo com PAZ (1982, p.142), o mundo do divino não cessa de nos fascinar, porque, mais além da curiosidade intelectual, há no homem moderno uma nostalgia. A voga dos estudos sobre os mitos e as instituições mágicas e religiosas têm as mesmas raízes que outros interesses contemporâneos, como a arte primitiva.

### 3.3. O poético e o regime diurno

A dinâmica na poética de Leogedária é caracterizada com os seguintes itens: ascensão, heroísmo, iluminação e racionalidade que se relacionam com estas expressões: “aurora surge”(p.23), “estrela”(p 15.), “luz vespertina”(p.23), “estrela matutina do céu”(p.289) e “sol que ilumina”(p.289), passando a revelar a expressão poética em que o eu lírico clama: a estrela matutina do céu e a luz vespertina permitindo compreender que o poema “Paisagem”(1906) seja dinâmico aonde aparece o verso: “Desponta a aurora/ estrela vespertina,”(p.15).

O poema “Paisagem” apresenta algumas características referentes ao regime diurno tais como: clareza e objetividade como pode ser percebido nestes versos: “Desponta a aurora; estrela vespertina/ No espaço azul vai desmaiando a medo;”. Assim, o eu lírico ao expressar: “Desponta a aurora”, está diante de uma ação iluminada, referindo-se ao nascer do novo dia. Dia que aparece e desponta e, ao mesmo tempo, é luz simbolizando a razão e a criação. Neste sentido, o eu lírico é criador de uma natureza poética que nasce da racionalidade e, simultaneamente, da emoção.

Desta forma, o regime diurno existe no poema “Paisagem”, pois aparece a dinâmica por meio da criação poética onde estão presentes para o eu lírico a razão e a emoção que podem ser vistos no primeiro verso do poema: “Desponta a aurora/ a estrela vespertina”. Esta expressão revela a harmonia que o eu lírico estabelece entre a expressão “a aurora” que é o nascer do novo dia, símbolo da racionalidade e da inspiração e, ainda, se refere à “estrela vespertina” que se torna símbolo da inspiração poética e da emoção fazendo com que a natureza idealizada pelo eu lírico no poema “Paisagem” seja dinâmica e que, por sua vez, nasce ao despontar da aurora e adquire vida própria tal como se verifica nestes versos: “Suspira a rola; agita-se o folheto/E a brisa oscula a limpa cristalina”. Tal dinâmica são os constantes movimentos da natureza como podem ser vistos nestes versos: “Enquanto as auras brincam no arvoredado,/ No bosque umbroso, uma canção divina/ De galho em galho, o pintassilgo trina/ Ao desabrochar dos lírios no silvedo.”(p.15).

Portanto, a dinâmica que existe no verso “Enquanto as auras brincam no arvoredado” é referente a uma natureza que, poeticamente, passa a adquirir atitudes e sentimentos tal como a personificação: “as auras brincam”, como também no verso em que se verifica que a natureza tem vida própria e, ao mesmo tempo, é viva e dinâmica: “Aqui, soluça um ribeirinho antigo/ Ali, depara-se um modesto abrigo/ perfume exala a pálida violeta.”(p.16). O eu lírico, por meio da inspiração poética, transmite à natureza sentimentos e atitudes tais como “brincam” e “soluçam”. Dessa maneira, passa a existir poeticamente por meio da personificação como se percebe nestas expressões: “As auras brincam no arvoredado” e “Soluça um ribeirinho antigo”.

O eu lírico revela a ideia da antítese em que as “auras brincam” simbolizando, assim, a felicidade idealizada havendo, portanto, uma ação luminosa, de ascensão, de plena felicidade poética e da racionalidade e, por outro lado, há o soluço do ribeirinho antigo trazendo para o eu lírico as velhas lembranças que, simbolicamente, passam pelo ribeirinho como recordação. Assim, o eu lírico expressa as suas emoções nostálgicas da juventude já que tem o coração

chagado pela paixão, transmitidas através dos versos poéticos: “soluça um ribeirão antigo”(p.15).

No poema “Chromo” é possível perceber a presença do regime diurno como movimento de antítese entre o sol, símbolo do heroísmo e da racionalidade, em que o eu lírico expressa “A tarde cai. O sol desaparece” e, do outro lado, a lua, símbolo das emoções provocadas pela nostalgia e pelo desejo de uma natureza idealizada e poética como se percebe nestes versos: “Além, na serra, vagorosamente,/ Pálida lua surge fulgurante”. Assim, o eu lírico expressa toda a sua emoção ao dizer: “Do rio as águas correm, mansamente;/ Além, na serra, vagorosamente,/ Pálida lua surge fulgurante”.

Chromo

Ao Desembargador Mathias da Gama.

A tarde cai. O sol desaparece.  
Seus loiros raios vão além fugindo.  
A passarada notas desferindo,  
Ao criador eleva doce prece

O colibri volita, doudejante;  
Do rio as águas correm, mansamente;  
Além, na serra, vagorosamente,  
Pálida lua surge fulgurante.

(DE JESUS, 1906. p.27).

Nos primeiros versos do poema “Chromo”: “A tarde cai. O sol desaparece./ Seus loiros raios vão além fugindo”, o eu poético cita alguns elementos básicos do regime diurno que são: clareza e razão, e que fazem referência ao heroísmo e à iluminação poética. Tal afirmação pode ser confirmada pelo próprio eu lírico ao referir-se ao sol utilizando a expressão: “A tarde cai. O sol desaparece”. Aqui a figura “sol”, usada pelo eu lírico vai de encontro com que propõe Durand (2011 p.42) sobre o regime diurno.

Sendo o símbolo sol relacionado ao regime diurno, confere a significação, predominantemente, da ideia da ascensão, do heroísmo, do poder, da iluminação e da razão.

O eu lírico ao expressar: “O sol desaparece. Seus loiros raios vão além fugindo”, mostra-se diante dos elementos fundamentais do regime diurno referentes à imagem poética “sol”. Diante da expressão: “O sol desaparece”, há um sentido contrário presente no poema provocado pelo eu lírico: Luz e Trevas. O movimento diurno é marcado pela contrariedade como: bem e mal, bondade e maldade, ignorância e conhecimento. Em relação ao que o eu lírico expressa sobre o sol, DURAND (2011, p.67) explica que a presença da luz e das trevas

seria o complemento de uma realidade imaginária em que estas duas realidades são interpretadas por meio da coexistência da própria dualidade.

Semanticamente falando, podemos dizer que não há trevas sem luz, enquanto o inverso não é verdadeiro, a noite tem uma existência simbólica do outono. O regime diurno da imagem define-se, portanto, de uma maneira geral como o regime da antítese. Estas consequências das imagens diurnas não escapam aos que abordam um estudo aprofundado dos poetas da luz (DURAND, 2001, p.67).

Tendo um conceito básico que o regime diurno nasce do contrário e da inversão, esta escuridão seria movimento contrário que pertence à simbologia diurna. A claridade é a própria contradição das trevas, pois as luzes surgem para iluminar como sinal da racionalidade do eu lírico poético. Em alguns poemas da obra *Orquídeas*, é possível encontrar a relação entre a dimensão poética por meio do regime diurno tendo como base o movimento da antítese entre claridade e escuridão, tendo em vista que o regime diurno é composto pelo movimento dos contrários. No poema “Maria”, o eu lírico indica essa dialética entre os termos luz e trevas.

Maria

É luz do céu, scintila carinhosa,  
Que do infortúnio a escuridão devassa;  
Uma carícia doce, luminosa,  
Que vai direto ao seio da desgraça.

Estranho odor de flor maravilhosa,  
Lírio do céu em que resplende a graça,  
Sol que ilumina a via dolorosa  
D'alma que a vida soluçando passa.

Maria! ao repeti-lo, assim, fagueiro,  
Que coração não pulsa alvissareiro,  
Numa efusão de amor e confiança?

Mimo de Deus, Maria, este teu nome  
Em mim, as dores íntimas consome,  
Canta em minh'alma o hino da Esperança.  
(DE JESUS, 1928, p.50)

O poema “Maria” traz a ideia da antítese por meio das expressões: luz e escuridão que estão nestes versos: “É luz do céu, scintila carinhosa,/ Que do infortúnio a escuridão devassa”. Aqui, o eu lírico se refere a Maria como sendo “a luz do céu” e também como “o sol que ilumina a via dolorosa”. Há, dessa forma, a idealização referente à Maria como sendo luz do céu e, do outro lado, a imagem de uma escuridão que é devastada pela luz carinhosa da Virgem Maria que cintila. Assim, o eu lírico sente-se iluminado pela presença da Virgem

como pode ser visto neste verso: “Sol que ilumina a via dolorosa/ D’alma que a vida soluçando passa.”

Por ser Maria aluz do céu”// “que do infortúnio a escuridão devassa”, há a ideia da antítese que o eu lírico traz: de um lado, se refere à luz, simbolizando clareza e inspiração poética e, do outro, escuridão, representando a dor, o sofrimento, o martírio amoroso e as angústias da vida. Segundo DURAND (2011, p.43), o mundo imaginário está composto por uma dualidade que pode ser demonstrada pelo estudo do regime diurno e noturno como se o ser não existisse porque existe o outro, assim como o bem. Portanto, há duas fases em tudo que existe e o ser também constituiu essa dualidade.

O poema “Não Creio em Ti”(1928, p.72) é dinâmico já que nele está presente o aspecto da dualidade, pois o eu lírico exclama: Oh! perdoa! mas duvido/ De tua imensa bondade./ Penso que é tudo fingido.../ penso que tudo é maldade”. Dessa forma, a bondade torna-se o não ser da maldade e, por isso, é declarado no poema: “Penso que tudo é maldade”. Assim, a bondade passa a não existir e, por isso, o eu lírico expressa: “Que me tens amor perfeito/ Eu quisera acreditar,/ Mas tenho o grande defeito/ De sempre desconfiar”. Há, portanto, a desconfiança em relação ao amor perfeito e a bondade pois estes não existem. Sendo assim, o não ser e a maldade que passam a existir e tornam-se ser. Assim sendo, surge a contrariedade entre os termos: bondade/maldade e acreditar/desconfiar que pode ser compreendida numa dimensão filosófica do ser e não ser<sup>28</sup>.

### 3.4 A relação entre o regime diurno e noturno

Durand apresenta dois regimes de imagens: o regime diurno e o regime noturno. Anteriormente, foi exposto sobre o regime diurno relacionando à ideia entre o racional e a poesia. Agora, será analisado o regime noturno através do eu lírico de Leodegária.

No regime noturno, ocorre o processo de efeminação das imagens do destino, da morte e da valorização da mulher que se relaciona a multicolor ação, que está ligada diretamente às constelações noturnas em que modernidade leva à valorização positiva da mulher, da natureza, do centro e da fecundidade (DURAND, 2001,p.223). O poema “Supremo

---

<sup>28</sup>Parmênides traz uma concepção grega no qual o pensar e o falar é dizer o ser, quem diz, diz o que é. Não se pode ao dizer se referir ao que não é. Neste sentido, dizer é produzir o ser. Torna-se impossível assim afirmar ao mesmo tempo uma coisa e seu contrário. O ser é e não pode não ser. Dessa forma, são introduzidos no pensamento filosófico os dois princípios lógicos fundamentais de todo pensar: o princípio da identidade (o ser) e o princípio da não contradição. ( se o ser é, então o seu contrário, não ser, não é). Ao afirmar do ser exige a negação do seu contrário. (MEIER, Celito. *Filosofia para uma inteligência da complexidade*,2014, p. 89-90.

anelo”(1928, p.21) permite compreender a ligação que se estabelece com as imagens do regime noturno.

### **Supremo anelo**

Voltar a ti, ó terra estremecida,  
E ver de novo, à doce luz da aurora,  
O vale, a selva, a praia inesquecida,  
Onde brincava pequenina outr’ora;

Ver uma vez ainda essa querida  
Serra Dourada que minh’alma adora;  
E o velho rio, o Cantagalo, a ermida,  
Eis o que sonho unicamente agora.

Depois... morrer fitando o sol no poente,  
Morrer ouvindo ao desmaiar fagueiro  
De tarde estiva o sabiá dolente.

Um leito, enfim, bordado de boninas,  
Onde dormisse o sono derradeiro,  
Sob essas verdes, plácidas colinas.  
(DE JESUS, 1928, p.21).

A expressão “terra estremecida” que aparece no poema “Supremo anelo” simboliza o desejo que o eu lírico tem de retornar às origens e reviver o tempo de juventude tal como ele mesmo expressa: “Voltar a ti, ó terra estremecida,/ E ver de novo, à doce luz da aurora”. Neste sentido a “terra” é a imagem telúrica que aparece no poema. De acordo com o crítico José Fernandes,

As imagens telúricas, caracterizadas pela alquimia do ser lírico com a terra, em que a linguagem assume grau metafísico, suscitam o uso de outras imagens, notadamente as urânicas, decorrentes da natural verticalização do ser lírico ao se transubstanciar em palavra e transfigurar-se em poesia.  
(FERNANDES, 2012, p. 63)

A “terra” que é a imagem telúrica transforma-se em linguagem metafísica permitindo que apareçam imagens urânicas como: o vale, a selva, a Serra Dourada, o sol poente que se transfiguram em poesia como se percebe nestes versos: “O vale, a selva, a praia inesquecida/ Onde brincava pequenina outr’ora // Ver uma vez ainda essa querida/ Serra Dourada que minh’alma adora”.

Por sua vez, “o rio” é a imagem hídrica que se torna o sonho do eu lírico daí: “velho rio,/ o Cantagalo, a ermida,/ Eis o que sonho unicamente agora”. Quando o eu lírico expressa:

“E o velho rio, o Cantagalo, a ermida”<sup>29</sup> está diante de uma passagem simbólica da morte para a vida. Neste sentido, Chevalier e Gheerbrant (1990 p.887) relatam que o “símbolo do rio é fonte das águas, expressa a possibilidade universal, o fluxo das formas: da fertilidade, da morte e da renovação. É a corrente entre a vida e a morte” (CHEVALIER E GHEERBRANT, 1990, p. 884). Por isso, ao expressar “velho rio”, o eu lírico está diante da velha lembrança como: “Ver uma vez ainda essa querida/ Serra Dourada que minh’alma adora” que vão passando por meio dos sonhos e morrendo fitando o sol no poente: “Depois ...morrer fitando o sol no poente/ Morrer ouvindo ao desmaiar fagueiro/ De tarde estiva o sabiá dolente./ Um leito, enfim, bordado de boninas/ Onde dormisse o sono derradeiro”.

Na primeira estrofe há o regime noturno classificado como o dominante cíclico do símbolo do retorno e os símbolos naturais, como expressa o eu poético: “ O vale, a selva, a praia inesquecida, onde brincava pequenina outrora.”

Na segunda estrofe, o eu lírico traz a ideia das imagens noturnas referentes à identificação com a Serra Dourada quando exclama: “Serra Dourada que minh’alma adora”.

Na terceira e quarta estrofe, há a ideia do processo de efeminação das imagens do destino e da morte e uma inversão de valores atribuídos à fase do tempo.

Depois... morrer fitando o sol no poente,  
Morrer ouvindo ao desmaiar fagueiro  
De tarde estiva o sabiá dolente  
(DE JESUS, 1906 p. 21).

O eu poético está diante de um destino em ação: Morrer fitando o sol poente. No regime diurno, o sol simboliza a iluminação, a racionalidade. O eu lírico está diante do destino e da morte e, ao mesmo tempo, fitando o olhar sobre o sol.

O eu poético está diante de dois regimes: diurno e noturno. Tem se, aí, o caminho da transformação que é o destino, e da morte que passa para o valor da aversão ao tempo chegando, a contemplação do sol como fonte de sabedoria e poder.

Existem alguns itens fundamentais do poema “Supremo anelo” que permitem a relação entre o regime diurno e o regime noturno. São eles: a terra, o sol e a morte. O primeiro é referente à fertilidade, o segundo é referente ao poder e à iluminação e o terceiro, ao destino e à aversão ao tempo levando ao aspecto do noturno místico.

---

<sup>29</sup>Capela construída em lugar ermo, desabitado. (BECHARA, Evanildo. Dicionário Língua Portuguesa, 2011, p. 585).

### 3.5 A teoria do Mito em *Coroa de lírios*

O eu lírico presente na obra *Coroa de lírios*, apresenta algumas características fundamentais como: carinho, afeto, sensibilidade referentes à figura materna que representa proteção e amor. A figura materna, que o eu lírico apresenta como símbolo de amor sublime, é, ao mesmo, tempo geradora da vida, tornando, por sua vez, uma figura angelical para a poetisa.

Na teoria arquetípica de Northrop Frye(1973, p.143), ao ser estudado toda a ação e movimento ritualístico e da imitação humana, encontra-se no ato poético de Leodegária uma forma de criação do eu lírico que também se liga à ideia arquetípica mãe<sup>30</sup> como está nos versos abaixo do poema “Mater”:

Mãe, é teu nome para mim hino  
 Maravilhoso, de celeste encanto.  
 Oh,!como é doce, carinhoso e santo,  
 Pleno de graça, imenso, e até divino!  
 (DE JESUS, 1906, p.17).

O eu lírico ao afirmar: “Mãe, é teu nome para mim um hino./ Maravilhoso, de celeste encanto,” apresenta um encantamento diante da imagem materna. E nos versos seguintes: “Oh! como é doce, carinhoso e santo/ Pleno de graça, imenso e até divino”, chega ultrapassar os traços humanos e cria uma dimensão do arquétipo sagrado. Também no poema “Maio” encontra-se a visão do sagrado e do ato criador poético.

Assim, existe a ideia do retorno da ordem natural tendo como arquetípica a imagem mãe. Neste aspecto, temos a dimensão do conceito poético de Maria, dita biblicamente, como a mãe de Cristo, aquele que é fonte da vida. Poeticamente, Leodegária demonstra carinho e respeito a Maria por meio de expressões que estão presentes no poema “Ave Maria”: “lírio de pureza/ quanta beleza ò Virgem se irradia”(p.289) e em “À Virgem Maria”: Foste tu, ó esplendida Aurora/ Do Bom Deus o primeiro sacrário!”(p.287) Essa mesma ideia de luz que ocorre nos dois poemas pode existir também no poema “Maio”(1906, p.23) por meio destas expressões: “Como é bela a natureza!/ Quanta doçura e magia/ Encerra e quanta beleza/ O claro mês de Maria”. Assim, o eu lírico ao afirmar: “Como é bela a natureza/ quanta doçura e

<sup>30</sup>As palavras: Mãe, Maria e Ave-maria que fazem parte da poética de Leodegária trazem o aspecto ao arquétipo, pois Maria é mãe de Cristo e de todos os viventes. Portanto, Maria é a nova Eva (*Catecismo da Igreja Católica*, documentos: 411, 494). Chevalier e Gheerbrant explicam“que os símbolos da mãe é o mar e a terra, a vida e a morte são correlativas. Nascer é sair do ventre da mãe e morrer é voltar à terra. Mãe é seguro e abrigo, calor e ternura. Segundo a transposição mística do cristianismo a mãe é a igreja aonde os cristãos pousam a vida e a graça, mas também podem sofrer pelas deformidades humanas”. (CHEVALIER e GHEERBRANT, *Dicionário de Símbolos*, 1990, p. 674) .

magia”, está diante da idealização que liga a ideia de uma bela natureza ao mês de Maria como está nestes versos: “Encerra e quanta beleza/ o claro mês de Maria”. Desta forma, o eu lírico ao declarar: “O claro mês de Maria” está diante da luminosidade da criação poética tendo como inspiração a natureza. Também o mês Maria é a inspiração que traz luz e claridade, pois é o dia que nasce como declara o eu lírico: “A aurora surge fulgente/cheia de encanto e alegria”.

### 3.5.1 O mito e a dianoia

Segundo FRYE (1973, p.139) a dianoia<sup>31</sup> é uma imitação secundária do pensamento, é uma mimese, logo preocupada com as imagens metafóricas como ocorre na primeira estrofe do poema “Maio”(1906, p.23): “A aurora surge, fulgente/ Cheia de encanto e alegria/ Porque raiou, sorridente,/ O lindo mês de Maria”.Nestes versos, a dianoia existe nas expressões poéticas como: “a aurora surge”, ou seja, nasce um novo dia, cheio de alegria e encanto, permitindo com isso que o eu lírico festeje com alegria o lindo mês de Maria.

Aqui, a dianoia do sonho e do desejo referente ao mês de maio é caracterizada pelo movimento poético das palavras: “aurora surge”e “encanto de alegria”. O poema “Maio” é visto por Leodegária como o mês de Maria, a mãe de todos os homens e, ao mesmo tempo, a redentora que é sinal do arquétipo apocalíptico. Há, de um modo geral, três expressões poéticas que a poetisa apresenta em relação a Maria: Virgem, Maio e Mãe. Ao mesmo tempo em que relata sobre a figura da mãe biológica, ela faz menções poéticas à Virgem Maria. No poema “Mater”.

Minha mãe, minha mãe, só ao teu lado,  
Eu sinto feliz (DE JESUS, 1906, p.17).

Há no presente trecho uma ideia de mythos, entendido pelos gregos como uma forma de discurso ou forma narrativa. O mythos pode ser entendido no poema de Leodegária, como um retorno ao ato criador e filial de aproximação com o termo Mãe: fonte de toda a origem.

---

<sup>31</sup>Termo grego que pode ser traduzido por pensamento, intelecto e espírito. A dianoia é o pensamento discursivo, enquanto elaboração, explicitação ou desenvolvimento da noese ou o nous isto é, da razão intuitiva que capta de modo imediato o real. (Aristóteles. *Tratado da Alma III*). Neste sentido, a dianoia é inferior ao nous, já que depende deste. (JAPIASSÚ, Hilton e MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de Filosofia*.3.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001).

O movimento diácono do desejo e do sonho em relação à palavra “mãe” é representada pelo eu lírico de Leodegária de Jesus no poema “Mater” : “Maravilhoso de celeste encanto./ Oh! como é doce, carinhoso e santo/Pleno de graça, imenso e até divino!”. O arquétipo da construção poética em Leodegária, tendo como uma das fontes a palavra mãe, remete-se a uma compreensão apocalíptica sobre a Ave Maria.

O mistério da essência desconhecida ou incognoscível é um mistério extrínseco, que envolve a arte quando a mesma se torna elucidativa de algo mais. Mas o mistério intrínseco é o que permanece como forma de mistério em si mesmo apartado do que se conhece (FRYE, 1973, p. 91).

Segundo FRYE (1973 p. 91), na fase formal, todo poema não pertence nem a categoria arte e nem a categoria verbal, o poema representa a sua própria categoria. Todavia, há dois aspectos de forma. Em primeiro lugar, o poema é único, um artefato, com estrutura particular de imagens que devem ser examinadas em si mesmas, sem referências imediatas a coisas semelhantes a ele. Escrever poesia exige grande soma de força de vontade, mas parte dessa força de vontade deve ser empregada em tenta desconstruir a vontade tornando assim involuntária boa parte do escrito de alguém.

### 3.5.2. O arquétipo na poética de Leodegária de Jesus

As imagens como: “Mãe”, “Maria” e “Ave Maria” que fazem parte da poética de Leodegária faz com que sete<sup>32</sup> poemas entre eles: “Mater”, “Maio”, “Ósculo Materno”, “A Minha Mãe”, “À Virgem Maria”, “Regina Coeli” e “Ave Maria”, estejam interligados nos aspectos em que o eu lírico se refere ao amor maternal de carinho e afeto e, ao mesmo tempo, essa expressão de carinho seja manifestada para com a Virgem Maria. Desta forma existe a junção do 3+4 em que três poemas falam do amor maternal como: “Mater”, “A Minha Mãe” e “Ósculo Materno” e quatro expressam o amor de respeito para com Maria tais como: “Maio”, “A Virgem Maria”, “Regina Coeli”, e “Ave Maria”. Essa unidade dos sete poemas permite

---

<sup>32</sup>O número sete está presente na poética de Leodegária, pois existem sete poemas em que o eu lírico constrói a imagem de uma natureza idealizada e do amor como imagem feliz. Da mesma forma, aparecem sete poemas como: “Mater”, “Maio”, “Ósculo Materno”, “A Minha Mãe”, “À Virgem Maria” e “Regina Coeli” e “Ave Maria” que expressam o amor maternal e, ao mesmo tempo, o afeto e o carinho que o eu lírico expressa para com a Virgem Maria. Essa ideia da criação poética, tendo a imagem de uma natureza perfeita, o amor idealizado e o afeto para com a Virgem Maria, que estão em sete poemas permite compreender o que propõem Chevalier e Gheerbrant: “Sete designa a ordem e a dinâmica principalmente quando se refere ao aspecto espiritual em que de modo particular sétimo dia bíblico representa o sentido místico. Neste dia, Deus descansou da criação significando a restauração das forças divinas e a contemplação da obra consumada” CHEVALIER GHEERBRANT, *Dicionário de símbolos*, 1990, p 942).

compreender que o arquétipo esteja presente na poética de Leodegária. Com isso, o arquétipo é o que liga a ideia de um símbolo a outro símbolo“ e de um poema ao outro poema” e que, ao mesmo tempo, ajuda a integrar a experiência literária dos poemas encontrados tanto em *Coroa de lírios* quanto em *Orquídeas*.

Em se tratando do arquétipo poético de Leodegária de modo particular nestes versos de “Ósculo materno”(1906. p.25): “*Quando ela entra, nesse asilo santo,/Ninho de amor, um Éden perfumado,*”(p.25) pode-se perceber que na Linguagem Bíblica, o termo Éden é Símbolo do sagrado e, ao mesmo tempo, imagem da perfeição. A morte e o flagelo não fazem parte do Éden. O eu lírico ao expor: “Ninho de amor, um Éden perfumado”, também está criando uma imagem do sagrado em relação à imagem materna, como é possível ver nos versos: “Mostra-se cheia de celeste encanto/ Ao ver o berço do filhinho amado”(p.25).

O poema “A Minha Mãe”(1906,p.43) é semelhante ao poema “Ósculo Materno” quanto à composição poética, pois ambos são sonetos. Na primeira estrofe, os dois poemas rimam com vogais e o eu lírico nos dois poemas retratam sobre a imagem materna.

Quando ela fala, em branda voz formosa,  
Eu jago ouvir a sinfonia meiga  
Da passarada, quando jubilosa,  
Um hino entoado, na florida veiga.  
(DE JESUS, 1906, p. 43).

O eu lírico tanto na primeira estrofe do poema “Ósculo Materno” quanto na primeira de “A’ minha Mãe” traz o aspecto do arquétipo do apocalíptico da dianoia referente ao desejo da imagem perfeita em relação à imagem-mãe, nos versos: “Quando ela entra nesse asilo santo” e também no verso: “Quando ela fala, em branda voz formosa”, o eu lírico de Leodegária apresenta uma imagem arquétipo: Asilo Santo: Sinal Sagrado e Templo.

Assim como está presente a ideia de Asilo Santo que simboliza o arquétipo- Mãe (lugar de proteção) torna-se como um templo sagrado. Com isso, o arquétipo no poema “Ósculo materno” é referente à figura-materna aquela que protege tal ideia pode ser percebida nestes versos: “Quando ela entra, nesse asilo santo,/ Ninho de amor, um Éden perfumado”, Assim, as expressões como: “asilo santo”, “ninho de amor” e “éden perfumado”fazem referência a mãe como protetora, que proporciona amor e que traz a felicidade.

Como a maioria dos poemas de Leodegária retrata o aspecto amoroso enquanto perda e desengano e poucos como felicidade, é estabelecida a ideia de contraste entre o amor desejado e a frustração e, nesse caso, a poetisa busca elevar os sentimentos de frustração e angústia para dimensão mística como pode ser percebida no poema:

No Horto

Naquela noite, à sombra, solitário.  
Prostrado em terra, orando, Mestre ouvia  
O longuíquo rumor extraordinário  
Da multidão artoz que O perseguia

Aflue-lhe o sangue à pele... uma sombra  
Mortal tristeza n'alma e do calvário  
Vê através do horror desta agonia  
O pavoroso, trágico cenário

Volve um olhar em torno... abandonado  
Em transe tão cruel! sem um conforto  
Naquela escura solidão de um Horto

Jesus, o rosto lindo ao céu alçado,  
Num doloroso acento, então, murmura:  
Meu Deus! Passe de mim tanta amargura!  
(DE JESUS, 1928, p. 97)

A ideia mística no poema “No Horto” está presente nestes versos: “Aflue-lhe o sangue à pele... uma sombra/ Mortal tristeza na alma e do calvário”. Nestes versos, o eu lírico declara sobre o sofrimento de Cristo que lhe fere a alma, ou seja, uma dor profunda de morte. Mesmo diante de todo sofrimento, Jesus aparece nesta forma como declara o eu lírico: “Jesus, o rosto lindo ao céu alçado”. Diante dessa declaração, é feito o pedido: “Meu Deus! Passe de mim tanta amargura!”

Diante da angústia, o eu lírico vê no sofrimento de Cristo uma esperança e faz o pedido: “Meu Deus! Passe de mim tanta amargura”. Nestes casos, Bachelard (1998, p.12) argumenta que o devaneio é a fuga do mundo real, mas essa fuga para o mundo irreal precisa ser consistente. Seguindo a inclinação do devaneio, uma que sempre desce a consciência que se distância e, por conseguinte, se obscurece.

Jean Paul Sartre (2001, p.13-16) retrata que a imaginação e a razão embora sendo de estilos bem diferentes caminham juntas. A imaginação é a obscuridade e a razão é a clareza. Alguns estudiosos não aceitam uma relação entre a imaginação e a razão. O filósofo Descarte coloca a razão como algo superior e a imaginação como algo confuso.

O filósofo Sartre relata que somente haverá possibilidade de uma aproximação de imaginação e razão por meio do elemento empírico, porém o empirismo foi criticado por Immanuel Kant devido a incapacidade da razão humana não está preparada para identificar com clareza os objetos por meio do conhecimento.

Segundo Otávio Paz (1982, p.25) não é função do poeta explicar o mundo real e a tarefa de todo poeta é a construção do mundo irreal. Explicar o mundo na sua dimensão cultural e até psicológica, também não é função da poesia. Para Bachelard, o devaneio traz a tranquilidade e o repouso para a alma. O devaneio verdadeiro e natural é o repouso do ser para todo ser humano, homem ou mulher.

Os rêves (sonhos) e os reveres (devaneios) e os songês(sonhos) e os songeries (sonhos),os souvenirs e as souvenance (lembranças) indicadores de uma necessidade de colocar no feminino tudo que há de envolvente e de suave para além dos termos simplesmente masculino que designam nossos estado da alma(BACHELARD. 1998, p.27).

Pode ser encontrado no prefácio do livro *Coroa de lírios um texto intitulado “Aos Patrícios”*, escrito pela própria Leodegária, os elementos de suavidade e o estilo feminino na construção poética, no qual a poetisa ao desenvolver a sua obra, revela a idade encantadora e poética da sua existência.

Aos quinze anos, nessa idade encantadora e poética da existência da mulher, nessa quadra, em que a vida se lhe apresenta, risonha, como as loiras madrugadas de Maio, formosa, como um céu de primavera e meiga, como um sorriso de criança foi então que senti arder em meus coração infantil, a primeira centelha de amor(LEODEGARIA. 1906, p.13).

A arte poética é ato criativo que parte de todo poeta, é uma criação artística que parte da alma, não é uma criação poética que parte do exterior, mas é uma criação do eu- poético. FRIEDRICH (1978, p.37) ao citar Baudelaire, apresenta que o sonho é uma capacidade produtiva e não perceptiva, e que em caso algum precede confusa e arbitrariamente, mas, sim, de maneira exata e sistemática.

Leodegária utiliza bem os elementos da construção poética, embora não tendo um estudo sistemático sobre a poesia. A poetisa parte do sentimento amoroso para a construção do eu lírico levando ao aspecto da profundidade da alma, para construir a sua arte poética.

O forte sentimentalismo presente nos poemas de Leodegária pode ser caracterizado na ideia do arquétipo como imagem do apocalíptico do que é eterno e sagrado. Os poemas de Leodegária podem ser compreendidos numa construção arquetípica que possibilita uma abertura para o mundo imaginário do ato criador de todo poeta.

A imagem arquetípica da poesia é a imagem da criação, do sonho e do devaneio e que aparece com esses elementos um mundo poético. FRIEDRICH (1978, p.38) ao citar novamente Baudelaire, explica sobre a construção e a transformação poética. Entre os nomes

que Baudelaire dá, está na capacidade de transformação e desrealização do real. Há dois que se repetem com insistência: sonho e fantasia.

O sonho, a criação, a fantasia, na teoria do arquétipo, são vistos como uma imagem da dianóia, termo referente ao que é sonhado, esperado. Dessa forma, em *Coroa de lírios*, o sonho e a fantasia podem ser encontrados nos seguintes poemas: “Mater”, “Maio”, “Scismando”, “Ave Maria”, “Enlevo”, “Aspiração” e “Estancia”.

Como aparecem o sonho e a fantasia nos setes poemas que foram citados, estes, por sua vez, demonstram a expectativa de transcendência para o ato de criação artística poética. Segundo FRIEDRICH (1978, p.123-124) é necessário ter em mente o desejo de afastar do real que traz o sofrimento. Quando há esse desejo da fuga do real aparecem a fantasia e a imaginação. Dessa forma, ao expressar: “Sorriso Divinal”, “Envolto em Luz”, o eu lírico vê a luz como fonte de inspiração e iluminação em que tudo é perfeito e brilha, possibilitando o “sorriso divinal” em que há plenitude e graça.

FRIEDRICH (1978, p.38) ao expor as ideias de Baudelaire, argumenta que o poeta é aquele que se afasta do real. A poetisa Leodegária construiu, portanto, o arquétipo da imagem apocalíptica em oposição ao sofrimento amoroso.

Os seguintes aspectos são tratados de um modo geral na poesia de Leodegária: sofrimento, perda, angústia, são transformados como elementos de transcendência pela poetisa que não podem ser vistos na realidade, mas somente pelo ato criador poético. Com isso, todo poeta precisa chegar ao desconhecido: “O objetivo de poetar é chegar ao desconhecido, ou então dito de outro modo: escutar o invisível, ouvir o inaudível. Permanece na caracterização negativa do objetivo perseguido que distingue como não real” (FRIEDRICH. 1978. p. 62).

O poeta ao construir a sua forma poética, depara-se com o imaginário, como uma realidade diferente do real. O mundo poético do imaginário e do devaneio tendo como olhar especial para o arquétipo poesia é construção de um mundo dos sonhos da dianóia. PAZ (1982, p.42) afirma que o poeta é o construtor de palavras. É na poesia que o poema se recolhe e se revela plenamente. Segundo BACHELARD (1998, p.10) todo ato poético passa pelo caminho do devaneio que permite o eu lírico mergulhar na imaginação e criar os versos que darão vida a toda poética de *Coroa de lírios* e *Orquídeas*.

O poeta é criador e arquiteto das palavras, com isso, o mundo da poesia é o da arte, da imaginação; ou seja, de um mundo irreal que nasce na criação poética. Relacionando esse aspecto da construção da imagem poética ao mundo das imagens míticas, por meio da teoria

do arquétipo tem-se uma conceituação do Céu ou Paraíso na religião, um mundo totalmente metafórico tendo uma visão como se estivesse num contexto infinito (FRYE, 1973, p. 131).

A construção poética de Leodegária como dimensão arquetípica visa um entendimento pertinente à sua formação religiosa e à sua dedicação ao sagrado que podem ser encontrados mediante a sua relação maternal que é estabelecida com a ideia da “Ave Maria”. Esse arquétipo apocalíptico sobre os termos “Ave Maria”, “Mãe” e “Virgem” é um grande sinal de mistério que leva o eu lírico para contemplação do sagrado referente à mãe de Cristo.

Com isso, o conceito do apocalíptico como o Céu da Religião apresenta as categorias da realidade transcendentais do desejo humano, tais como indicados pela forma que assumem como o trabalho da construção da civilização humana e celeste (FRYE, 1973, p. 142).

### **3.5.2.1. A imagem bíblica nos poemas de Leodegária.**

Segundo FRYE (1973 p. 142), para compreender o mundo apocalíptico que é visto como céu da religião apresenta-se, em primeiro lugar, as categorias da realidade com as formas do desejo humano, tais como indicadas pelas formas que assumem com o trabalho da civilização humana que podem ser percebidos em poemas como: “Ave Maria” e “À Virgem Maria”.

Já o mundo das imagens demoníacas, oposto ao apocalíptico, é a representação do mundo em que o desejo é rejeitado completamente: o mundo do pesadelo, do bode expiatório, de cativo e da confusão. É o mundo como antes de qualquer imagem do desejo humano (FRYE, 1973, p.148).

A concepção do mundo apocalíptico e do demoníaco é estruturada pela pura identidade metafórica, que sugere o imutável a projetar-se, existencialmente, como céu e inferno (FRYE, 1973, p. 159).

No eu lírico de Leodegária de Jesus é possível encontrar a relação com o aspecto religioso exatamente quando a poetisa trata de alguns elementos como: morte, vida, amor e sofrimento que estão em poemas como “Suspiros”(p.45): “Ó peregrino ser, por quem há tanto/ Trago no seio um coração chagado”; no poema “Impossível”: “E luto e soffro e choro ó céus!/ Porém debalde./ Em vão também procuro, em vão, me convencer”(p.51); em “Triste Viver” ( p.59): “De encontro às dores de tristeza imensa/ Da sorte cruelmente abandonada,” e em “Símile”(p.19): “Se nos é dado o cálix da incerteza/ Viver é triste! Como é doce morte”. Poemas como “Triste Viver”(p.59), “Símile”(p.19) e “Contraste”(p.39), ao mencionarem a

ideia do sofrimento e da morte, pode existir como explica FRYE (1973 p. 144) uma relação com o mundo divino aonde ocorre o processo ou o movimento fundamental da morte e do renascimento, ou do desaparecimento e do retorno, ou da encarnação que é retirada de um deus.

Para compreender as imagens bíblicas na poética de Leodegária, será necessário entender qual é a definição dessas imagens e como elas podem aparecer em poemas como: “Suspiros”(1906, p.45), “Levando a cruz”(1928, p.99), “No pretório”(1928, p.98) e “No Calvário”(1928, p.100). Nessa perspectiva, estes poemas serão analisados tendo em mente a relação que o eu lírico estabelece entre as palavras: cruz, calvário, salvador, mãe, virgem, anjo, sonho, realidade, alegria, sofrimento, buscando compreender a dinâmica que existe na poética de Leodegária .

O poema abaixo, “Suspiro”, apresenta uma fuga do real, do sofrimento e da angústia, explicando, assim, outra dimensão que é a criação de caminho imaginário. O eu lírico evidencia que a morte será o alívio para todo sofrimento e angústia. Há, dessa forma, a presença da imagem arquetípica do demoníaco que apresenta situações experimentadas pelo eu lírico:

Suspiros

Antes me odeies, que com dó profundo  
Digas num’hora: -Porque veio ao mundo.  
Quem havia de ser tão desgraçado!  
Guimarães Passos.

Quando tu passas, espalhando encanto,  
Meu triste olhar te segue apaixonado,  
Ó peregrino ser, por quem, há tanto,  
Trago no seio um coração chagado.

Então, eu fujo; um doloroso pranto,  
Cheio de fel, de mágoas repassado,  
Me inunda as faces pálidas, enquanto  
Balbucio teu nome idolatrado.

Si eu não te visse... ah! se me esquecesses.  
Talvez, (quem sabe?) inda curar pudesses  
Meu coração que tu despedaçaste.

Mas, não, é tarde, eu tenho o peito enfermo;  
E só a morte poderá pôr termo  
Ao desgraçado amor que me inspiraste!...  
(DE JESUS,. 1906, p. 45-46)

Nos primeiros versos da primeira estrofe, “Quando tu passas, espalhando encanto. / Meu triste olhar te segue apaixonado”, o eu lírico está diante de uma dialética do *animus* e

da *anima*. O *animus* que o eu lírico apresenta é: “Meu triste olhar”. A *anima* poética é caracterizado pelo eu lírico com a expressão: “Quando tu passas, espalhando encanto”.

Há no poema “Suspiro” a imagem feliz que o eu lírico traz lembrando a pessoa amada, mas, ao mesmo tempo, sente inundadas as faces pálidas enquanto balbucia o nome do ser amado. Neste sentido da busca da felicidade, tendo o eu lírico a imagem da pessoa amada, é possível compreender na lírica de Leodegária um olhar para as imagens apocalípticas<sup>33</sup> que permitem a revelação das realidades felizes tais como a eternidade.

As imagens presentes na lírica de Leodegária, entre outras, são: “mãe”, “Maria”, “virgem”, “Ave Maria”, “terra”, “rio”. Há, assim, uma demonstração de que o eu lírico busca o caminho das imagens felizes e douradas no amor<sup>34</sup> em que não haverá sofrimento e angústia. Dessa forma, o eu lírico, no poema “Suspiro”, almeja a felicidade, o amor é eterno e, neste sentido, afirma: “Quando tu passas, espalhando encanto, meu triste olhar te segue apaixonado”.

Mas, não, é tarde, eu tenho o peito enfermo;  
E só a morte poderá pôr termo  
Ao desgraçado amor que me inspiraste!...

Em meio aos suspiros de amor do eu lírico, da busca da felicidade há, todavia, na última estrofe do poema “Suspiro” as imagens dolorosas<sup>35</sup> do sofrimento como o eu lírico mesmo afirma: “Mas, não, é tarde, eu tenho o peito enfermo,/ E só a morte poderá pôr termo/ Ao desgraçado amor que me inspiraste”(p.46). Neste sentido, o eu lírico traz algumas expressões relevantes nesta estrofe: o peito enfermo, a morte e ao desgraçado amor, que revelam o sentimento do eu lírico de dor e sofrimento. Essas expressões podem ser transformadas em imagens demoníacas; por isso explica FRYE (1973, p.144) que as imagens demoníacas são opostas às imagens apocalípticas pois estas se referem ao cativo, ao bode expiatório e ao sofrimento.

Ao trazer na última estrofe elementos de sofrimento como “peito enfermo” e “morte”, é possível entender essa angústia por meio de um contexto bíblico, pois como afirma Basileu

<sup>33</sup>Os estudiosos FRANÇA e DENÓFRIO afirmaram que desde muito jovem, a poetisa sempre teve um grande amor pelas realidades eternas e sagradas e lia constantemente a Bíblia buscando relacionar a sua poética com o aspecto religioso cristão. Neste sentido, a poetisa escreveu poemas como: “A’ virgem Maria”, “Levando a cruz” e “No Calvário”.

<sup>34</sup>A poetisa permaneceu solteira por toda vida. Todos os pretendentes que apareciam ela rejeitava, pois havia um único amor para jovem Leodegária, este amor não correspondido é transformado numa linguagem poética como aparece neste poema “Suspiro”.

<sup>35</sup>A maioria dos poemas que falam do amor em *Coroa de Lírios* são interpretados pelo eu lírico como forma de sofrimento e martírio; são poucos em que o amor é interpretado como uma realidade feliz. Por isso, neste estudo, há a perspectiva de relacionar esse aspecto do sofrimento que o eu lírico apresenta com o as características das imagens demoníacas.

França (1996), a poetisa desde pequena gostava de ler a Bíblia e a leitura bíblica propulsionou a poetisa a relacionar o seu sofrimento ao de Cristo.

Para demonstrar essa relação do sofrimento presente no eu lírico com a linguagem bíblica, serão feitas as análises de poemas como: “Levando a cruz”, “No Horto”, “Pretório” e “No Calvário” tendo em mente como o sofrimento ocorre tanto no contexto bíblico como na poética de Leodegária. Para compreender essa relação, primeiramente será necessário entender qual é a definição de sofrimento na linguagem bíblica e como o eu lírico percebe a ideia de sofrimento e angústia em *Orquídeas*.

A Bíblia apresenta alguns itens importantes sobre o sofrimento, um deles está no livro de Jó, que estabelece uma relação entre a palavra sofrimento e satã. A palavra satã<sup>36</sup> aparece pela primeira vez na Bíblia no livro de Jó e esta palavra significa o adversário ou acusador. Designa a imagem de uma pessoa hostil à vontade de Deus. Essa figura maligna que traz sofrimento e pessimismo, também é conhecida pelo termo serpente que aparece no livro do Gênesis.

A serpente, cuja história é narrada na Bíblia, não é vista como diabo ou satã, mas, como um animal astuto e tentador que provocou Adão e Eva a comerem do fruto proibido. Em ambos os casos conhecem o bem e mal, ou seja, o mistério da vida. Devido à desobediência, os dois foram castigados tendo que comer do fruto do próprio trabalho e que um dia voltarão ao pó.

No afresco “Expulsão do paraíso”, Michelangelo faz uma interpretação diferente do que a Bíblia propõe. Eva tem uma carga menor de culpa, recebe o fruto proibido da serpente e reparte-o com Adão. Dessa forma, o bem e o mal se tornam conhecidos e isto acarretará em consequência como culpa. Por isso, aparece no afresco a ideia da morte e do sofrimento quando os dois, Adão e Eva, são expulsos.

Em toda história Bíblica, o diabo teve o papel de ser contra a vontade de Deus, foi sempre o adversário, termo hebraico que significa satã que, por sua vez, como relata o livro de Jó, é o tentador e o causador de todo tipo de sofrimento como a miséria e a morte.

A Bíblia faz analogias a figuras demoníacas relacionando a serpente e as imagens mitológicas do Dragão como aparece no livro do Apocalipse. O último livro bíblico une os dois termos: serpente e dragão como sendo a figura do diabo. Assim, dragão vem do termo

---

<sup>36</sup> A palavra satã, de origem hebraica, e diabo, de origem latina, têm o mesmo significado: acusador e adversário. (*Bíblia de Jerusalém*).

“drakon” que significa a grande serpente. Em Apocalipse<sup>37</sup>, capítulo doze, está assim narrado: Foi expulso o grande Dragão, a antiga serpente, o chamado diabo, o tentador da vida, o causador de todo mal.



No *Novo Testamento*, de modo particular no livro de São Mateus, capítulo quatro, a figura de satã<sup>38</sup> é compreendida como o maligno que leva Cristo até o deserto para ser tentado. Contudo, Cristo permanece fiel até o fim do plano de Deus.

A linguagem bíblica explica que a imagem demoníaca é causadora de todo mal e sofrimento que existe na vida. Neste sentido, é possível estabelecer uma relação com as imagens demoníacas com a poética de Leodegária, tendo em vista que alguns dos poemas que tratam sobre o amor que estão em *Coroa de lírios* não eram vistos de forma feliz e, sim, de forma angustiante e infeliz como revela o eu lírico: “Então, eu fujo; um doloroso pranto,/ Cheio de fel, de mágoas repassado”.

O poema “Levando a Cruz” da obra *Orquídeas* pertence a uma coletânea denominada Semana Santa em que o eu lírico contempla o sofrimento de Cristo como se verifica nestes

<sup>37</sup> Livro mais complexo de toda Bíblia que significa revelação, faz analogia à palavra satã e diabo como sendo o dragão, o monstro gigante e devorador que apareceu nas histórias medievais. Todavia, essa semelhança entre diabo e dragão é feita somente no último livro bíblico.

<sup>38</sup> No *Novo Testamento*, geralmente aparece a palavra satã ou demônio como o tentador do deserto, sendo uma figura maligna, personificada que chega a provocar o Cristo. Todavia, “O Gênesis” faz referência à serpente como um animal astuto e não como uma figura personificada do demônio. Já o “Apocalipse” traz três termos que se unem: serpente, dragão e diabo. “Foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, o chamado diabo” (*Bíblia de Jerusalém*).

versos: “Quando a Jesus cercado de tortura/ de uma angústia cruel que não se exprime”. Essa tortura a que o eu lírico se refere é a cruz pois: “A cruz levaram tão pesada e dura/ Em que devia consumir-se o crime”. Dessa forma, o sofrimento de Jesus concentra-se todo na cruz, pois como expressa o eu lírico, há o doloroso pranto de amargura, já que a cruz é levada até o Calvário, passando por um longo itinerário como se verifica nestes versos: “Partiram, pois, em busca do Calvário/Viram cair Jesus desfalecido/ Muitas vezes no longo itinerário”. Portanto, a expressão “levando a cruz” faz com que o eu lírico, diante do seu sofrimento amoroso e do seu pessimismo, medite na angústia suprema de Cristo.

#### Levando a Cruz

Oh! Vos ommes...videte  
si est dolor similis sicut dolor meus.<sup>39</sup>

Quando a Jesus cercado de tortura,  
De uma angústia cruel que não se exprime,  
A cruz levaram tão pesada e dura,  
Em que devia consumir-se o crime.

Naquele instante o Salvador reprime  
Um dolorido pranto de amargura;  
Tendo no olhar uma expressão sublime,  
Recebe a cruz, beijando-a com ternura.  
(DE JESUS, 1928. p.99).

O eu lírico no poema “Levando a cruz” lembra-se do sofrimento e do martírio de Cristo. Neste sentido, faz o seu refúgio nas palavras poéticas fazendo com que a relação desse sofrimento esteja ligada à realidade de Cristo. Nos poemas “Levando a cruz<sup>40</sup>”, “No horto”, “Pretório” e “No Calvário” são interpretados como redenção<sup>41</sup>. Nesse sentido, o eu lírico vivencia a sua dor com a de Cristo como está nos versos abaixo:

Quando a Jesus cercado de tortura  
De uma angústia cruel que não se exprime,  
A cruz levaram tão pesada e dura,  
Em que devia consumir-se o crime.  
(DE JESUS, 1928. p.99).

<sup>39</sup>A poetisa inicia o poema “Levando a cruz” com um trecho em latim que significa: Ó Todos vós, que anda pela estrada, preste a atenção e veja: se há dor igual a minha dor.

<sup>40</sup>Este poema e os outros três fazem parte da série “Semana Santa” que está no livro *Orquídeas*. Segundo Darcy Denófrío, o eu - lírico retrata com mais detalhes o aspecto religioso nestes poemas. DENÓFRIO, Darcy. *Lavras de Goiázes III*, 2001 p.30

<sup>41</sup>O segundo livro da poetisa *Orquídeas* apresenta um aspecto mais contemplativo e religioso. A religião que, às vezes, se apresenta como um bálsamo para a dor, é também uma esperança cristã de redenção final para a poetisa. DENÓFRIO, Darcy. *Lavras de Goiazes III*, 2001 p.30

Nestes versos: “Quando a Jesus cercado de tortura/ De uma angústia cruel que não se exprime”, o eu lírico revive por meio da poesia o momento em que Cristo carregou a cruz até ao Calvário conhecido como o lugar da caveira. O eu lírico ao expressar: “A cruz levaram tão pesada e dura em que devia consumir-se o crime”, faz menção à linguagem bíblica em que Simão Cireneu ajudou Cristo a carregar a cruz; e o livro de Hebreus, no capítulo sete, versículo vinte e sete, relata: Cristo ofereceu-se como vítima para a expiação. Daí, o eu lírico afirmar em “Levando a Cruz”: “A cruz levaram tão pesada e dura/ em que devia consumir-se o crime”.

O eu lírico revela a cruz como o arquétipo do sofrimento e da redenção, no qual tal ideia vai de encontro com que afirma FRYE (1973 p. 146), em que no mundo divino, há a passagem da morte para a vida e, segundo Chevalier e Gheerbrant(1990 p.884), essa passagem pode acontecer de forma simbólica por meio do rio que caracteriza três ideias importantes: morte, regeneração e renovação. Assim o eu lírico, nos versos abaixo, demonstra a ideia da morte quando há “um dolorido pranto de amargura” e, ao mesmo tempo, aparece a ideia da regeneração e da renovação em “tendo no olhar uma expressão sublime,/ Recebe a cruz, beijando-a com ternura”.

Na segunda Estrofe:

Naquele instante o salvador reprime  
Um dolorido pranto de amargura,  
Tendo no olhar uma expressão sublime<sup>42</sup>,  
Recebe a cruz, beijando-a com ternura  
(DE JESUS, 1928. p.99).

O eu lírico, poeticamente, estabelece uma relação entre as palavras: sublime/reprime, amargura/ternura. Há, portanto, há tanto a ideia do regime diurno, quanto do noturno no que se refere à ideia do bem/mal, vida/morte.

O eu poético ao expressar: “Naquele instante o Salvador reprime”, há, segundo FRYE (1973, p.148), o arquétipo apocalíptico de Cristo que é Deus-Homem, o cordeiro de Deus, a árvore da vida, a videira da qual somos galhos, a pedra que os pedreiros rejeitaram e o templo reconstruído que é idêntico a seu corpo ressuscitado. Neste poema, há o conceito do imaginário tanto no aspecto do regime diurno quanto noturno, e das três categorias: heroica, mística e dramática, como também o arquétipo das imagens apocalípticas demonstrada pelo eu poético ao expressar-se sobre a cruz e o salvador. Poeticamente, a relação que se estabelece

---

<sup>42</sup>Esse “olhar sublime” traz um aspecto filosófico referente ao mundo inteligível de Platão aonde o filósofo se coloca no caminho da sabedoria em busca da verdade universal .( MEIER, Celito. 2014, p. 114)

entre as palavras cruz e salvadora apresentada pelo eu lírico, pode ser compreendida numa visão do imaginário nos três aspectos: heroico, místico e dramático.

A palavra cruz, expressa pelo eu lírico, apresenta o sentido, ao mesmo tempo, místico e poético. Místico, pois estabelece uma unidade entre a poética de *Coroa de lírios* e *Orquídeas* em que o eu lírico se depara com o sofrimento de Cristo e lembra-se do sofrimento amoroso que se transforma em linguagem poética que ocorre em seis poemas: “Setembro”, “Volúvel”, “Contraste”, “Suspiro”, “Impossível” e “Triste Viver”. Da mesma forma, liga ao aspecto místico como ocorre no poema “Levando a Cruz”. Na segunda estrofe, estão presentes, portanto, as imagens arquetípicas por meio das expressões: sublime/ternura e amargura/ternura como pode ser visto nestes versos: “Naquele instante o salvador reprime/ Um doloroso pranto de amargura/ tendo no olhar uma expressão sublime/ recebe a cruz, beijando-a com ternura”.

De acordo com FRYE (1973, p. 148), o arquétipo é um símbolo que liga um poema a outro e, assim, ajuda a unificar e integrar a experiência literária. Por isso, as imagens arquetípicas revelam o sinal de unidade que existe na poética de Leodegária por meio da palavra lírio, símbolo da pureza e inocente juventude, mas, ao mesmo tempo, expressa o lado doloroso da vida como a desilusão amorosa. Neste sentido, a poetisa, percebendo que há desilusão amorosa, mágoa e dor, apega-se à imagem da cruz com estas palavras: “Recebe a cruz, beijando-a com ternura”. No poema “Levando a Cruz”, o eu lírico demonstra que a cruz é o símbolo de salvação contra toda angústia sabendo, portanto, que deverá passar pelos caminhos da amargura, carregando a cruz de todos os dias, compreende que a cruz é sinal de vitória, assim como a poesia é sinal de liberdade para a poetisa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar a poetisa Leodegária de Jesus tendo como base a teoria do imaginário, de modo particular, o regime diurno e noturno por meio dos quais existem duas realidades: a inspiração e a criação poética. Foi possível compreender a dinâmica que existe em *Coroa de lírios* por meio das expressões: “aurora surge”, “estrela vespertina”, “estrela matutina”, fazendo com que a poética de *Coroa de lírios* tenha vida e luz e, ao mesmo tempo, esse movimento referente ao “matutino” e ao “vespertino” faz com o eu lírico se inspire no constante movimento que a natureza vive. Por isso, a poética de Leodegária está sempre em movimento em que, de um lado, traz a alegria e a felicidade como também a tristeza e a angústia. Dessa forma, o eu lírico ao expressar: “a aurora surge” e também “desponta a aurora” está se referindo ao surgimento de um novo dia, de uma nova natureza que é viva e dinâmica. Foi possível verificar a dicotomia entre os termos a vida e a morte, a felicidade e a infelicidade presentes nas obras: *Coroa de lírios* e *Orquídeas*.

De modo particular em: “Símile”(1906, p.19), “Contraste”(1906, p.39), “Supremo gozo”(1906, p.49) e “Suprema dor”(1928, p.24) são quatro poemas que revelam sentimentos ora de alegria e felicidade ora de agonia e tristeza. Por isso, surgem dois extremos, de um lado o Supremo gozo, ou seja, a plena felicidade e, do outro lado, a suprema dor, a plena agonia e a infelicidade como o eu lírico revela: “Si nos é dado o calix da incerteza/ Viver é triste!// Como é doce a morte”. Esse movimento constante que acontece na obra *Coroa de lírios* tendo como inspiração a própria natureza e os sentimentos de angústia e sofrimento e um desejo constante de felicidade faz com que com que o eu lírico busque devaneio e sinta o repouso da alm, por isso expressa: “Quando me fitas esse olhar tão grave/ Tão doce e cheio de melancolia/ Fica minha alma em extase suave// Esqueço a vida, esqueço essa agonia”. Essa ideia da fuga do real que traz o sofrimento e a angústia e o desejo de idealização para o mundo perfeito e feliz são encontrados em sete poemas como: “Mater”, “Supremo gozo”, “Estância”, “Mutaçao”, “Scismando”, “Aspiração”, “Enlevo”. Estes setes poemas formam em si uma unidade perfeita que tratam da felicidade e do amor. Dessa forma, Chevalier e Gheerbrant explicam que o número sete é o simbolo da perfeição em constante movimento como: sete semanas, sete dias, sete anjos, sete copas e sete reis. Ao mesmo tempo em que há sete poemas que tratam sobre o amor idealizado há, por sua vez, o arquétipo na lírica de Leodegária que estão em poemas

como: “Mater”, “Maio”, “Ósculo Materno”, “A Minha Mãe”, “À Virgem Maria”, “Regina Coeli” e “Ave Maria”. Estes poemas expressam três aspectos muito importantes: Mãe, Maria e Ave Maria que revelam o arquétipo da imagem- Mãe que segundo Chevalier e Gheerbrant: “Mãe é a geradora de vida e ao mesmo tempo protetora e de forma simbólica, terra é a mãe de todos os viventes, lugar para onde todo ser vivo retorna”. E ao expressar o amor maternal, o eu lírico revela, por sua vez, o amor para com a virgem Maria como está nestes versos: “Ó Maria, sorriso do eterno/ Obra prima de Deus Criador/ É teu seio de mãe doce e terno/ Um tesouro infinito de amor”. Nestes versos, Maria recebe dois adjetivos: “sorriso do eterno” e “obra prima de Deus” e, ao mesmo tempo, o eu lírico declara: “É teu seio de mãe doce e terno/ Um tesouro de infinito amor”. Há, portanto, a imagem arquetípica de Maria como mãe de todos os homens como também pode ser visto nestes versos: “Ave- Maria! Ó Mãe dos pecadores,/ Nas grandes dores que esta vida encerra/ És o sorriso que alivia o pranto/ orvalho santo da terra”.

O eu lírico busca, então, esquecer que existe o sofrimento, a dor e a angústia e se inspira numa realidade feliz e ideal como está nestes versos: “Eis que nos vem, de novo, a primavera/ A linda quadra das mimosas flores./ A par do viço e festivais rumores/ Um doce riso em toda parte impera”. Essa dicotomia é compreendida por meio do sinal arquétipo ao utilizar expressões como: lírio, símbolo da pureza e inocência que sente o coração ferido por uma forte desilusão; cruz sinal arquétipo de sofrimento e, ao mesmo tempo, de salvação quando o eu lírico expressa: “Recebe a cruz beijando-a com ternura”. E também o sinal arquétipo referente à Virgem Maria por meio desta expressão: “Sol que ilumina a via dolorosa/ D’alma que a vida soluçando passa”. Para o eu lírico, Maria é “Sorriso do Eterno”, “Mãe de Deus na feliz Conceição”, “Nossa Mãe e Senhora”.

Leodegária de Jesus deu abertura para o caminho da lírica poética em Goiás ao escrever a primeira obra *Coroa de lírios* por volta de 1906, seguindo o Romantismo tanto da primeira como da segunda geração tornando-se uma neorromântica, mas não deixa a sua poética ficar na monotomia dos versos mortos, mas, sim, a poetisa coloca dinâmica e vida entre os contratempos da existência ao dizer: “Quando nossa alma não padece dores,/ Morrer é triste! Como é linda a vida!// Si nos é dado o calix da incerteza,/ Viver é triste! Como é doce a morte!” Por ser a primeira a publicar um livro de versos poéticos bem no início da juventude, Leodegária abre as portas para a poesia feminina, um grande avanço para a literatura goiana.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ABREU, Casimiro. *Primaveras*. Porto Alegre: L e PM Pocket, 1999.

ARISTÓTELES. *A poética clássica*. São Paulo: Editora Cultrix, 2005.

AZEVEDO, Álvares de. *Lira dos vinte anos*. São Paulo: Editora Escala 2008.

BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. Trad. Antônio Dumesil. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

\_\_\_\_\_. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fonte, 2003.

BECHARA, Evanildo. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011.

*BÍBLIA DE JERUSALÉM*. São Paulo: Editora Paulus, 2013.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

*Catecismo da Igreja Católica*. São Paulo: Edições Loyola, 2000. p. 184

CHEVALIER, J& GHEERBRANT. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro, Ed. José Olympio. 1990

CORTAZAR, Júlio. “Para uma Poética”, “Interlúdio Mágico” In: Valise de Cronópio. Trad. de Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 85-101.

DENÓFRIO, Darcy França. *Lavra dos Goiazes: Leodegária de Jesus*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2001. Prêmio Colemar Natal e Silva de Crítica Literária, 2003, da Academia Goiana de Letras. Medalha Leodegária de Jesus, 2001, da UBE-RJ.

DONÓFRIO, Salvatore. “Conceito do poético” (p.9-32) *Teoria do texto 1*. São Paulo: Ática, 1992.

\_\_\_\_\_. *Teoria do Texto 2 – Teoria da lírica e do drama*. São Paulo: Ática, 1995.

DUBOIS, Jacques et. al. *Retórica da Poesia*. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Cultrix, 1980.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Tradução Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. *O imaginário*. Tradução René Eve Levié. Rio Janeiro: Difel, 5ª edição, 2011.

\_\_\_\_\_. *A imaginação simbólica*. Trad.: Eliane Fittipaldi Pereira. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo – USP, 1988.

DUFRENNE, Mikel. *O poético*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

EIKHENBAUM, Boris. et. al. *Teoria da Literatura - Formalistas Russos*. Trad. Ana Mariza Ribeiro, Maria Aparecida Pereira, Regina L. Zilbermam, Antônio Carlos Hohlfeldt.. Porto Alegre: Globo, 1971

FERNANDES, José. *O interior da letra*. Goiânia: UCG, 2007.

\_\_\_\_\_. *As imagens da crítica- poesia*. Goiânia: UCG, 2012.

FRANÇA, Basileu. *Poetisa. Leodegária de Jesus*. Goiânia: Kelps.1996.

FRIEDRICH, Hugo. *A Estrutura da Lírica Moderna*. São Paulo, Duas Cidades, 1978.

FRYE, Northrop. “Introdução polêmica” in. *Anatomia da Crítica*. Trad. Péricles Eugênio da Silva Ramos, São Paulo: Cultrix,1973. p.11-36.

JAPIASSÚ, Hiltone; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de Filosofia*.3.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. Trad. Izidoro Bitkstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2002. 162 p.

\_\_\_\_\_. “O Dominante”. In. *Teoria da Literatura em suas Fontes*. vol I. Trad. da conferência citada de Jorge Wanderley. Sel. e intr. de Luiz Costa Lima, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. p. 485-491.

JESUS, Leodegária de. *Coroa de Lírios*. Campinas: Editora Livro Azul, 1906.

\_\_\_\_\_. *Orquídeas*. São Paulo: Editora Ave Maria, 1928

JUNIOR, Cretella José. *Dicionário latino- português*. São Paulo: Companhia editora nacional, 1958.

LEFEBVE, Maurice-Jean. *Estrutura do Discurso da Poesia e da Narrativa*. Trad. José Carlos Seabra Pereira. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.

LIMA, Maria de Fátima Gonçalves. *Leitura e Poesia – Do Barroco ao Romantismo*. Coleção Verso e Prosa, Kelps / Editora PUC-GO, 2009.

\_\_\_\_\_. *Leitura e Poesia II*. Coleção Verso e Prosa, Kelps/ Editora PUC- GO, 2011.

LOTMAN, Iuri. *A Estrutura do Texto Artístico*. Trad. Maria do Carmo Vieira Raposo e Alberto Raposo. Lisboa: Estampa, 1978. p.479

LURKER, Manfred. *Dicionário de Simbologia*. São Paulo: Martins fontes, 2003.

MEIER, Celito. *Filosofia para uma inteligência da complexidade*. Belo Horizonte: Editora pax, 2014, p. 89-90/114

NUNES, Benedito. *Passagem para o Poético*. São Paulo: Ática, 1986.

PAZ, Otávio. *O Arco e a Lyra*. 2ª ed. Trad. de Olga Savary. Editora Nova Fronteira, 1982

\_\_\_\_\_. “Verso e prosa”; “Imagem”. “Signo em rotação” In: *Signos em Rotação*. Trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 1976. 11- 62 p.

PIGNATARI, Décio. “Áporo”: Um inseto semiótico. In: *Contra comunicação*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1971. p. 131-137. (Col. “Debates”, 44)

POUND, Ezra. *ABC da Literatura*. Trad. de Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo, Ed. Cultrix, 1970.

\_\_\_\_\_. *A Arte da Poesia*. Ensaios Escolhidos por Ezra Poud. Tradução de Heloysa de Lima Dantas e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1976. p. 21- 96.

RICOEUR, Paul. *A Metáfora Viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 2000. 500 p.

SARTRE, Paul Jean. *Imaginação*. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L e PM Pocket, 2011

SILVA, Domingo. *Uma teoria do poema*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

TELES. Gilberto Mendonça. *A poesia em Goiás*. Goiânia: UFG, 1982.

TURCHI, Maria Zaíra. *Literatura e antropologia do imaginário*. Brasília: Ed. da UNB, 2003.